

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS

ANNA MARIA MARTINS SOUZA

**OS DOIS LADOS DE UM MURO: UM ESTUDO DOS
COMENTÁRIOS DAS MANIFESTAÇÕES DE 2016**

VITÓRIA
2018

ANNA MARIA MARTINS SOUZA

OS DOIS LADOS DE UM MURO: UM ESTUDO DOS COMENTÁRIOS DAS MANIFESTAÇÕES DE 2016

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de concentração Estudos Sobre Texto e Discurso.

Orientadora: Prof^a Dr^a Micheline Mattedi Tomazi.

Coorientador: Mário Acrísio Alves Junior

VITÓRIA
2018

ANNA MARIA MARTINS SOUZA

OS DOIS LADOS DE UM MURO: UM ESTUDO DOS COMENTÁRIOS DAS MANIFESTAÇÕES DE 2016

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de concentração Estudos Sobre Texto e Discurso.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Micheline Mattedi Tomazi
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Mário Acrísio Alves Júnior
Universidade Federal do Espírito Santo
Coorientador

Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

Prof. Dr. Roberto Perobelli de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Interno

Dedico este trabalho à memória de meus pais: Ricardo e Rozilene

AGRADECIMENTO

À Deus que preparou este momento antes mesmo de eu ter conhecimento. Me capacitando para o exercício da escrita e dando forças para todos os recomeços que enfrentei durante a jornada no mestrado.

À minha querida orientadora, Prof^a Dr^a Micheline Matedi Tomazi, que sempre acreditou em mim, sendo minha base fundamental de apoio e incentivo, desde os estudos em graduação. À você todo o meu respeito, carinho e eterna admiração.

Ao meu coorientador, Prof^o Dr^o Mário Acrísio Alves Júnior, que me ajudou em momentos de dúvida, sendo muito atencioso e solícito quando precisei.

Ao Prof^o Roberto Perobelli, por suas valiosas contribuições em minha qualificação.

Aos doutores do Programa de Pós-Graduação de Estudos Linguísticos, por me ajudarem a trilhar caminhos o qual eu jamais imaginei percorrer.

Aos meus pais, Ricardo e Rozilene, que se mantêm vivos em meu coração, fazendo-me lembrar sempre que o estudo foi a maior herança que eles me deixaram.

Às minhas amadas irmãs, Raphaela e Valéria, que sempre entenderam os momentos de ausências, ajudando-me no que estavam ao alcance delas, para que esta caminhada fosse mais leve.

Ao meu filho, João Pedro, que compreendeu todas as vezes que não pude lhe dar atenção e que por diversas vezes teve que se virar com afazeres básicos do dia a dia.

Ao meu amor, Andrei, que foi o maior suporte que tive durante toda essa trajetória. Me apoiando, incentivando e jamais permitindo que eu desistisse. À você eu devo muito mais que agradecimentos.

À minha família, tias, primas, madrinha e, sobretudo, aos meus avós, Cecília, Maria e Zequinha, que compreenderam os momentos de ausência e sempre estiveram me dando apoio e carinho. Me dói saber o quanto fiquei distante de vocês neste período.

Às minhas amigas e parceiras de pesquisa, Tamiris, Jéssica, Sheila e Maruza, pelos esclarecimentos, trocas de experiências e preocupação mútua.

Aos meus amigos e colegas do SESI, que sempre foram muito atenciosos nos momentos em que estive aflita e me confortaram nos momentos de frustrações.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta e indireta me motivaram, me inspiraram e me deram forças para chegar até o fim com esta pesquisa.

“Por que você quer tanto isso?
- Porque me disseram que eu não conseguiria”.

Homens de Honra (2000).

RESUMO

O processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff está inserido em um cenário político brasileiro bastante controverso. Um dos momentos de maior divergência de opiniões para a população foi a construção de um muro de contenção em frente ao prédio da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Este marco tornou concreta a divisão preexistente da sociedade. Este contexto sociopolítico se tornou assunto em debates pessoais e virtuais, em que Facebook serviu como espaço de divulgação de opiniões. Diante deste cenário, esta pesquisa busca analisar as manifestações discursivas realizadas por grupos pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff, em meio a comentários publicados em um post veiculado na página do jornal O Globo, no Facebook. Para isso, adotamos uma metodologia de análise qualitativa, visando um critério de amostragem, a qual apresentamos alguns comentários que revelam uma estratégia recorrente nos demais. Objetivamos discutir as estratégias linguísticas que promovem a autoapresentação positiva do *intragrupo* e outro-apresentação negativa do *exogrupo*. Tendo isto em vista, utilizaremos como aporte teórico a abordagem sóciocognitiva de van Dijk (1999a; 2011a; 2012a; 2012b; 2012c; 2014; 2016), a fim de aprofundarmos nossas reflexões e análises do corpus, discutindo a estratégia de polarização discursiva. Além disso, adotamos as reflexões sobre as noções de Facebook postuladas por Malini (2013; 2016), Castells (2004; 2014) e Barton & Lee (2015), Lima (2015) para compreendermos melhor o suporte utilizado em nossa pesquisa. Os resultados obtidos evidenciam que as construções argumentativas utilizadas pelos atores reforçam a polarização, impedindo a promoção do debate construtivo sobre os motivos que levam os grupos a se oporem. Deste modo, os comentaristas expressam a polarização discursiva, preocupando-se principalmente com a colocação positiva do *intragrupo*, ao passo que almeja desqualificar o *exogrupo*.

Palavras Chave: Análise Crítica do Discurso, Polarização Discursiva, *Impeachment*, *Facebook*.

ABSTRACT

The impeachment process of the former president Dilma Rousseff is included in a controversial Brazilian political scenario. One of the most divergent moments of opinion for the population was the construction of a retaining wall in front of the Esplanada dos Ministérios building in Brasília. This framework has made concrete the pre-existing division of society. This sociopolitical context became a subject in personal and virtual debates, in which Facebook served as a forum for the dissemination of opinions. Given this scenario, this research seeks to analyze the discursive manifestations carried out by groups pro and against the former President Dilma Rousseff, amid comments published in a post on the O Globo newspaper's Facebook page. For this, we adopted a methodology of qualitative analysis, aiming at a sampling criterion, which we present some comments that reveal a recurring strategy in the others. We aim to discuss the linguistic strategies that promote positive self-presentation of the *intragroup* and negative presentation of the *exogroup*. In this paper we will use, as theoretical contribution, the van Dijk's sociocognitive approach (1999a; 2011a; 2012a; 2012c; 2012c; 2014; 2016), in order to deepen our reflections and analysis of the corpus, discussing the strategy of discursive polarization. In addition, we adopted the reflections on the notions of Facebook postulated by Malini (2013, 2016), Castells (2004, 2014) and Barton & Lee (2015), Lima (2015), to better understand the support used in our research. The results show that the argumentative constructions used by the actors reinforce the polarization, preventing the promotion of constructive debate about the reasons that lead the groups to oppose each other. Thus, the commentators express the discursive polarization, being concerned mainly with the positive placement of the *intragroup*, while aiming to disqualify the *exogroup*.

Keywords: Critical Discourse Analysis, Discourse Polarization, *Impeachment*, Facebook

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As relações macro e micro da ordem social.....	70
Quadro 2 – Categorias de contexto.....	72
Quadro 3 – Categorias discursivas	73
Quadro 4 – Quadrante ideológico da polarização discursiva	78
Quadro 5 – Legenda das cores utilizadas no encobrimento das fotos dos usuários.....	88
Quadro 6 – Categorias de análise.....	91
Quadro 7– Categorias de Contexto empregadas no corpus.	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Isolamento de contenção para a votação do impeachment, na Câmara dos Deputados, no dia 17 de abril de 2016: contra o impeachment à esquerda e pró-impeachment à direita, no gramado da Esplanada dos Ministérios, no Distrito Federal	28
Figura 2 – Comentários com disputas entre manifestantes pró e contra Dilma Rousseff no Facebook.....	36
Figura 3 – Infográfico dos principais assuntos veiculados nas redes sociais no dia 17 de abril de 2016.....	42
Figura 4 – Gráfico com o ranking das redes sociais mais utilizadas em 2016 no Brasil	48
Figura 5 – Exemplo de postagem e opções de comentário	54
Figura 6 – Exemplo de publicação pública	55
Figura 10 – <i>Print</i> do <i>post</i> da publicação feita no Jornal O Globo	87
Figura 11 – Exemplo da codificação utilizada	89
Figura 12 – Comentário com o léxico “coxinha”	98
Figura 13 – Comentário do léxico “mortadela” com referência a alimento	99
Figura 14 – Comentário do léxico “mortadela” com referência aos manifestantes pró-Dilma Rousseff	100
Figura 15 – Comentário com o marcador discursivo ordenador.....	102
Figura 16 – Comentário com modalizador apreciativo	104
Figura 17 – Comentário com modalizador apreciativo e depreciativo	106
Figura 18 – Comentário com sujeito genérico “este pessoal”	108

Figura 19 – Comentário com sujeito genérico “pessoas”	109
Figura 20 – Comentário com o conectivo “e” com valor de separação	110
Figura 21– Comentário com Ponto continuativo.....	112
Figura 22 – Comentário com apreciações de atitudes do intragrupo e exogrupo ...	113
Figura 23 – Comentário com apreciações de atitudes do exogrupo	115

LISTA DE SIGLAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

BNDS – Banco Nacional do Desenvolvimento

CUT – Central Única dos Trabalhadores

DF – Distrito Federal

EBC – Empresa Brasil de Comunicação

EUA – Estados Unidos da América

IC – Iniciação Científica

MPC – Ministério Público de Contas

MPF – Ministério Público Federal

PIB – Produto Interno Bruto

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PRN – Partido da Reconstrução Nacional

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PTC – Partido Trabalhista Cristão

PV – Partido Verde

RDA – República Democrática Alemã

RFA – República Federal da Alemanha

RS – Representação Social

TCU – Tribunal de Contas da União

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	16
1.2. <i>Corpus</i> da pesquisa e metodologia	18
1.4. Objetivos da pesquisa.....	19
1.5. Percorso de análise.....	20
2 MUROS: UMA SEPARAÇÃO FÍSICA E IDEOLÓGICA	22
2.1 OS MUROS NO MUNDO E NO BRASIL	22
2.2 ANTES DO MURO: SITUAÇÃO QUE LEVOU AO PROCESSO DE <i>IMPEACHMENT</i> DA EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF	29
2.3 OS MANIFESTANTES PRÓ E CONTRA O <i>IMPEACHMENT</i>	37
3 A REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i>.....	43
3.1 As redes sociais virtuais.....	43
3.2 A rede social <i>Facebook</i>	47
3.3 O comentário do <i>Facebook</i>	52
4 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA PROPOSTA SOCIOCognITIVA DE VAN DIJK	57
4.1 A proposta sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso de van Dijk	57
4.1.1 A IDEOLOGIA	67
4.1.2 AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS E AS CATEGORIAS DE CONTEXTO....	69
5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS.....	84
5.1 METODOLOGIA DE APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	84

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	90
5.3 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS POR CRITÉRIOS DE AMOSTRAGEM	96
5.3.1 Escolha Lexical dos Itens “Coxinha” e “Mortadela”	96
5.3.2 Marcadores Discursivos: ordenadores de abertura e continuidade	102
5.3.3 Modalizadores apreciativos	104
5.3.4 Sujeitos genéricos	107
5.3.5. Conectivo “e” com valor de separação.....	110
5.3.6 Indicador do ritmo de leitura: ponto continuativo.....	111
5.3.7 Apreciações das atitudes	113
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXOS	127

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O Brasil vivenciou, nos últimos anos, um cenário bastante difícil para a política brasileira. O grande *estopim* desse momento foi o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Esse momento dividiu opiniões entre o povo e, diante desse fato, uma das decisões mais marcantes aconteceu no dia 12 de abril de 2016, em que a ex-presidente solicitou que fosse colocado um muro de contenção em frente ao prédio da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A justificativa era de dividir os manifestantes que iriam protestar no dia 17 de abril de 2016, dia da votação dos deputados sobre o andamento do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, para evitar possíveis conflitos.

A construção do muro foi um marco, pois tornou concreta a divisão preexistente da sociedade que, naquele momento, apresentava opiniões divergentes a respeito da deposição da ex-presidente. Assim, o processo de *impeachment*, somado à construção do muro, se tornou assunto em vários debates pessoais e, principalmente, virtuais. Neste sentido, o *Facebook* virou espaço para a divulgação de opiniões e defesas das ideologias distintas que surgiram.

Levando em consideração esse cenário, percebemos que o *Facebook* acabou sendo uma importante ferramenta, utilizada por manifestantes pró e contra o *impeachment*. Eles usaram essa rede social para expor suas opiniões sobre o momento vivenciado pelos brasileiros e, sobretudo, as expectativas acerca dos manifestantes que iriam à Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para protestarem e exporem seus posicionamentos políticos.

Nesse sentido, percebemos a importância em estudar os discursos publicados por meio de comentários na página do jornal O Globo, que divulgou um *post* de notícia sobre o Muro do *Impeachment*, divulgação a qual se tornou pretexto entre os usuários para aproveitarem o assunto e divulgarem suas apreciações sobre tal evento. Objetivamos, neste estudo, buscar marcas linguístico-discursivas existentes nos comentários colhidos no *corpus* para compreender como que se deu a polarização discursiva entre membros do *intragrupo* e do *exogrupo*.

A motivação para esta pesquisa sobre o tema sociopolítico teve início em um projeto de Iniciação Científica (IC), desenvolvida em 2014/2015, durante a qual analisamos o último debate eleitoral, exibido pela Rede Globo, integrado pelos candidatos à Presidência da República da época, sendo eles: Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), e Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Na oportunidade, optamos por analisar, por meio de uma abordagem sociocognitiva de Análise Crítica do Discurso (ACD), de van Dijk (1999a; 2011a; 2012a; 2012b; 2012c; 2014; 2016) as estratégias de negação e ressalva utilizadas pelos candidatos à Presidência da República brasileira. Além disso, também estudamos o comportamento da instituição Rede Globo, bem como se deu o gerenciamento das imagens, por meio de uma estratégia de multimodalidade, como aproximação e afastamento de câmera, cor e tempo de foco individual da câmera em cada participante; para esta última análise, utilizamos a teoria postulada por Kress e van Leeuwen (2001; 2006). Os resultados da pesquisa de IC apresentaram um discurso extremamente polarizado dos candidatos à presidência da república, mostrando maior preocupação em realizar um julgamento negativo do outro do que em apresentar propostas de governo e promessas de melhoria; quanto à discussão sobre a instituição Rede Globo, foi perceptível o comportamento de favorecimento do candidato representante do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Aécio Neves.

Tendo em vista os resultados encontrados e os atores e instituição adotados como objeto de análise durante a pesquisa de IC, despertou-nos a curiosidade em saber como ocorriam os discursos entre atores sociais que não participavam diretamente da esfera política, sendo passivos das decisões e resultando na divisão do povo em dois lados: um em apoio ao governo e suas decisões e outro em desaprovação. Assim, buscamos, neste trabalho, estudar as estratégias de polarização discursiva utilizadas por membros de grupos pró e contra o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

A escolha pelo ambiente *Facebook* se deu pela relevância e complexidade que essa plataforma possui, perante seus usuários, sendo, inclusive, caracterizada como a rede social que ocupa o posto de mais utilizada e acessada diariamente em todo o Brasil (MALINI, 2016). Além disso, a escolha pelo gênero comentário do *Facebook* se deu pelo fato de esta rede obter pouca regulamentação judicial, acerca dos conteúdos

postados e, por esse motivo, caracteriza os conteúdos postados como um forte instrumento de propagação de críticas, opiniões e julgamentos sobre diversos grupos e acontecimentos (EMEDIATO, 2015).

Tendo em vista a problematização apresentada, estabelecemos para esta pesquisa os seguintes pressupostos: (1) os comentários no *Facebook* possuem marcas linguístico-discursivas que revelam posicionamentos dos usuários sobre a construção do muro e, principalmente, sobre o fato de ele ser pró ou contra o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff; (2) essas marcas linguístico-discursivas podem levar a uma polarização discursiva, de modo a enfatizar aspectos ruins do *exogrupo* e aspectos positivos do *intragrupo*.

Nesta perspectiva, e diante da apresentação do problema de pesquisa, nas páginas seguintes teremos mais detalhes sobre o *corpus* de nosso trabalho, a metodologia adotada, o quadro teórico, os objetivos e, por fim, nosso percurso de análise nesta dissertação.

1.2. *Corpus* da pesquisa e metodologia

O nosso *corpus* de pesquisa é composto por 117 comentários, feitos em um *post* de uma notícia veiculada pelo jornal O Globo, no dia 09 de abril de 2016¹, e publicada na página do *Facebook* do mesmo jornal, no mesmo dia. O tema do *post* e dos comentários analisados em nossa pesquisa concerne ao dia 17 de abril de 2016, dia da votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, na câmara dos deputados e, principalmente, ao polêmico muro de contenção, colocado em frente à Esplanada dos Ministérios, em Brasília, a fim de separar grupos de manifestantes contra e a favor do *impeachment*.

Salientamos que, embora nosso *corpus* seja composto por 117 comentários, utilizamos a metodologia de análise por amostragem, sendo assim, selecionamos

¹O *post* pode ser acessado no seguinte *link*: Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=segundo%20o%20levantamento%20do%20O%20Globo%20o%20numero%20de%20votos%20a%20favor%20do%20impeachment%20>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

para as discussões os comentários que melhor se enquadravam dentro das categorias discursivas que elencamos para apresentar a polarização discursiva presente nos comentários de manifestantes pró e contra o *impeachment*.

Postas essas considerações, ressaltamos que o capítulo cinco desta dissertação é reservado para a apresentação mais detalhada da metodologia, juntamente com o estudo do *corpus*, apresentando mais detalhes sobre as questões abordadas nesta seção.

1.3. Definição do quadro teórico

O aporte teórico principal de nosso estudo se baseia nos preceitos da teoria sociocognitiva de ACD cunhada por van Dijk (1999a; 2011a; 2012a; 2012b; 2012c; 2014; 2016), a fim de aprofundarmos nossas reflexões e análises do *corpus*, a fim de verificar a polarização discursiva. Além disso, adotamos as reflexões sobre as noções de *Facebook* postuladas por Malini (2013; 2016), CASTELLS (2004; 2014) e BARTON & LEE (2015), LIMA (2015).

1.4. Objetivos da pesquisa

O objetivo principal desta dissertação é compreender, a partir de uma análise sociocognitiva de ACD, como os discursos veiculados nos comentários do *Facebook* podem gerar polarizações discursivas entre manifestantes contra e a favor do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever como as escolhas lexicais; os ordenadores de abertura e continuidade; os sujeitos genéricos; as apreciações de atitudes; os modalizadores apreciativos; o ponto continuativo e, por fim, o conectivo “e” contribuem para gerar uma polarização discursiva nos comentários sobre a votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

2. Explicar como essas estratégias de polarização perpassam o nível textual, social e cognitivo, por meio de uma abordagem sociocognitiva de ACD, e demarcam posicionamentos ideológicos do usuário que realiza o comentário.

Para atingir os objetivos elencados acima, apresentaremos na próxima seção o percurso de análise adotado nesta dissertação.

1.5. Percurso de análise

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos, além desta introdução.

No segundo capítulo, apresentamos a contextualização histórica em que os comentários estavam inseridos, bem como problematizamos questões que envolvem as barreiras que a construção de um muro traz para a sociedade que sofre tal separação.

No terceiro capítulo, fazemos uma breve apresentação sobre as questões que envolvem a rede social *Facebook*, a fim de compreendermos o universo em que os comentários do nosso *corpus* está inserido, bem como o comportamento característico de usuários dessa rede social.

No quarto capítulo, vamos expor a proposta sociocognitiva de Análise Crítica do Discurso (ACD), de van Dijk (1999a; 2011a; 2012a; 2012b; 2012c; 2014; 2016). Primeiramente, apresentamos a proposta e suas definições teóricas e pertinentes para a nossa pesquisa, depois, nos dedicamos a compreender a estratégia de polarização discursiva cunhada por van Dijk (2012a; 2012b).

No quinto capítulo, apresentamos a metodologia e os procedimentos de análises, assim, primeiramente, realizamos a descrição do *corpus*, do método utilizado para o encobrimento da identidade dos usuários dos comentários analisados e, também, das categorias discursivas elencadas por nós para compreender a polarização discursiva entre os grupos pró e contra Dilma Rousseff. No segundo momento desse capítulo, destinado às análises, apresentaremos comentários que exemplificam os tipos de construções linguístico-discursivas que contribuem para uma polarização discursiva.

Por fim, no sexto capítulo, expomos as considerações finais desta pesquisa, postuladas a partir das constatações evidenciadas no momento da análise do *corpus*. Assim, procuramos trazer reflexões para o estudo linguístico e, também, social a partir dos resultados encontrados.

2 MUROS: UMA SEPARAÇÃO FÍSICA E IDEOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos uma discussão sobre o cenário em que se deu o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, bem como sobre a simbologia por trás da construção do polêmico Muro do *Impeachment* e, também, de outros muros já criados no âmbito mundial. Assim, na primeira seção deste capítulo, intitulada “Os muros no mundo e no Brasil”, apresentaremos uma breve discussão sobre as construções de muros em todo o mundo, bem como sua forma de segregar grupos de forma simbólica e física; após essa explanação sobre muros, abrimos uma próxima seção, intitulada “Antes do muro: situação que levou ao processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff”, a fim de apresentar melhor como se deu o contexto que levou ao processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Por fim, no último item deste capítulo, nomeado por “Os manifestantes pró e contra o *impeachment*”, apresentamos as crenças ideológicas que levaram à divisão da sociedade brasileira em dois grupos, dos quais um entendia o processo de *impeachment* como necessário para a ordem nacional e o outro como um golpe da oposição.

2.1 OS MUROS NO MUNDO E NO BRASIL

A palavra “muro” é definida por um dos grandes dicionários brasileiros como:

1. Obra de alvenaria, adobe, taipa, tijolo etc., destinada a cercar um recinto, a proteger um povoado ou cidade, ou separar um lugar de outro. 2. Tudo que possa servir para separar uma coisa de outra, ou defendê-la; 3. [*sentido figurado*] defesa proteção, auxílio; 4. [*sentido figurado*] obstáculo intransponível (MURO. In: BORBA, 2002).

Socialmente, a palavra “muro” representa uma estrutura física cuja finalidade é segregar o mundo de dentro em relação ao de fora, ou seja, configura uma demarcação da divisão entre dois lados. Para Friedrich Engels (2006), a humanidade passou por um processo de desenvolvimento social. Nesse processo, um dos estágios pré-históricos de cultura compreendeu o estabelecimento da civilização, na qual o ser humano ampliou e complexificou a elaboração dos produtos naturais. Neste momento, ocorreu não somente a divisão social pautada nos modos de trabalho, mas também a segregação a partir do estabelecimento de propriedades privadas de terras.

A demarcação desses espaços, de uso exclusivo por grupos que os detinham, portanto, seria uma resolução à escassez que atingia outros membros das sociedades humanas. Assim, para assegurar a propriedade da terra, que era a principal riqueza conhecida até o capitalismo moderno, a divisão social se estratificou para a divisão territorial, surgindo assim as propriedades privadas. Estas, então, tinham como função proporcionar a limitação espacial entre grupos sociais (ENGELS, 2006).

Dessa forma, a criação de muros se deu tendo em vista reforçar e evidenciar essas divisões territoriais, que, por sua vez, simbolizavam também a separação entre grupos detentores da propriedade e os demais, desprovidos de terras. Assim, os muros limitam a livre circulação em um espaço, servindo também como barreira de proteção a fim de criar um novo território, evitando o encontro indesejado com o outro. Desse modo, se antes vivíamos sem os muros, morando em tribos e comunidades, com o desenvolvimento sociocultural e, conseqüentemente, a modernização, não temos mais essa realidade social, ocasionando menos tolerância com as diferenças. Atualmente, a simbologia de um muro retoma a ideia de proteção, marcando a divisão de espaços, classes e tipos de pessoas (CARDOSO, 2017).

Historicamente, os muros foram utilizados de forma a reforçar as funções supracitadas, de separação e proteção do espaço territorial de um grupo detentor em relação a outros grupos sociais. Essa segregação ocorreu tanto na esfera particular, através da criação de propriedades privadas limitadas por muros ou estruturas semelhantes a estes (como cercamentos), quanto na esfera estatal, com delimitação de fronteiras muradas. No decorrer do tempo, algumas dessas estruturas tornaram-se famosas, seja por suas dimensões, seja por seu cunho ideológico.

A Grande Muralha da China é o maior muro do planeta e sua construção teve início por volta do século III antes de Cristo, durante o reinado do imperador Chin Shih-Huang-Ti. O objetivo era proteger os confins setentrionais do reino chinês das tribos mongóis, realizando ligações entre diversas fortalezas pré-existentes no território do império chinês. A Muralha da China é considerada o mais longo dos muros, por correr do golfo de Liao-Tung até o Tibete, com aproximadamente nove mil quilômetros de

extensão, sendo que, destes, cerca de seis mil quilômetros são murados². Cabe destacar que, nesse caso, o muro apresenta as funções de separar duas culturas distintas (mongol e chinesa) e de proteger o território do império chinês, grupo social detentor das terras (COSTA, 2017).

Observa-se, no tocante à Grande Muralha da China, que a função do muro retoma a colocação mencionada anteriormente, de ser uma estrutura física cuja finalidade é segregar o mundo de dentro em relação ao de fora. É possível verificar, ao longo dos séculos e ao redor do mundo, outros exemplos de usos de muros com a mesma função. No entanto, no decorrer da história humana, observamos que a utilização dos muros ampliou-se para além da demarcação territorial e proteção contra grupos invasores.

Um exemplo é o Muro de Berlim, construído em uma única noite, entre os dias 12 e 13 de agosto de 1961. Esse muro é o emblema mais explícito da cortina-de-ferro³, fronteira consolidada no contexto histórico da Guerra Fria entre os ideais norte-americanos capitalistas e a ideologia soviética comunista. Dessa forma, o Muro de Berlim representa não apenas a divisão, na cidade, entre a República Federal da Alemanha (RFA, regime capitalista) e a República Democrática Alemã (RDA, de regime comunista), mas sim a divisão da Europa entre a zona de influência norte-americana e a zona de influência soviética. Esse exemplo é muito mais representativo de uma estratificação sociocultural e ideológica do que de uma forma de proteção e defesa de propriedades/fronteiras territoriais. Sendo assim, o Muro de Berlim resgata a simbologia de um muro que demarca tipos de pessoas, ou, neste caso, cunhos ideológicos opostos (COSTA, 2017).

O muro ficou universalmente conhecido por “Muro da Vergonha”, tendo sido criado pelo regime comunista da Alemanha Oriental a fim de impedir o fluxo migratório da zona oriental para a ocidental. Ou seja, nesse caso, a função de proteção do muro estava voltada para o impedimento de acesso à cultura e à ideologia do bloco

² O restante da Muralha da China é composto por aproximadamente dois mil quilômetros de barreiras naturais, compostas de rios, montanhas, entre outras, e por cerca de trezentos quilômetros de trincheiras.

³ A expressão “cortina de ferro” foi utilizada no período da Guerra Fria e fazia referência à divisão do continente entre Europa Ocidental e Europa Oriental.

ocidental. Para tanto, a estrutura contava com uma extensão de cento e cinquenta e cinco quilômetros, além de uma altura de aproximadamente quatro metros (CARDOSO, 2017).

A queda do Muro de Berlim ocorreu no dia 09 de novembro de 1989, devido a uma crise que se deu no sistema socialista e que acabou afetando diretamente o lado leste da atual Alemanha. No dia em que o muro foi derrubado, pessoas foram às ruas para ajudar a destruí-lo e para celebrar a redemocratização de Berlim Oriental. Hoje, ainda há algumas partes do muro de pé, em diversos locais da cidade, que são preservadas com a intenção de não deixar a história ser esquecida. Essa queda é bastante significativa porque representa o fim da Guerra Fria (CARDOSO, 2017).

Costa (2017) apresenta o termo “doença do muro”, cunhado pelo psicólogo berlinense Dietfried Muller-Hegermann⁴, na década de 1970. Ele estudou as consequências psicológicas que a existência do Muro de Berlim acarretou à população que viveu nos seus arredores e analisou o aumento das taxas de depressão, alcoolismo e violência familiar. Partindo dessa conjectura, Costa (2017) destaca que as fronteiras continuam a se materializar para além das linhas divisórias imaginárias.

Nesse sentido, “os muros podem ser lidos de maneiras diversas, ora como um direito, ora como um ataque, podendo ser um divisor ou protetor” (CARDOSO, 2017, p. 03), sendo o maior exemplo para essa afirmação o Muro de Berlim, supracitado. Outro exemplo, desta vez atual e ainda existente, é o muro que faz fronteira entre os Estados Unidos da América (EUA) e o México. Essa construção, por sua vez, separa não somente a fronteira entre os dois países, mas segrega, também, a população mexicana da população estadunidense, intensificando a divisão sociocultural, aumentando a xenofobia e a rivalidade entre essas duas nacionalidades e demarcando o que essas identidades nacionais representam (CARDOSO, 2017).

⁴ Para saber mais sobre o psicólogo Dietfried Muller-Hegermann, sugerimos a seguinte leitura: Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/muller_hermann_joseph.htm> Acesso em 12 de junho de 2018.

O muro que divide os Estados Unidos da América e o México começou a ser construído em 1994, pelo governo do presidente americano Bill Clinton, em meio ao programa *Operation Gatekeeper*⁵. Esse programa tinha por principal objetivo a contenção do narcotráfico e da imigração ilegal de mexicanos, que tentavam cruzar a fronteira entre os países em busca de melhores condições de vida nos EUA. Atualmente, a barreira possui em torno de mil quilômetros de extensão, sendo composta por placas de metal e ferro e, nos pontos de cruzamento entre as fronteiras, por guardas que fazem a vigia do território americano (CARDOSO, 2017).

Com o decorrer do tempo e a melhoria das relações comerciais entre os dois países, houve um estreitamento do trânsito de pessoas pela fronteira, pois os Estados Unidos aumentavam a dificuldade para imigração mexicana. Atualmente, o fluxo de imigrantes ilegais que se arriscam a atravessar não somente o bloqueio estruturado do muro, mas também a barreira natural⁶ da fronteira entre os países, ainda é muito alto. Não obstante, é comum se deparar com notícias de prisões de imigrantes ilegais e de mortes na tentativa de entrada nos EUA.

O caso do muro que separa os Estados Unidos da América do México explicita todas as funções atribuídas a muros aqui apresentadas. Nesse exemplo, o muro atua como forma de reforçar e evidenciar divisões territoriais, assim como de separar grupos socioculturais distintos, limitando a livre circulação em um espaço e evitando o encontro indesejado com o outro (CARDOSO, 2017). Dessa forma, é um muro que simbolicamente representa proteção para o povo norte-americano, dividindo tipos de pessoas e países distintos economicamente, socialmente e culturalmente.

Para Costa (2017 p.03), falar sobre muros, em uma visão separatista de sociedade, nos faz pensar que “aprendemos pouco ou nada com esse modelo ultrapassado e falido de solução de conflitos”. Conforme apresentado anteriormente, os muros foram utilizados na história da humanidade como forma de segregação social, nos mais diversos aspectos (territorial, econômico, cultural, ideológico). Desse modo, a utilização de muros atualmente com interesse similar compreende uma forma

⁵ Em português, a tradução pode ser “Operação Guardiã” (tradução nossa).

⁶ Entendemos por barreiras naturais os terrenos áridos, que compõem majoritariamente o território da fronteira entre esses países.

ultrapassada de resolução de conflitos. No entanto, ainda é possível encontrar essa realidade, como se verifica no exemplo do muro entre Estados Unidos e México⁷, citado acima, assim como no caso do muro que foi construído tendo em vista separar manifestantes pró e contra o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Por uma decisão da ex-presidente Dilma Rousseff, no dia 12 de abril de 2016 foi construído, em frente ao prédio da Esplanada dos Ministérios, em Brasília, um muro, sob a justificativa de ser uma forma segurança, tendo como objetivo evitar o possível enfrentamento de grupos pró e contra *impeachment*, durante a votação ocorrida no dia 17 de abril de 2016.

Esse muro gerou muita polêmica entre o povo brasileiro, a começar pela sua construção, para a qual foram mobilizados, como mão de obra, detentos que cumpriam pena sob o regime semiaberto. O filósofo Marcos Nobre (2016) afirma que esse muro, popularmente conhecido como “Muro do *Impeachment*”, concretiza uma divisão já existente na sociedade brasileira, constituída não por pessoas que defendem ou não a ex-presidente Dilma Rousseff, mas que separa políticos e a população. Não obstante, ele faz uma crítica ao extenso corredor instalado no meio dos manifestantes. Para Nobre (2016), a divisão da sociedade ao meio (independentemente de suas ideologias políticas) representa a relação de poder dos governantes, que filtram e barram pressões populares com o objetivo de se perpetuarem no poder⁸. Essa análise feita pelo filósofo pode ser melhor visualizada na Figura 01, a seguir.

⁷ Na seleção desses muros, não ignoramos outros que ainda existem na atualidade, como a Cerca de Ceuta e Mellila, que faz fronteira entre a Espanha e o Marrocos; Muro do Apartheid, que divide a Cisjordânia e Israel; entre outros.

⁸ Como o foco principal de nosso estudo é apresentar características do discurso pró e contra Dilma Rousseff, não nos aprofundaremos nas diversas reflexões que o Muro do *Impeachment* ocasionou.

Figura 1– Isolamento de contenção para a votação do impeachment, na Câmara dos Deputados, no dia 17 de abril de 2016: contra o impeachment à esquerda e pró-impeachment à direita, no gramado da Esplanada dos Ministérios, no Distrito Federal



Fonte: Imagem de Marcelo Bassul para a reportagem do jornal Uol Notícias (2016).

Nobre (2016) afirma que era de interesse dos representantes do poder camuflar essas intenções e colocar grupos que poderiam formar um contrapoder⁹ em situação de oposição e enfrentamento. Dessa forma, a população brasileira acreditou que a construção do muro não teve por finalidade proteger um território de alguma ameaça, mas sim separar grupos sociais com diferentes posicionamentos político-ideológicos. Assim, foi construída uma identidade social para o muro, a qual, equivocadamente, se baseia na polarização crescente entre os manifestantes, conforme observado no quadro da política nacional.

Diante do exposto, acerca dos muros apresentados, e conforme discutido por Peter Marcuse (2004), o papel que os muros desenvolvem em seus ambientes aproxima-se da devida ocupação de um grupo social e, sobretudo, reflete a posição de identificação acerca da forma como um ator social se reconhece, ou pretende-se que se reconheça, ideologicamente. Sendo assim, os muros não são somente demarcações espaciais. A sua estruturação abrange também o âmbito sociocultural implícito, vide que

⁹ O conceito de contrapoder é compreendido por nós como uma reação das minorias sobre as relações de poder estabelecidas por uma elite simbólica (VAN DIJK, 2016a).

apresentam como função a delimitação entre diferentes grupos sociais e suas expressões ideológicas e culturais.

Nesse sentido, compreendemos que o Muro do *Impeachment* foi erguido com a intenção de suscitar a divisão do povo. Na próxima seção deste capítulo, apresentaremos um breve histórico que levou ao pedido de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e, posteriormente, apresentaremos as crenças ideológicas pró e contra o *impeachment*, para compreendermos como surgiu o debate entre representantes dos dois grupos, nas redes sociais.

2.2 ANTES DO MURO: SITUAÇÃO QUE LEVOU AO PROCESSO DE IMPEACHMENT DA EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

Conforme visto na seção anterior, o Muro do *Impeachment* foi construído a partir da deflagração de um evento: a primeira instância do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Para compreender tudo que aconteceu até chegar ao dia da votação, em 17 de abril de 2016, é necessário rever acontecimentos cruciais, que se iniciam antes do mandato de Dilma Rousseff. Assim, nas próximas linhas, elaboraremos uma retrospectiva histórica com os principais pontos do mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e, também, da ex-presidente Dilma Rousseff.

O ano de 2014 foi marcado pelas eleições presidenciais mais acirradas dos últimos tempos. De acordo com o Repositório de Dados Eleitorais, incutido no site do Tribunal Supremo Eleitoral (TSE)¹⁰, outra disputa desse tipo, na história do Brasil, só houve em 1989, quando, no segundo turno, concorreram à presidência da República os candidatos Fernando Collor de Melo (membro do Partido da Reconstrução Nacional [PRN] – atual Partido Trabalhista Cristão (PTC) e Luís Inácio Lula da Silva (PT). Na ocasião, o candidato Fernando Collor foi eleito com 35.089.998 de votos válidos

¹⁰ Para maiores informações sobre estatísticas eleitorais, sugerimos o acesso a página do Repositório de Dados Eleitorais do Tribunal Superior Eleitoral, disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-resultado-2014-resultados>>. Acesso em 23 junho de 2018.

(totalizando 53,03%), contra 31.076.364 de votos válidos (totalizando 46,97%) para Lula.

Retornado ao momento a que se refere este capítulo, no dia 26 de outubro de 2014, os resultados das urnas foram ainda mais próximos para a disputa à presidência do Brasil. Nessa ocasião, a candidata, então presidente, Dilma Rousseff (PT) foi reeleita, junto com o seu vice-presidente, Michel Temer do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), com 54.501.118 votos válidos (totalizando 51,64%), contra 51.041.155 de votos válidos (totalizando 48,36%) para o oponente Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) juntamente com o seu vice, Aloysio Nunes Ferreira (PSDB).

Com números tão próximos, um pouco menos da metade da população brasileira não ficou satisfeita com o resultado da eleição. Ainda, segundo o site do TSE, no seu primeiro mandato, a ex-presidente Dilma Rousseff havia vencido o segundo turno das urnas com resultados mais distantes, adquirindo 55.752.529 de votos (56,05%) contra 43.711.388 de votos (43,95%) do seu oponente José Serra (PSDB), o que pode indicar a insatisfação de alguns eleitores já em seu primeiro mandato.

No entanto, a situação da ex-presidente Dilma Rousseff ficou mais complicada após vencer pela segunda vez nas urnas, visto que o momento econômico vivido pelo Brasil era bastante crítico, devido à crise que se propaga até os dias atuais.

Para entender o contexto da crise econômica que atingiu o Brasil e outros países, precisamos recorrer a 2003, ano do início do mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), embora o objetivo central deste capítulo esteja pautado nos acontecimentos ocorridos durante os anos de 2014 a 2016.

De acordo do Giselle Garcia (2016), correspondente da Agência Brasil no site da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), durante a década de 90 até o ano de 2007, aproximadamente, houve um *boom* nos *commodities*¹¹, fazendo com que o

¹¹Os *commodities* são artigos de comércio, bens que não sofrem processos de alteração (ou que são pouco diferenciados), como frutas, legumes, cereais e alguns metais. Disponível em:

<http://www.suapesquisa.com/o_que_e/commodities.htm>. Acesso em: 27 ago. 2017.

Brasil aproveitasse o momento para aumentar os preços de suas mercadorias, gerando, conseqüentemente, um crescimento na economia. Tal mudança causou euforia, pois o novo modelo econômico adotado na época favorecia a distribuição de renda e a expansão do consumo. Assim, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva encorajou as exportações; estimulou a liberação de crédito pelos bancos públicos, para financiar o desenvolvimento, criando milhões de empregos; reforçou as relações diplomáticas com outros países em desenvolvimento e fez com que o país ganhasse certa relevância no cenário internacional. Além disso, segundo o site do Governo Federal (BRASIL, 2014), programas sociais foram expandidos e o salário mínimo aumentou 72,31% no período de 2003 a 2014.

Com tantos avanços, mais de 40 milhões de brasileiros deixaram a extrema pobreza e começaram a ocupar uma “nova classe média”, passando a ter condições de obter acesso a bens antes restritos a uma pequena parcela da população¹². No entanto, em 2008, com a crise nos EUA, o Brasil teve uma redução enorme na demanda internacional de compra de produtos, fazendo com que o país tivesse uma desaceleração do crescimento.

Para manter o mercado aquecido, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva decidiu estimular o consumo interno e adotar medidas anticíclicas¹³: os impostos foram cortados e o gasto público expandido, por meio de programas de investimentos em infraestrutura. Além disso, em 2009 e 2010, os juros básicos foram reduzidos.

Em 2010, Lula deixou a presidência registrando 7,5% de aumento do Produto Interno Bruto (PIB), sendo a maior expansão desde 1986. No entanto, apesar do estímulo ao consumo, a forte demanda por produtos não foi acompanhada pelo crescimento na produtividade. Desse modo, a indústria brasileira foi a primeira a dar sinais de que as coisas não estavam tão bem quanto parecia.

“Houve uma invasão de produtos importados da China e a indústria nacional não acompanhou, não conseguiu competir. Em 2006 a balança comercial de produtos manufaturados no Brasil teve superávit de US\$ 5 bilhões. Apenas

¹² Podemos citar como exemplo produtos como carros, televisões de tela plana, refrigeradores, cruzeiros marítimos, viagens internacionais etc.

¹³ Política anticíclica é aquela que se dispõe a criar condições para que a economia produza efeitos compensatórios diante de desequilíbrios macroeconômicos. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/commodities.htm>. Acesso em: 27 agosto 2017.

cinco anos depois, em 2011, nós passamos a um déficit de mais de US\$ 92 bilhões”, diz José Augusto Fernandes, diretor de Políticas e Estratégia da Confederação Nacional da Indústria (CNI) (GARCIA, 2016)¹⁴.

Segundo Garcia (2016), em 2011, com o governo da presidente Dilma Rousseff, o cenário econômico do país estava começando a apresentar sua decadência. Assim, foi necessário subir os preços dos produtos para manter a inflação sob controle. O novo governo lançou uma política fiscal mais severa, elevando a taxa de juros para mais de 12%. No entanto, a economia chinesa também estava passando por momentos críticos, por conta da desaceleração da economia internacional. Assim, no final do ano de 2011, a presidente do Brasil decidiu voltar atrás com as suas decisões e retomou as políticas anticíclicas, reduzindo, novamente, a taxa básica de juros e ampliando o gasto público, bem como cortando impostos.

Diante desse cenário, Luiz Fernando Furlan, ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva afirmou que “houve um exagero nos gastos e subsídios, gerando um aumento da dívida pública e o endividamento das famílias” (GARCIA, 2016). Em 2014, fim do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, a dívida havia crescido 51,2% do PIB e, em 2015, saltou para 66,2%. Vale ressaltar que outros países também fecharam esse ano com dívidas muito maiores que a brasileira – por exemplo, o Japão, que fechou com 229%, e a Grécia, com 179%. A diferença do Brasil para esses países é que, por serem países desenvolvidos, as taxas de juros são nulas ou negativas, enquanto no Brasil a taxa de juros está acima de 14%, encarecendo muito o pagamento da dívida, segundo a EBC (2016)¹⁵.

Ainda segundo a página da EBC, na internet, com a desaceleração da economia chinesa, os *commodities* tiveram uma queda brusca, fazendo com que o minério de ferro despencasse de US\$ 187,18 a tonelada, em fevereiro de 2011, para US\$ 37, em dezembro de 2015. O petróleo perdeu mais de 60% de seu valor e encerrou 2015

14 Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-05/entenda-crise-economica>>. Acesso em 09 out. 2016.

15 Para saber mais, sugerimos acessar a página da EBC. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-05/entenda-crise-economica>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

abaixo de US\$ 40 o barril, o menor nível desde 2003, refletindo também o excesso na oferta do produto.

Assim, segundo uma análise feita por Carlos Primo Braga¹⁶ (2016), o grande erro dos governantes da última década foi focar demais no consumo e esquecer da produtividade, pois o salário real aumentou mais que a produtividade. Assim, do ponto de vista de distribuição de renda, o cenário foi favorável; no entanto, essa realidade não era sustentável a longo prazo, pois acarretou em vários problemas acumulados, resultando na crise que vivemos até os dias atuais.

Nesse sentido, o Brasil passou, nos últimos anos, por um período muito crítico, tanto no setor econômico, quanto no político. Assim, à medida que os desdobramentos da crise financeira afetavam ainda mais o país, a população, de modo geral, notava os efeitos de uma crise que se instalava, por meio do aumento da taxa de desemprego e dos sobrepreços de produtos no mercado. Diante desse quadro, e na tentativa de contornar a situação que o povo brasileiro vivenciava, o governo federal acabou adotando algumas medidas que não foram tão aceitas pela população, acarretando, assim, no aumento do número de brasileiros insatisfeitos com o governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

De acordo com o site do Datafolha¹⁷, em fevereiro de 2015, a ex-presidente do Brasil teve uma queda de 23% na aprovação da população brasileira. Isso porque, a fim de tentar recuperar a economia, o governo implementou um ajuste fiscal¹⁸, o qual, segundo a Central Única dos Trabalhadores (CUT), atingia 49 milhões de pessoas no caso do seguro desemprego; 23 milhões de pessoas no caso do abono salarial, e 600 mil pescadores no caso do seguro-defeso.

Diante dos fatos, a população brasileira deparou-se com diversos acontecimentos que levaram muitos ao descontentamento com o governo Dilma Rousseff. Pode-se relatar

¹⁶ Braga é professor associado da Fundação Dom Cabral e ex-diretor de Economia Política e Dívida do Banco Mundial.

¹⁷ Para saber mais detalhes sobre a pesquisa feita pelo Datafolha, sugerimos para consulta a página disponível em: < <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/03/1752306-dilma-ve-reprovacao-subir-e-alta-no-apoio-a-sua-saida.shtml>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

¹⁸ O ajuste fiscal relaciona-se com a tentativa do Governo Federal de gastar menos do que arrecada.

como uma das principais causas da insatisfação o resultado das eleições de 2014 e as decepções com as investigações da Operação Lava Jato¹⁹ e com os impactos negativos da crise econômica. Por essa razão, a reação da população descontente foi se organizar e protestar contra a situação em que milhões de pessoas se encontravam. Assim, essas pessoas repassaram o convite para mobilizações de protestos e manifestações contrárias ao governo para outros participantes por meio das redes sociais. O grupo que se formou em tal conjuntura se posicionava como representantes *pró impeachment* (BORGES, 2016).

Na contramão das ideias anteriores (afirmadas pelos manifestantes *pró-impeachment*), outro grupo também ganhou protagonismo, por meio das redes sociais, e foi às ruas protestar, porém, com outro objetivo: defender a gestão da presidente Dilma. Esse grupo sustentava a ideologia de que, apesar de a crise financeira ser um problema muito grande, tais circunstâncias deveriam ser encaradas pela população não como resultado de uma incompetência da ex-presidente, mas sim como um problema mundial, tendo em vista que no mesmo período outros países também estavam passando por situações similares (BORGES, 2016).

Dessa forma, com o momento de crise no Brasil e a perda de popularidade e aceitação do governo Dilma Rousseff, houve uma divisão ideológica da população. Essa divisão tornou-se evidente devido às redes sociais, responsáveis por dar voz e facilitar o engajamento e a formação de grupos de mesmo posicionamento político-ideológico.

Segundo Santos Junior (2016, p. 119), esse grupo de pessoas que atuam no campo virtual se comporta de modo similar a fãs de esporte ou de cultura *pop*. Dessa forma, o debate político nas redes sociais tem como base o antagonismo acionado por:

¹⁹ A Operação Lava Jato é uma das investigações de corrupção de maior apelo midiático na história brasileira. Trata-se de um assunto com muitos desdobramentos. No entanto, como é necessário realizar um recorte sobre os motivos do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e, sobretudo, sobre os posicionamentos ideológicos dos grupos de manifestantes formados em meio a esse evento, a Operação em si, embora seja um dos fatores motivadores da insatisfação dos brasileiros com representantes do PT, não se relaciona diretamente com o processo que levou à retirada da ex-presidente do poder. Portanto, não aprofundaremos as reflexões sobre esse contexto e seus desdobramentos. Para saber mais sobre a Operação Lava Jato recomendamos a leitura disponível em:< <http://lavajato.mpf.mp.br/atuacao-na-1a-instancia/denuncias-do-mpf>>. Acesso em 08 out 2016.

[...] comunidades interpretativas a partir de marcações ideológicas definidas de esquerda e de direita. Isso acontece por meio de performances identitárias coletivas reconhecidas no Facebook por estratégias de diferenciação do adversário [...]. Com isso, notamos a construção simbólica de discursos antagônicos que colocam em disputa fãs políticos com base nas afiliações ideológicas que preenchem o pano de fundo da produção de sentido. Ou seja, para além da forma, são as apropriações das substâncias políticas e ideológicas que motivam os embates entre fãs e *haters* políticos nas mídias sociais (SANTOS JÚNIOR, 2016, p. 120-121 [grifos do autor]).

Assim, tendo em vista essas duas distinções de ideologias formadas frente aos dois fortes acontecimentos que marcaram a história do Brasil, a população, de modo geral, pôde presenciar, por meios virtuais, conforme mencionado anteriormente, uma dualidade: o grupo pró-Dilma Rousseff e o grupo contra Dilma Rousseff. Tal organização, advinda das redes sociais, permitiu a formação de uma série de manifestações que se deflagraram por todo o país.

Diante dos fatos apresentados e tendo em vista a constatação de Santos Junior (2016) acerca do engajamento dos atores como fãs políticos, nomeados por *fandom*, é possível afirmar que nesse momento de divisão da população brasileira era inevitável a percepção de pertencimento a um dos dois grupos. Isso porque a preferência por não se manifestar, tanto virtualmente quanto nos movimentos das ruas, era compreendida para os participantes de ambos os agrupamentos ideológicos como uma forma de posicionamento contrária às ideias propagadas em cada movimento. Ou seja, para o *fandom*, a abstenção era entendida como adesão ao adversário.

A divisão da sociedade nesses dois grupos ficou tão fortemente marcada que diversas e longas discussões foram observadas. Tais disputas ideológicas, em alguns casos, ultrapassaram relações tradicional e socialmente respeitadas, como as familiares, entre amigos e entre colegas de trabalho; em outros casos, os debates promoveram acusações e apreciações entre atores sem que os envolvidos sequer conhecessem a história, o cotidiano e as relações sociais uns dos outros. A maioria dessas divergências, principalmente as que dizem respeito a atores que jamais se conheceram, aconteceu por meio das redes sociais, conforme exemplificado na Figura 2, adiante.

Figura 2 – Comentários com disputas entre manifestantes pró e contra Dilma Rousseff no Facebook



Fonte: própria autora [print realizado em 20 dez. 2017, às 15 horas e 53 minutos].

A Figura 2 exemplifica como essas discussões foram feitas no *Facebook* e demonstra a divisão ideológica presenciada por seguidores da *fanpage* do jornal O Globo, durante o mês de abril de 2016. É importante lembrar que, a fim de esconder a

identidade dos atores sociais que realizaram os comentários, optamos por decodificar tanto as imagens como os nomes dos participantes²⁰.

Nas próxima seção, serão expostas as crenças ideológicas dos manifestantes pró e contra o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, bem como os argumentos apresentados por juristas do STF. Tais considerações são importantes para a compreensão do posicionamento ideológico dos dois grupos aqui estudados.

2.3 OS MANIFESTANTES PRÓ E CONTRA O *IMPEACHMENT*

Conforme visto no decorrer deste capítulo, as manifestações voltadas para o evento a ocorrer em 17 de abril de 2016 começaram antes mesmo deste dia. Elas foram marcadas a partir da presença dos manifestantes em redes sociais, que usaram tal espaço para definir seu posicionamento diante dos recentes acontecimentos: votação para o *impeachment* da ex-presidente, somada à polêmica do muro, compreendido pela população como um empreendimento que visava à contenção entre manifestantes. Assim, o povo brasileiro esteve, de fato, dividido ideologicamente e fisicamente.

Como se tratam de grupos cuja relação de poder é de uma base semelhante, não obstante sustentem crenças ideológicas bastante distintas, abordaremos nas linhas abaixo um breve resumo sobre as perspectivas dos dois grupos, isto é, do grupo que se colocava favorável ao processo de *impeachment* e do que se mostrava desfavorável a ele.

O grupo pró *impeachment* ficou marcado por uma militância de direita que apresentava pouca expressividade até as primeiras manifestações de junho de 2015. O seu surgimento ocorreu a partir da apropriação de estratégias de ação utilizadas pela militância de esquerda, como as passeatas e o bordão *#vemprarua*. O princípio da separação se deu pela insatisfação dos manifestantes de direita com táticas mais violentas e de enfrentamento utilizadas tradicionalmente pela esquerda. Com o

²⁰ Mais explicações sobre o código utilizado para esconder a identidade dos usuários podem ser lidas no capítulo cinco desta dissertação, destinado a metodologia adotada em nossa pesquisa.

fortalecimento de lideranças de direita, foi se consolidando concomitantemente uma militância, também, dessa vertente política²¹.

Assim, os manifestantes *pró-impeachment* lutavam contra a permanência da então presidente Dilma Rousseff no poder. Uma das principais pautas das manifestações era a defesa às descobertas da Lava Jato²², juntamente com a punição dos envolvidos no escândalo, principalmente dos membros do PT. Os integrantes não concordavam com as medidas tomadas pelo Governo Federal a fim de tentar amenizar os impactos da Crise Econômica e defendiam a ideia de que a culpa pela crise era a falta de competência da administração do dinheiro público ao longo do regime petista.

As reivindicações acima foram fomentadas com base em argumentos contra o governo, elaborados por juristas do Supremo Tribunal Federal (STF). Abaixo, serão ilustrados os principais argumentos contra a ex-presidente, que ajudam a entender um pouco das crenças do grupo em questão.

1 – Pedaladas fiscais são crimes de responsabilidades contra a lei orçamentária: Segundo o Tribunal de Contas da União (TCU), o governo da presidente Dilma Rousseff atrasou o repasse de dinheiro em bancos federais para o pagamento de subsídios e benefícios de programas sociais feitos por meio da Caixa Econômica Federal, do Banco do Brasil e do BNDS. Essa prática ficou conhecida como pedalada fiscal e funcionava como um “empréstimo” dos bancos ao governo, o que é proibido pela Lei de Responsabilidade Fiscal. Ainda segundo o TCU, foram repassados R\$40 bilhões em 2014. Em defesa, o governo argumentou que esta prática não foi ilegal e que os bancos foram remunerados com juros pelo atraso nos pagamentos. No entanto, os apoiadores do *impeachment* defendem que, além de ser um crime de Responsabilidade Fiscal, as pedaladas ainda configuram crime contra a Lei Orçamentária, de acordo com o previsto no artigo 10, que define esse tipo de conduta vedada.

2 – Manobra fiscal teve continuidade em 2015: Com base na representação do Ministério Público de Contas (MPC), os juristas Hélio Bicudo e Miguel Reale Junior apresentaram na Câmara a denúncia do uso da prática de manobras fiscais em 2015, o que levou à abertura da investigação pelo TCU.

3 – Dilma foi omissa em relação a irregularidades na Petrobras: após as descobertas da Lava Jato, a ex-presidente foi acusada de omissão em relação ao ministro Edinho Silva, da Secretaria de Comunicação, sendo alvo de inquérito no STF, e o ministro Aloizio Mercadante no Ministério da Educação, sendo citado em delação pelo dono de uma das empreiteiras do

²¹ Definições elaboradas pela pesquisadora a partir de um conhecimento sociocultural e histórico.

²² Embora a ex-presidente não tivesse nenhuma acusação nas investigações sobre a Operação Lava Jato, os manifestantes *pró-impeachment* lutavam pela retirada de um representante do PT do poder, visto que muitos envolvidos neste escândalo eram membros do PT, partido ao qual a ex-presidente se filiava.

esquema da Lava Jato, Ricardo Pessoa. Segundo os parâmetros que regem a Lei de Crimes de Responsabilidade, a ex-presidente deveria afastá-los do cargo enquanto as acusações não fossem esclarecidas. Tal acusação se agravou ainda mais pelo fato de a governante ser presidente do Conselho de Administração da Petrobras, quando ocorreram parte dos fatos sob as investigações.

4 – O segundo mandato é continuidade do primeiro: aqueles que defendem o processo de *impeachment* alegam que, no segundo mandato da ex-presidente, os erros seriam repetidos e, inclusive, agravados. Para eles, a reeleição promove a continuidade da gestão, e uma impunidade relativa às ações do primeiro mandato (SCHREIBER, 2016. Acesso em: 07 out. 2016).

Diante dos fatos e argumentos apresentados, é possível apreender o perfil ideológico do discurso proferido pelo grupo em questão. Esse perfil corrobora a definição apresentada no início deste item, reforçando os argumentos que atestam a insatisfação desse grupo com o governo do PT, o que culminou na aceitação do pedido de *impeachment* da então presidente Dilma.

Em oposição às ideias apresentadas sobre as crenças dos manifestantes pró-*impeachment*, havia também outro grupo, contrário ao *impeachment*, e que ficou reconhecido como uma militância de esquerda. Esse grupo surgiu em um cenário histórico de lutas por direitos sociais e trabalhistas. Em um período mais recente da história do Brasil, essas pautas de cunho mais social se tornaram bandeiras de luta de grupos que se identificavam com um eixo político de esquerda. No período da ditadura militar, esses grupos se fortaleceram. Mais recentemente, com o governo do PT, a militância de esquerda foi se fragmentando em diversos grupos que possuíam poucas diferenças, mas que buscavam maior reconhecimento. Essa fragmentação fomentou o enfraquecimento da própria militância de esquerda, que não se identificava com o governo, muito menos com a oposição. Dentro disso, surgiram diversos partidos, como o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Partido Verde (PV)²³.

Sendo assim, o movimento contra o *impeachment* apoiava não somente o governo da ex-presidente, como também o PT, ao qual Dilma Rousseff se filia. Uma das principais reivindicações dos manifestantes desse grupo se referia às informações veiculadas pela mídia, as quais, segundo eles, estavam sendo manipuladas a fim de fazer com

²³ Definições elaboradas pela pesquisadora a partir de um conhecimento sociocultural e histórico.

que a população acreditasse que os desdobramentos da Operação Lava Jato tinham relação, única e direta, com os membros do PT. Além disso, tais atores defendiam que as medidas relacionadas a cortes fiscais, feitos pela ex-presidente, eram necessárias, pois a crise que se instaurava no país era reflexo de uma situação crítica, à nível mundial.

O grupo contra o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff também tinha reivindicações que foram fomentadas com base em argumentos a favor do Governo Federal e feito por juristas do STF. Abaixo, serão listados os principais argumentos a favor da ex-presidente, que ajudam a entender um pouco as crenças defendidas por esse grupo:

1 – Reprovação de contas não é crime de responsabilidade: Segundo os juristas Celso Antonio Bandeira de Mello e Fábio Konder Comparato, mesmo que o Congresso Nacional siga a orientação do TCU e reprove as contas do governo, isso não seria suficiente para um *impeachment*. Além disso, os juristas sustentam o fato de que o TCU é apenas um órgão consultivo do Congresso, de modo que, para o pedido de recusa das contas ser aceito, é necessária a confirmação do Legislativo.

2 – Contas de 2015 ainda não foram julgadas nem pelo TCU nem pelo Congresso: segundo os apoiadores da presidente da república, as acusações de pedaladas fiscais em 2015 foram propagadas, principalmente, por meio de canais de televisão, sem ao menos haver de fato uma investigação, tendo em vista que estas só ocorrem no ano seguinte e, até o primeiro trimestre de 2016, elas ainda não tinham sido feitas. Assim, o uso de argumentos baseados em suposições é completamente frágil para a abertura de um *impeachment*.

3 – Crime de responsabilidade fiscal exige ato intencional do presidente: no entendimento de alguns juristas, para ser enquadrado como crime de responsabilidade, os atos da ex-presidente devem ser intencionais e com objetivo claro de atentar contra a Constituição. Dessa forma, a acusação de omissão de Dilma, frente às suspeitas de irregularidades, não poderia levar ao *impeachment*.

4 – Mesmo com a reeleição, mandatos são diferentes: os defensores do governo do PT afirmam que, de acordo com a Constituição nº 86, o presidente da república em sua vigência não pode se responsabilizar por atos advindos de outros mandatos, mesmo que o anterior seja do mesmo. Assim, compreende-se que os mandatos são independentes, de modo que, mesmo se for reconhecido o crime de Responsabilidade praticado no primeiro mandato, estes não podem embasar argumentos para um *impeachment* durante o segundo mandato (SCHREIBER, 2016. Acesso em: 07 out. 2016).

As colocações acima ajudam a entender o motivo pelo qual os manifestantes contra o *impeachment* definiam a cassação do mandato da presidente como um golpe da oposição, tendo em vista que, para os membros desse grupo, os principais

argumentos realizados na abertura do processo de deposição de Dilma Rousseff não tinham fundamentos concretos.

Com crenças tão marcadas e ao mesmo tempo tão opostas, os grupos pró e contra o *impeachment* organizaram-se em vários momentos a fim de manifestarem seus posicionamentos diante dos eventos que aconteciam. Nesse cenário, o dia 17 de abril de 2016 foi bastante esperado e ficará marcado na história do Brasil, pois foi quando ocorreu a primeira instância do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Assim, o plenário da Câmara de Deputados votou e decidiu dar continuidade ao processo de impeachment. Segundo o Ministério Público Federal (MPF), a sessão foi comandada pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha, do PMDB. Os resultados da votação foram: 367 votos a favor, 137 contra, 7 abstenções e 2 ausências. Após a aprovação dos deputados, a votação seguiu para o Senado.

Neste dia, milhares de brasileiros assistiram à votação, que foi transmitida pela televisão aberta, e outros milhares de brasileiros aproveitaram a ocasião para realizar protestos, contra e a favor do governo do PT. Além dos manifestantes que foram até a Esplanada dos Ministérios, estima-se que milhões de brasileiros, em mais de 11 estados brasileiros e no Distrito Federal (DF), expressaram calorosas manifestações, segundo a Polícia Militar.

Além das manifestações urbanas, nesse dia, uma série de manifestações contrárias e favoráveis ao governo de Dilma Rousseff foram veiculadas por meio de redes sociais. De acordo com uma pesquisa feita pelo Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo, no dia 17 de abril, foram computadas 3,5 milhões de mensagens no *Twitter*, sendo a maior quantidade de *tweets* já registrados na rede social se manifestando em língua portuguesa (MALINI, 2016).

Pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas também apresentaram um estudo que mostrou a repercussão de assuntos veiculados pelas redes sociais em todo o Brasil, nos sete dias antecedentes à votação do *impeachment* na Câmara dos deputados. O resultado pode ser constatado na Figura 3, a seguir:



Como pode ser visto na Figura 3, o assunto que apareceu com mais frequência nas redes sociais brasileiras estavam relacionados a temas voltados para a política e o cenário atual (marcados de vermelho). Desse modo, pode-se destacar que o espaço virtual foi protagonizado por manifestantes que publicaram seus comentários sobre tal assunto, fazendo valer a afirmação de que houve, também, manifestações virtuais antecedentes ao dia 17 de abril de 2016. O próximo capítulo será dedicado às discussões sobre os avanços na comunicação, o uso das redes sociais e como elas influenciam a formação de identidades coletivas e individuais. Sob essa perspectiva, consideraremos o funcionamento de tais mídias como um importante instrumento de propagação de crenças por ocasião da disputa política, promovendo, assim, a polarização entre os grupos pró e contra o *impeachment*.

3 A REDE SOCIAL *FACEBOOK*

3.1 As redes sociais virtuais

A *internet* surgiu durante a Guerra Fria, com o intuito de manter a rede de comunicação entre forças armadas norte-americanas. A finalidade era a prevenção, caso houvesse ataques que prejudicassem as telecomunicações, meio de contato mais convencional da época. Além de atender aos propósitos militares, a *internet* também foi um importante instrumento acadêmico de comunicação, durante as décadas de 1970 e 1980. Professores e estudantes de grandes universidades, principalmente dos Estados Unidos, trocavam mensagens e pesquisas por meio da rede mundial de computadores (TAIT & TRINDADE, 2003).

Em 1990, a *internet* teve uma grande mudança, com a criação, pelo inglês Tim Bernes Lee, da *World Wide Web* (www)²⁴, a qual possibilitou a concepção de *sites* mais visuais e melhor elaborados. O surgimento de uma nova interface gráfica possibilitou o advento de vários navegadores, como o *Internet Explorer*, da Microsoft, e o *Netscape Navigator*. Houve também a chegada de diversos portais de serviços e provedores. Como consequência, “a *internet* passou a ser utilizada de diversas formas, por diferentes classes sociais e para múltiplas finalidades” (CASTELLS, 2004, p. 09).

Ainda sobre essa grande expansão da internet, Manuel Castells (2014) pondera que sua rápida propagação pode ser explicada pelo resultado da combinação de três fatores: 1) a descoberta tecnológica da grande rede de computadores (www), juntamente com o desejo de compartilhar esse código fonte, a fim de melhorá-lo; 2) a privatização do gerenciamento da internet, o que possibilitou o acesso para usos

²⁴A sigla para *World Wide Web* é o famoso “www” que incluímos antes de qualquer endereço eletrônico de alcance mundial. “O www é um sistema em hipermídia, que é a reunião de várias mídias interligadas por sistemas eletrônicos de comunicação e executadas na Internet, onde é possível acessar qualquer site para consulta na Internet. A tradução literal de *world wide web* é “teia em todo o mundo” ou “teia do tamanho do mundo”, e indica a potencialidade da internet, capaz de conectar o mundo, como se fosse uma teia.”. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/www/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

comerciais e corporativos; 3) a formação de uma sociedade interligada em rede. O autor ainda define o seguinte panorama acerca do conceito de Rede:

[...] a internet constitui atualmente a base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a Era da Informática: a rede. Uma rede é um conjunto de nós interligados. As redes são formações muito antigas da atividade humana, mas atualmente essas redes ganharam uma nova vida, ao converterem-se em rede de informação, impulsionadas pela internet (CASTELLS, 2004, p.15).

Sobre as redes sociais, a autora Raquel Recuero (2009) traz uma definição baseada em um conjunto de dois elementos, formados por atores (pessoas, instituições ou grupos), que seriam os “nós” da rede, e o segundo elemento, as conexões (interações ou laços sociais). Dessa forma, uma rede pode ser explicada como sendo:

[...] uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24).

Como impacto dessa transformação social, por meio da revolução digital, surge um novo ambiente sociocultural, denominado ciberespaço²⁵, o qual impulsiona uma nova forma de pensar: a cibercultura. Nessa nova área de comunicação, a lógica racional é hipertextual, não linear e interativa, assim como as linguistas Cristiane Nova & Lynn Alves (2002) afirmam:

A presença dos elementos tecnológicos na sociedade vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e constituírem conhecimentos. Somos hoje praticamente vividos pelas novas tecnologias! (NOVA & ALVES, 2002, p. 01).

A partir dos usos dos ciberespaços, a conexão virtual entre usuários ganhou força, desencadeando relacionamentos com graus elevados de intimidade e promovendo relações movidas por interesses individuais. Assim, nesses ambientes, traços em comum começam a ser definidos, como características e interesses. As identidades virtuais também começam a surgir, a fim de facilitar a ascensão de indivíduos por meio da visibilidade, popularidade e aceitação social mais veloz e digital (LEMOS, 2010, p. 102). Assim, a forma de interação oferecida pela *internet* tem a rapidez, abrangência e objetivismo com que as informações são passadas como um grande atrativo para

²⁵ Segundo Lemos (2010) os Ciberespaços podem ter duas significações: o local onde estamos em ambientes virtuais (chats de bate papo, sítios, redes sociais) ou o conjunto de redes de computadores interligados ou não em todo o planeta. Neste trabalho, interessa-nos a primeira noção sobre o termo.

esse meio de comunicação, diferentemente dos meios de comunicação de outra natureza.

Sobre essas afirmações, Carvalho & Kramer (2013) explicam que:

Os sites de relacionamento congregam pessoas, que criam perfis virtuais para si mesmas, nos quais acrescentam informações a seu respeito, como interesses pessoais e profissionais, vídeos, fotos, mensagens e textos de várias naturezas. Nas redes, as pessoas agrupam-se de acordo com seus interesses em comum (CARVALHO & KRAMER, 2013, p. 80).

O primeiro modo de comunicação entre usuários da *internet* foi o *e-mail*, popularmente conhecido, no Brasil, como “correio eletrônico”. Era a única plataforma de compartilhamento de arquivos e troca de mensagens entre indivíduos e é utilizada até hoje para atender diversas finalidades. Porém, na atualidade, temos uma série de outras formas de interação virtual, por meio de comunidades e redes sociais. Com isso, surgem grupos com liberdade de discutir qualquer tema e compartilhar informações, mesmo que estas não compartilhem a mesma ideologia (RECUERO, 2009).

O termo “rede social” teve seu surgimento no campo da antropologia. A esse respeito, Acioli (2007) afirma que:

A noção de *redes/ redes sociais* nasce na Antropologia Social. A primeira aproximação remonta à Claude Lévi-Strauss em sua análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco (década de 40). Em 1940, Radcliffe-Brown usa o termo “redes”. Barnes (1972) preocupava-se com a heterogeneidade dos usos e da noção de redes, alertando que a ideia de “redes” pudesse tornar-se mais uma palavra da moda, sem definição clara, nem uso específico (ACIOLI, 2007, p. 03).

Nos dias atuais, o conceito de rede se expandiu, segundo Recuero (2009), o surgimento dos *sites* de redes sociais propiciou e complexificou os fluxos informacionais. Atualmente, essas redes já fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas em todo o mundo. A evolução das redes sociais acompanhou o avanço da *internet*. Segundo as linguistas Carvalho e Kramer (2013):

Na onda dessa revolução, as redes sociais popularizam-se rápida e massivamente, trazendo muitas novidades no campo da comunicação. O grande pressuposto-base da existência dessas redes é a preponderância da internacionalidade na construção ou na troca de informações (CARVALHO & KRAMER, 2013. p. 80).

As autoras também explicam que os *sites* de relacionamento atuam como uma forma de representação virtual das interações entre seres humanos de diversas

comunidades comunicativas. Tais representações acabam por encerrar várias diferenças, relacionadas aos meios não virtuais, gerando mudanças nos modos de interação por meio de texto e discurso (CARVALHO & KRAMER, 2013).

Devido à carga polissêmica do termo “redes sociais” e da escassez de trabalhos científicos voltados para esse tema, cabe aqui esclarecer a acepção mais pertinente a esta pesquisa, quando nos referimos a tal termo. Dessa forma, compreendemos “rede social” como um “conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72). Assim, é importante reconhecer a presença deste termo nos diversos âmbitos de manifestações discursivas, salientando que:

[...] redes sociais é um conceito onipresente nos dias de hoje e ocupa espaço crescente no discurso acadêmico, nas mídias, nas organizações ou no senso comum. Seja ele um operador conceitual ou uma metáfora, parece, em princípio, servir a dois fins. Primeiro, configurar o espaço comunicacional tal qual representado e/ou experienciado no mundo globalizado e interconectado no qual se produzem formas diferenciadas de ações coletivas, de expressão de identidades, conhecimentos, informações e culturas. Segundo, indicar mudanças e permanências nos modos de comunicação e transferência de informações, nas formas de sociabilidade, aprendizagem, autorias, escritas e acesso aos patrimônios culturais e de saberes das sociedades mundializadas (MARTELETO, 2010, p. 28).

Atualmente, quando nos referimos ao termo “redes sociais”, logo remetemos a *sites* de relacionamento social, como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. As noções de redes sociais apresentadas até aqui nos interessam para compreendermos a propostas de uma rede específica: o *Facebook*. Entendemos, então, que “as redes sociais na *internet* são as redes de atores formadas pela interação social mediada pelo computador” (RECUERO, 2006, p. 14). Tais redes aparecem cada vez mais no cotidiano dos brasileiros, sendo até estranho encontrar quem não as utilize de alguma forma, já que proporcionam diferentes formas de interação, pelas diversas funções técnicas permitidas pelos usuários.

Como os objetivos de nossa pesquisa se concentram em uma rede social específica, discorreremos sobre ela com mais detalhes. As demais não serão exploradas nesta dissertação, embora reconheçamos a sua importância no âmbito das relações sociais.

3.2 A rede social *Facebook*

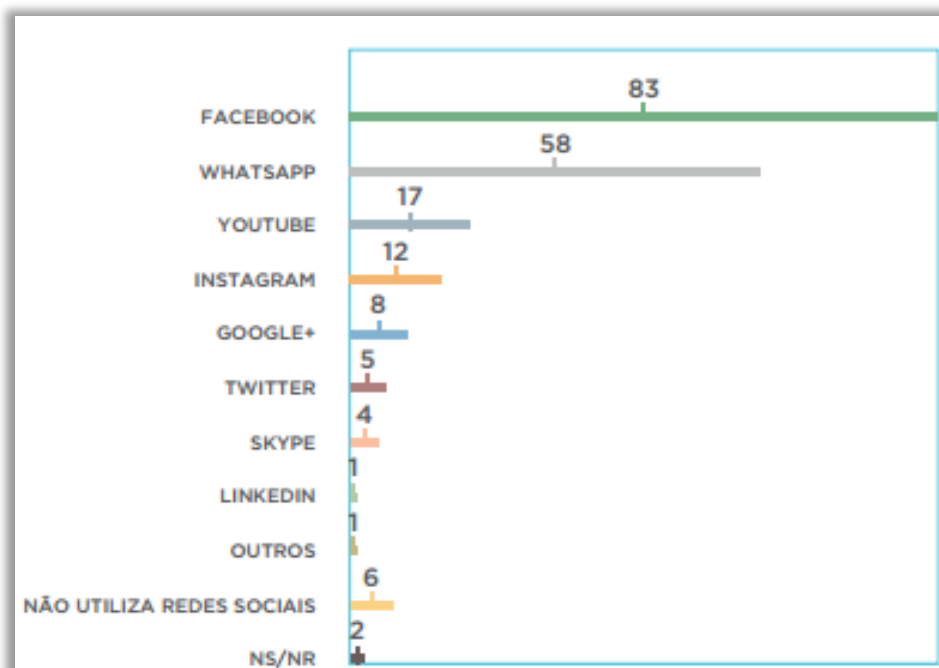
O *Facebook* é uma rede social que surgiu em janeiro de 2004, idealizada e criada por quatro estudantes, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, do curso de engenharia da computação, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Inicialmente, o *Facebook* tinha o nome de *Facemashe*, e seu objetivo era classificar alunas como “atraentes” ou “menos atraentes”. O programa era composto por duas fotos, lado a lado na tela, e permitia aos usuários decidir qual das duas era a mais sexualmente atraente. Essa brincadeira inicial conseguiu, em pouco tempo de existência, números recordes em usuários, expansão territorial e ganhos financeiros (LIMA, 2015).

Em 2006, o acesso ao *site* foi aberto ao público em geral e qualquer pessoa poderia criar seu perfil no *Facebook*, desde que fosse maior de 13 anos. E, após isso, a rede de usuários desta rede social não parou de crescer. Por meio da Pesquisa Brasileira de Mídia da Presidência da República (2017), observa-se que o *Facebook*, em 2016, foi a rede social que liderou o ranking de usuários e de acessos.

Entre as redes sociais e os programas de trocas de mensagens instantâneas mais usadas (1º + 2º + 3º lugares), estão o Facebook (83%), o Whatsapp (58%), o Youtube (17%), o Instagram (12%) e o Google+ (8%). O Twitter, popular entre as elites políticas e formadores de opinião, foi mencionado apenas por 5% dos entrevistados. [...] Em relação aos principais suportes de acesso à internet (1º + 2º lugares), os resultados mostram que a maioria dos entrevistados (71%) o fazem via computador, seguido pelo celular (66%). Há ainda uma pequena parcela (7%) dos pesquisados que utiliza tablets para navegar pelo mundo digital (BRASIL, 2017, p. 57).

A fim de ilustrar melhor os dados desta pesquisa, feita com as redes sociais, apresentamos, na figura 4, a classificação deste *ranking* com base na divulgação do gráfico realizado pelos pesquisadores.

Figura 4 – Gráfico com o ranking das redes sociais mais utilizadas em 2016 no Brasil



Fonte: BRASIL, 2017, p. 62.

Como pôde ser observado, o *Facebook*, em 2016, era líder absoluto de usuários e acessos diários. Tal feito pode ser compreendido com base no objetivo central desta rede, a qual busca agregar contatos, por meio da adição de membros. Assim, a partir dessas constatações, pode-se estabelecer uma comunicação entre os usuários, seja “curtindo”, comentando, compartilhando, conversando por meio do *chat* (por meio da interação entre duas pessoas) ou entrando em fóruns de discussões, através de páginas dedicadas a um objetivo específico. Além disso, é possível participar de eventos criados por outros usuários ou então participar de jogos *online* (BARTON & LEE, 2015).

O *Facebook* consegue, ainda, registrar as ações de busca por produtos ou serviços no meio virtual, de acordo com os interesses dos usuários da *internet*. Desse modo, o *Facebook* torna-se um importante instrumento de divulgação das propagandas de empresas, direcionando a publicidade conforme o público alvo de determinado produto.

Conforme pôde ser visto, inúmeras são as possibilidades disponíveis aos usuários do *Facebook*. Compreender o alcance que essa rede social possui, com relação à

população brasileira, é importante para obtermos o conhecimento de que se trata de um suporte que contém popularidade significativa dentro do Brasil. Desse modo, as publicações feitas por meio de *post*, por exemplo, e comentadas por usuários, obtêm um público leitor e participante relativamente significativo.

Compreender esses aspectos é importante para a nossa pesquisa, pois essa rede funcionou como suporte para chegarmos até os comentários. Desse modo, entendemos que entre o *Facebook* e o comentário há um universo de possibilidades que estão à disposição dos usuários. Ter conhecimento de todo o mecanismo disposto nessa rede social é relevante, pois devemos conhecer o instrumento que pretendemos usar de suporte para análise.

Como muitas outras redes sociais, a estrutura básica do *Facebook* consiste na criação e exposição de perfis de usuários (chamados de linha do tempo). O *layout* e as funcionalidades do site sofreram diversas modificações ao longo dos anos. Objetivase, nesse espaço, a construção de uma rede de contatos, por meio da adição de membros, chamados de “amigos”. A partir dessa rede de amigos, o usuário pode optar pela forma de comunicação que desejar. Assim, cada amigo pode participar de uma interação curtindo, compartilhando ou comentando postagens, ou mesmo interagindo de uma forma mais longa, por meio do *chat* (BARTON & LEE, 2015).

O campo da escrita, destinado à atualização de *status* (conhecido também como “*posts*”), tem a mesma semelhança funcional dos *microblogging*, encontrados, por exemplo, em redes como o *Twitter*, que possui um espaço voltado para um autorrelato acerca do que se está fazendo, pensando ou sentindo a qualquer momento. As atualizações realizadas via *Facebook* são feitas por meio de uma “caixa de texto” (*Publisher box*), localizada na parte superior da página inicial do usuário do perfil e acontece de forma motivacional, a partir da mensagem “No que você está pensando?”. Vale ressaltar que essas atualizações já foram essencialmente textuais, com um limite imposto de apenas 420 caracteres. Ao final do ano de 2011, o limite aumentou para 5.000 caracteres e conteúdos multimodais, como uma imagem, um *link*, um texto, um vídeo (mesmo que seja da natureza de outro *site*, como o *YouTube*, por exemplo), havendo ainda a possibilidade de salvar vídeos e fotos do próprio *Facebook* (BARTON & LEE, 2015). Nesse sentido, “postar algo no *Facebook* significa

que o membro da rede deseja tornar público o produto de uma publicação, originário do verbo em inglês *to post*, o que gerou o neologismo ‘postar’” (LIMA, 2015, p. 45).

A opção “curtir” do *Facebook* é uma das ferramentas do *site* mais utilizadas pelos usuários, que, quando veem uma publicação que lhes agrada, clicam no botão com o nome “curtir”, localizado no canto inferior da publicação. Caso o usuário tenha se arrependido do clique, ou o tenha feito acidentalmente, pode retirar a curtida da publicação, com a opção “descurtir”, neologismo criado pelos próprios administradores do *Facebook*. A intenção era reduzir a ação que anteriormente era chamada de “curtir (desfazer)” (LIMA, 2015, p. 46).

A opção “compartilhar” envolve mais participação do internauta, que, ao clicar nessa opção, partilha o material postado por um membro de sua rede de amigos, passando, então, a ter a mesma publicação em sua “linha do tempo”. Desse modo, a publicação do amigo passa a ser vista pela rede de amigos do usuário que compartilhou a publicação, transformando-se em uma cadeia de divulgação (LIMA, 2015, p. 46).

Além das atualizações de *status*, o *Facebook* também dispõe do recurso nomeado *comentário*, que, por diversas vezes, funciona como uma espécie de minifórum de discussões. Lima (2015) acrescenta que o comentário assume uma importante função, pois envolve a emissão de uma opinião a respeito do que é publicado por outro membro, além do emissor poder fazer comentários na própria publicação. Assim, o espaço do comentário pode se manifestar de diversas formas, como um canal de compartilhamento de fotos, de vídeos ou do tradicional texto verbal. É possível, também, publicar *links*, que dão acesso a outras partes do *Facebook*, ou funcionam como “*links* que levam a páginas externas a ele” (LIMA, 2015, p. 45-46).

O *Facebook*, ainda, possibilita conexões intertextuais, através do compartilhamento de conteúdo de outros *sites*, na linha do tempo dos usuários, assim, ele seleciona o link da página que deseja compartilhar e todos os seus amigos conseguem ter acesso direto à página (BARTON & LEE, 2015, p. 58-59).

Nesse emaranhado de funções, o usuário pode, ainda, conferir a privacidade de suas publicações, podendo optar por torná-las públicas ou restringi-las a quem ele deseja que as visualize.

Os amigos também podem optar por conversas mais privadas, realizadas por meio do *chat*. A barra de *status* dos contatos fica ao lado direito e a disponibilidade para o bate-

papo é sinalizada por um ponto verde, localizado ao lado de uma pequena imagem do usuário. Quando isso ocorre, dizemos que a pessoa está “*online*”. Em alguns casos, ao invés de aparecer o ponto verde, ao lado da foto do usuário, aparece uma pequena imagem de um celular, o que indica que a pessoa tem o aplicativo do *Facebook* em seu telefone móvel e que poderá ver a mensagem enviada de forma instantânea. Outra possibilidade técnica disponível ao usuário do *Facebook* é estar desconectado no *chat*, porém conectado em sua página na rede (LIMA, 2015, p. 47). Ao enviar uma mensagem via *chat*, o usuário pode saber se o destinatário a visualizou ou não, por meio de uma informação localizada abaixo da última mensagem enviada. Cabe lembrar que nesse espaço as conversas costumam seguir o mesmo modelo de outros *chats*, predominado o uso de uma linguagem mais informal e com abreviações, a fim de melhorar a agilidade na comunicação.

As páginas do *Facebook* funcionam de modo semelhante a perfis pessoais. Nelas, os moderadores, também chamados de administradores, podem usufruir de postagens voltadas para a divulgação de textos, imagens, *links*, vídeos ou qualquer outro tipo de material. Porém, a diferença da página para o perfil pessoal é que naquela a quantidade de usuários suportados é muito maior do que neste: enquanto ele comporta até cinco mil amigos adicionados, a página de *Facebook* não apresenta limites. Sendo assim, no caso de uma figura pública ou de uma mídia conhecida, é muito mais vantajoso manter uma página do que um perfil no *Facebook* (LIMA, 2015).

Como visto o *Facebook* constitui uma plataforma com instigante suporte interativo. A praticidade desta rede social possibilita aos ciberespaços uma reconfiguração ao processo de leitura, apresentando-se de maneira multimodal, fragmentada, subdividida, inserida, enfim, em um emaranhado de linguagens e recursos visuais. A leitura, de fato, ganhou um novo estilo. Consequentemente, esta rede social propicia a criação contínua de acervos hipertextuais, isso porque os conteúdos postados permitem a difusão de *hiperlinks* que direcionam o usuário para o espaço virtual em geral, desdobrando-se em *sites* diversos. Para Bernado (2014) “a hipertextualidade é uma tônica real no contexto do *Facebook*”.

Essa mixagem hipertextual permite a constante recriação de gêneros textuais, pois o *Facebook*, enquanto espaço que propicia a leitura e a reprodução de texto, apresenta

uma diversidade no campo da comunicação, recriando-se e renovando sua complexidade. Sobre este fato, Marcuschi (2003) traz-nos a seguinte constatação:

os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

O *Facebook* trata-se de uma rede social que possibilita um ambiente de recriação e redescobertas de gêneros textuais. Bakhtin (1997) reconhece esse fato como uma transmutação de gênero.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 158)

Diante a versatilidade textual do Facebook e com tantos recursos dispostos em uma só rede, hoje o *Facebook* se tornou o mais acessado por brasileiros (MALINI, 2016). O diferencial dessa página na internet baseia-se na possibilidade de congregar “pessoas de diferentes idades, classes sociais, grau de instrução, embora por forças sociais essas diferenças continuem sendo perceptíveis pelos perfis dos usuários e pela rede que integram” (CARVALHO & KRAMER, 2013, p. 80-81). A fim de delimitar o nosso objeto de estudo, no próximo tópico trataremos do comentário no *Facebook*. As outras ferramentas, embora já tenham sido brevemente apresentadas, não serão aprofundadas, devido à necessidade de se realizar um recorte do suporte estudado.

3.3 O comentário do *Facebook*

O gênero comentário foi sofrendo modificações devido à natureza histórica e ao seu vínculo à vida cultural e social. A princípio, por exemplo, no comentário do *Facebook* havia um limite máximo de caracteres a serem digitados e, após publicado, não havia possibilidade de editar. Hoje, porém, os comentários, além de mais flexíveis, também estão apresentando diversas formas multimodais.

Conforme observado no item anterior, o gênero comentário parte do princípio de viabilizar a exposição de uma opinião sobre algum *post* publicado. Assim, trata-se de um tipo de texto que carrega sempre uma dependência de algum material anteriormente publicado, sendo impossível encontrá-lo de forma independente, ou seja, nunca será possível encontrar um comentário que não esteja fazendo referência a algum *post*. Do ponto de vista funcional, podemos afirmar que o comentário constitui um hipertexto, o qual, segundo Lévy (1996), caracteriza-se como um conjunto de nós ligados por programas de conexões, cuja finalidade é a composição de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação. Tais nós podem designar páginas, imagens, sequências sonoras, documentos complexos. Durante o processo de formação do hipertexto, o leitor realiza uma série de antecipações para possíveis junções lógicas. Desse modo, os nós conectam as informações a fim de oferecer diferentes caminhos para a leitura.

Porém, essa não é uma particularidade exclusiva do comentário, uma vez que “todo texto é um hipertexto” (KOCH, 2011, p. 61). A leitura, por outro lado, pode ou não ser hipertextual, pois ela “envolve colocar em prática diversas habilidades cognitivas que refletem o funcionamento de vários domínios do processamento” (COSCARELLI, 2012, p. 153). Assim sendo, torna-se bastante complexa a tarefa de determinar as inúmeras funções que o gênero comentário pode desempenhar. O que se sabe, porém, é que o comentário apresenta um juízo de valor, emitido pelos usuários, sobre um assunto, seja de viés político, interativo, profissional, educacional etc, sendo esse gênero textual inclusive muito confundido com críticas.

Para realizar um comentário no *Facebook*, é necessário que antes haja algum *post*, feito pelo próprio usuário ou por algum amigo. Uma vez que se tem o *post*, abre-se, então, a possibilidade de se realizar um comentário. É importante destacar que a forma como o *post* será inserido na “linha do tempo” não importa, ou seja, se ela virá por meio de recursos visuais, sonoros, audiovisuais, puramente verbais ou até por meio de *links* com outros sites, porém, destacamos aqui que, no caso de compartilhamento de *links* em *post*, o usuário pode ter a opção de realizar um comentário após ser direcionado a outra página na *internet*, onde ele poderá ter acesso, diretamente na fonte, à informação veiculada na íntegra; caso ele não queira

ter esse acesso, o usuário pode, também, realizar o comentário apenas com a leitura da manchete colocada em evidência no *post*.

Neste sentido, ao se deparar com uma postagem, os usuários encontram a seguinte imagem:

Figura 5 – Exemplo de postagem e opções de comentário



Fonte: própria autora em sua página no Facebook [coletada em 16 de abril de 2017].

Para ilustrar, optamos por colher uma figura do *Facebook* em que o usuário utilizou uma postagem apenas com formas verbais. Abaixo da frase, observa-se que uma das opções é “comentar”. Assim, se o “box” de comentário não estivesse exposto, como consta na figura 5 do exemplo, bastaria dar um clique nessa opção que ele apareceria. Ao se deparar com o box, observa-se que o *Facebook* realiza um convite para interagir

com o amigo, comentando algo sobre seu *post*. Nesse sentido, o usuário que decidir comentar pode escolher, além da forma tradicional de escrita, a utilização de emoji²⁶, enviar uma foto, imagem, um *gif*²⁷ ou uma figurinha, opção colocada no canto esquerdo do box de comentário.

Após realizar o comentário, o autor do *post* pode utilizar a ferramenta “curtir”, a fim de sinalizar uma possível concordância com o que foi escrito, ou pode utilizar a opção “responder”, que abrirá espaço para um fórum de conversa. O usuário que escreveu o comentário pode optar por continuar ou não com a interação. Ainda, ao lado da opção “responder”, há a mensagem “Agora mesmo”, que indica o momento em que o comentário foi publicado. O mesmo acontece no *post*, no qual a indicação do tempo da publicação aparece logo abaixo do nome do usuário, que, no presente caso, por medidas éticas de pesquisa, foi apagado e substituído por “EX 1”. Ainda no *post*, ao lado da indicação do tempo, percebemos que existe uma imagem no formato de um globo, significando que tal postagem pode ser visualizada por todos os que têm acesso ao *Facebook*.

Figura 6 – Exemplo de publicação pública



Fonte: Própria autora. [Print tirado em 18 de dez de 2016].

²⁶Para saber detalhes sobre o que é um emoji, acesse a definição disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

²⁷Para saber detalhes sobre o que é um *gif*, acesse o artigo “O que é GIF?”. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

Para compreender melhor a natureza discursiva dos debates estudados nos comentários, o próximo capítulo desta dissertação apresentará a Teoria Sociocognitiva de ACD de Van Dijk (2000; 2001; 2012a; 2012b; 2016), a fim de apresentar as estratégias de convencimento do *outro*, através do discurso, ocasionando, por diversas vezes, polarizações discursivas entre os grupos.

4 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA PROPOSTA SOCIOCognITIVA DE VAN DIJK

Este capítulo está dividido em duas principais seções, sendo elas cruciais para a compreensão da proposta sociocognitiva de Análise Crítica do Discurso (ACD), cunhada por van Dijk (1999a; 2011a; 2012a; 2012b; 2012c; 2014; 2016). Para isso, nesta seção, iremos expor o histórico da Análise Crítica do Discurso, o seu surgimento e, também, os seus principais idealizadores. Após isso, apresentaremos a proposta sociocognitiva de van Dijk, a fim de explicar os preceitos básicos para a análise que usaremos como suporte para esta dissertação. Entender tal preceito é importante, pois, assim, construiremos sentido para todas as noções próximas que serão apresentadas neste capítulo. Desse modo, discorreremos sobre os conceitos de Modelos Mentais e Modelos de Contexto, que regem a situação comunicativa e as formas como selecionamos cognitivamente certos comportamentos discursivos; sobre as definições de cognição, discurso e conhecimento, das quais partiremos para uma apresentação mais aprofundada da relação existente entre discurso, cognição e sociedade. Nesta seção, há ainda mais duas subseções, intituladas “A ideologia” e “Estruturas discursivas e categorias de contexto”. Optamos por separar essas duas seções por acreditarmos que elas são importantes para a compreensão da proposta de estudo de van Dijk.

Neste capítulo, apresentamos as noções de representação social, preceitos sobre polarização discursiva e as ideia de representação social.

4.1 A proposta sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso de van Dijk

O marco institucional da Análise Crítica do Discurso surge em um simpósio realizado na Universidade de Amsterdam. Na ocasião, estudiosos como Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak se reuniram e tiveram a oportunidade de discutir teorias e métodos acerca da Análise do Discurso, mais precisamente a ACD (MEYER, 2001). Assim, “o encontro permitiu que todos confrontassem entre si abordagens distintas e diferenciadas, abordagens que ainda marcam as tendências existentes hoje” (WODAK, 2004, p. 127).

A partir desse primeiro encontro, simpósios anuais começaram a surgir, a fim de acompanhar “o surgimento de um paradigma unificado mais por uma agenda de pesquisa do que por uma teoria ou metodologia comuns” (WODAK, 2004, p. 228). Nesse sentido, a ACD não constitui uma “escola” que se dedica aos estudos discursivos. Ela é formada, essencialmente, por teorias heterogêneas, em uma abordagem multidisciplinar, preocupando-se com o social – acerca do posicionamento político desfavorável a grupos sociais em desvantagens – e com a divulgação dos resultados das pesquisas, como forma de alerta às práticas de abuso de poder legitimados no e pelo discurso. Nesse sentido, os teóricos envolvidos nos estudos da ACD buscam abordagens distintas que se explicitam no teor dos trabalhos de cada analista. Assim, “van Dijk partiu de uma abordagem cognitiva para explicar os mecanismos de processamento do discurso” (GUIMARÃES, 2012, p. 439), enquanto Kress investigou “como diferentes sociedades valorizam distintos modos de representação, voltado principalmente para a pesquisa educacional” (WODAK, 2004, p. 230). Por sua vez, van Leeuwen “trabalhou pioneiramente a relação de significados entre informações visuais e verbais nos textos e discursos, bem como o significado das imagens” (GUIMARÃES, 2012, p.440); “Fairclough, além de estabelecer a base sócio e teórica da ACD, investigou os discursos da mídia de massa, como um espaço de manutenção de poder” (WODAK, 2004, p.230). Wodak introduziu de que forma o “uso da linguagem em ambientes institucionais é reiterada, assim como a necessidade da adoção de uma perspectiva histórica” (2004, p. 232).

No entanto, apesar dessa grande variação de abordagens do discurso, é importante ressaltar que algumas noções são compartilhadas entre os teóricos mencionados. Van Dijk (2016) nos explica que isso ocorre por se tratarem de pilares essenciais para o estudo do discurso, como: ideologia, poder, gênero, hegemonia, discriminação e estruturas. Desse modo, embora haja perspectivas diferentes, os estudos dos pesquisadores também se pautam num projeto comum, pois, além de partilharem de questões similares de investigação, também desempenham um papel importante em favor dos grupos discriminados, apresentando resultados relevantes para o pensamento social e crítico. Nesse sentido, Mayer (2001) esclarece que os elementos que unem as abordagens da ACD são mais constituídos a partir de noções específicas acerca das questões que se busca investigar do que por qualquer base de atitude

teórica. Em outras palavras, a ACD “propõe um ‘modo’ ou uma ‘perspectiva’ diferente de teorização, análise e aplicação ao longo dos campos” (VAN DIJK, 2008, p. 144).

Além dessas noções que os estudiosos da ACD compartilham, há o entendimento comum de que o discurso desempenha um papel crucial, pois é a partir dele que se torna possível identificar os problemas sociais, bem como os abusos de poder, que acarretam em desigualdades, discriminação e racismo e, também, em outras formas de manipulação e dominação que estão incutidas no texto. Desse modo, para investigar como essas manifestações ocorrem no discurso, alguns analistas adotam categorias linguísticas próprias, baseadas em enfoque teórico e em objetivos particularmente selecionados por cada um deles, conforme já mencionando, sucintamente, no início deste capítulo.

A proposta sociocognitiva de ACD de Van Dijk (1999a; 2011a; 2012; 2014; 2016) se apresenta como a mais apropriada para a nossa pesquisa. Nela, o autor lista uma série de categorias que podem ser utilizadas em uma análise discursiva, como os atos de fala, ênfase na entonação, o léxico, a ordem das palavras, o estilo, as estruturas sintáticas, figuras retóricas, as iniciativas semânticas (como as retificações), estruturas proposicionais, os turnos de palavras, organização esquemática, as objeções e, por fim, os titubeios. Segundo o autor, essa lista, durante a interação, pode ser alterada, sendo, portanto, controlada pelo falante e modificada conforme a relevância em função do poder social.

A noção de discurso, embora seja essencialmente linguística, é pautada nos preceitos do filósofo Michael Foucault (2010), que, ao se preocupar prioritariamente com a formação do conhecimento, estabelece a noção de discurso como “uma certa forma de falar²⁸” (FOUCAULT, 2010, p. 193). Desse modo, para o autor, existe uma diversidade de maneiras de abordar e de falar sobre um mesmo assunto e essas formas variam, de acordo com o contexto em que o ato comunicativo é produzido. Segundo ele, o discurso pode influenciar nossos comportamentos, na medida em que produz conhecimento nas práticas sociais. Nesse sentido, o discurso se insere em um contexto social e histórico, não podendo ser considerado apenas como um conjunto

²⁸ “*In a certain way of speaking*” (original).

de enunciados isolados. Outra contribuição de Foucault (2010) reside no tratamento do discurso enquanto prática social, sendo construído por um determinado contexto.

Na perspectiva de van Dijk (2016), ao compreender o contexto, devemos sempre levar em consideração que as situações de interação discursiva são partes semelhantes e construtivas da estrutura social. Assim, nas palavras do autor, trata-se de “nossas experiências pessoais, modelos mentais armazenados na memória episódica” (VAN DIJK, 2012b, p. 111). Dessa forma, os contextos variam, conforme a situação comunicativa (local), de modo que “os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construtos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação, isto é ‘modelos mentais’” (VAN DIJK, 2012b, p.87). Em outras palavras, podemos dizer que em uma situação comunicativa os usuários da língua não se envolvem apenas no processo do discurso, pois eles também estão inseridos na construção de análises e interpretação subjetiva, realizada de forma *on-line*. Pensando nos conceitos sobre discurso, abordados por Foucault (2010), van Dijk (1999a; 2011a; 2012; 2014) apresenta-nos a noção de que não existe uma relação direta entre discurso e sociedade, pois, antes de haver essa troca, o discurso, impreterivelmente, passa pela interface cognitiva, haja vista que só criamos os modelos mentais²⁹, antes de proferir um discurso, através de um conhecimento previamente adquirido e processado cognitivamente.

Assim, van Dijk (1999a; 2011a; 2012; 2014; 2016) nos apresenta uma teoria sócio cognitiva. *Sócio* por se constituir por meio da troca de informações, através da vida em sociedade; *cognitiva* por atuar, antes de qualquer possível ação discursiva, através do cognitivo. Dessa forma, a abordagem do autor sugere que as análises partam da relação estabelecida entre três importantes dimensões: discurso, sociedade e cognição. Tais propriedades formam a tríade sociocognitiva de van Dijk, baseada em três vértices importantes: discurso, cognição e sociedade. É importante ressaltar, sobretudo, que esses três pilares assumem papel importante para a ACD, uma vez que auxiliam a compreensão, a construção de um significado mais amplo e a sistematização da realidade social. Para tanto, torna-se necessário explicitar o que

²⁹ O conceito de Modelo Mental está melhor explicado no item 4.3. deste capítulo.

van Dijk (2001) define para cada termo dessa tríade, a fim de evitar possíveis colocações reducionistas.

Van Dijk (2012a) compreende que o *discurso* não pode ser analisado apenas “como um objeto ‘verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica e política” (VAN DIJK, 2012a, p. 12). Assim, o teórico também considera, como sendo ação discursiva, gestos, imagens, símbolos, entre outras manifestações ocorridas através de recursos semióticos e multimodais. A *cognição*, por sua vez, compreende as crenças, os objetivos e as avaliações acerca de qualquer tipo de estrutura, processo mental ou representação que possa surgir a partir da interação e do discurso. Desse modo, o autor esclarece que “o usuário da língua como ator social tem cognição pessoal e social – memórias pessoais, conhecimentos e opiniões -, bem como aquilo que é compartilhado com os membros do seu grupo ou da cultura como um todo” (VAN DIJK, 2016, p. 12). Por fim, *sociedade* remete aos grupos sociais e às cognições sociais de membros desses grupos, que se atraem por meio de um ponto de vista em comum e coletivo na sociedade. Desse modo, a sociabilidade de cada grupo é guiada conforme os objetivos e interesses partilhados por seus membros.

Segundo van Dijk (2000), as três noções apresentadas acima são totalmente interligadas, de modo que é impossível explicar, por exemplo, as relações existentes entre discurso e sociedade sem considerar a perspectiva da cognição, atuando os três elementos concomitantemente, na visão do autor. Além disso, para ele, é impossível compreender a cognição sem levar em conta que os conhecimentos, as ideologias e as crenças são adquiridos por meio da interação social.

Pensando nesse pressuposto de van Dijk (2000; 2001; 2012a; 2012b; 2014; 2016), elaboramos a seguir um esquema inspirado no método proposto por Tomazi e Natale (2015), a fim de explicitar como se fundamentam os preceitos relevantes para esta dissertação.

Figura 7 – Tríade Sociocognitiva do discurso



Fonte: elaborada pela autora, com inspiração no esquema de Tomazi; Natale (2015, p. 141).

O esquema da Figura 7 adota a característica de um triângulo, a fim de trazer a reflexão de que uma análise crítica do discurso deve perpassar todos os três vértices, tentando ligar as estruturas discursivas às questões cognitivas, para, enfim, chegar às sociais. Sobre isso, van Dijk (2012b) afirma que:

a cognição pessoal e social sempre medeia a sociedade ou as situações sociais e o discurso. Portanto, nos Estudos Críticos do Discurso precisamos estudar problemas sociais em termos do triângulo discurso-cognição-sociedade (VAN DIJK, 2012b, p. 26).

Pensando nisso e na tentativa de explicar como a tríade (ilustrada na Figura 7) atua nas manifestações comunicativas, admitimos que as estruturas discursivas são componentes que encontramos dentro do vértice de discurso, ou seja, são categorias como: sintaxe, semântica local e global, expressões multimodais, dentre outras, ou seja, são evidências que podemos encontrar, por exemplo, em um discurso deixado em comentários no *Facebook*. Já as estruturas sociais, encontram-se no vértice da sociedade, em que temos as noções de classe social, grupos sociais, eventos sociais, cultura etc. Na perspectiva dessa pesquisa, situamos o vértice da sociedade como os grupos “*pró impeachment*” e “*contra o impeachment*”. Ambas as estruturas, discursiva e social, apresentam uma natureza muito diferente e, por esse motivo, não

estabelecem uma relação direta entre si; logo, é necessária uma mediação para que a relação aconteça (TOMAZI, NATALE, 2015), mediação esta que se dá por meio de certas coordenadas de natureza cognitiva. Assim, Van Dijk (2006) argumenta que a cognição assume um papel importante para a interação, pois ela realiza a ligação entre o social e o discursivo, através de modelos mentais, modelos de contextos, experiências individuais etc. Para o autor, a única forma dessas estruturas se relacionarem é por meio da cognição, visto que ela age como uma ponte direta e empírica entre a realidade social e o discurso.

É importante situarmos, no escopo da teoria sociocognitiva, o conceito de “ator social”. De acordo com van Dijk (2010), trata-se de um conceito que difere bastante da noção de sujeito proposta na linha da Análise do Discurso francesa. Isso porque a noção de ator social parte do princípio de que os usuários de uma língua não a utilizam apenas dentro de um universo simplista de falantes/ouvintes ou leitores/escritores, mas também atuam como membros de grupos sociais, instituições ou culturas. Nesse sentido, ao participar de uma interação social, o indivíduo atua como representante e membro de um grupo ideologicamente situado, compartilhando não apenas ideologias, mas crenças e atitudes coniventes ao grupo ao qual ele pertence. Dessa forma, no instante em que articula a prática discursiva e a cognição (social e pessoal) é que ele se constitui como ator social. Assim, os discursos são estruturas sociais, culturalmente construídas e politicamente engajadas. Portanto, nunca são neutros, pois carregam marcas de pertencimentos a determinados grupos sociais. Na próxima sessão, veremos mais detalhadamente como a cognição atua dentro da ação discursiva e como que o contexto influencia diretamente as mudanças do discurso.

Como visto na tríade sociocognitiva de van Dijk (1999a; 2011; 2012; 2014; 2016) (figura 7), a interface existente entre os vértices *discurso* e *sociedade* é a *cognição*. Embora não seja possível esgotar aqui todas as questões que envolvem os aspectos cognitivos, que atuam na ação discursiva, centraremos as explicações acerca dos conceitos que consideramos mais relevantes para esta pesquisa. Sendo assim, nos concentraremos nas noções de modelos mentais e modelos de contextos, conhecimento e ideologias, com o intuito de explicar melhor como a cognição opera na interface entre discurso e sociedade. No entanto, é importante lembrar que, ao

adotar esses conceitos, não estamos desconsiderando as várias outras propriedades que também atuam na cognição, conforme veremos mais adiante.

A proposta sociocognitiva de van Dijk (1999a; 2011a; 2012; 2016) apresenta a noção de contexto sob a perspectiva da cognição. Nesse sentido, a ideia de modelo mental adotada por este autor parte dos conceitos da psicologia desenvolvida na década de 1980 (JOHNSON-LAIRD, 1983), denominada modelo de situação. Os modelos mentais são construções subjetivas ou definições que denotam comportamentos que podem ser utilizados mentalmente em situações discursivas. Eles estão relacionados com a maneira segundo a qual um dado discurso será compreendido. Além disso, não possuem uma natureza rígida e hegemônica, pois, a partir do contínuo processo de interação social, acabam sendo levados a “constantes reformulações, atualizações e reelaborações” na memória episódica³⁰ (VAN DIJK, 2012b).

Os modelos mentais são sociais, pois atuam de forma genérica sobre comportamentos socialmente aceitos por determinados grupos sociais, porém, eles também são individuais, uma vez que partem das nossas experiências vividas e socialmente compartilhadas. Por exemplo, uma pessoa que publica um comentário no *Facebook* contra a ex-presidente Dilma Rousseff busca, através de suas experiências pessoais, características comportamentais e discursivas mais próximas e adequadas para realizar tal publicação. No entanto, o que determina o texto redigido como sendo apropriado ou não para a situação são as relações construídas socialmente para um comentário. Dessa forma, conhecendo o contexto de um comentário de *Facebook*, não seria, por exemplo, apropriado trazer um artigo acadêmico para valorar seu argumento, pois, no mínimo, ninguém teria interesse em ler, tendo em vista a dinamicidade e rapidez que tal rede social exige. Resumidamente, os modelos mentais constituem conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e adquiridos a partir da experiência.

Os modelos mentais são estruturas complexas que atuam de forma situacional e interacional, pois sua ativação é diferenciada, dependendo da ação comunicativa. Por

³⁰O conceito de Memória Episódica é relativo à lembrança de coisas e eventos associados a um tempo ou lugar em particular. Refere-se à informação com contexto espacial e temporal específico (VAN DIJK, 2012b).

esse motivo, eles são representações subjetivas dos eventos ou situações de produção discursiva. Tais estruturas cognitivas são compreendidas como a nossa “representação da realidade”, uma vez que gerenciam nossas avaliações e valorações sobre eventos específicos, grupos e atores sociais. Por essa razão, os modelos mentais estão relacionados intrinsecamente com o contexto, pois são mecanismos com os quais operamos nos diversos eventos comunicativos.

Segundo van Dijk (2012), a noção de contexto parte do princípio de ser, antes de tudo, “um modelo mental específico, uma interpretação subjetiva feita pelos participantes das propriedades relevantes da *situação* (social, interacional ou comunicativa) da qual participam” (2012b, p. 44-45). Nesse sentido, essa concepção se baseia na ativação de vários “conhecimentos” para dar uma coerência estrutural à situação comunicativa, selecionando, também, as informações consideradas relevantes. Sendo assim, os contextos não são um tipo de situação social objetiva, pois, se fossem, participantes de um mesmo ambiente, em uma mesma situação social, construiriam exatamente o mesmo discurso. Porém, as construções de modelos mentais subjetivos de cada ator social e as experiências interpessoais fazem com que não somente os modelos mentais sejam únicos, como os modelos de contextos também (VAN DIJK 2012b).

Desse modo, os contextos assumem uma forte influência sobre o discurso, por serem modelos mentais da situação comunicativa. Em uma relação de macro e micro, respectivamente, os modelos de contextos, primeiramente, podem representar situações pertencentes a uma estrutura social, como instituições, escola e mídia. Por outro lado, eles podem representar o conhecimento compartilhado por conversas, interações situadas ou momentâneas (VAN DIJK, 2012b). Van Dijk (2014) ainda acrescenta que isso só é possível por conta do conhecimento, sendo ele a dimensão mais importante do contexto. O teórico explica que para compreender um discurso é necessário uma grande quantidade de conhecimento. Tais conhecimentos só são possíveis de apreender por meio de experiências, ou seja, através da exposição do ator social ao discurso e a suas diversas inferências (VAN DIJK, 2014). A seguir, veremos mais sobre a atuação do conhecimento em relação ao ato discursivo.

Para van Dijk (2014), o conhecimento é a parte mais importante na compreensão do contexto. Além disso, o autor acredita que a compreensão completa acerca da influência do discurso na sociedade só é possível a partir do processo de gerenciar os

conhecimentos alocados na mente dos atores sociais, ativando-os durante o processo de interação e, assim, aplicando-os ao ato discursivo (VAN DIJK, 2014). Pensando nisso, van Dijk (2014) apresenta-nos a noção de cognição social.

Segundo van Dijk (2014), a cognição social ocorre por meio do *conhecimento*. Pois, para que um indivíduo tenha atitudes discursivas baseadas em um grupo social específico, é necessário que, antes de qualquer coisa, ele tenha conhecimento sobre o universo social do qual deseja fazer parte. Por esse motivo, van Dijk (1999b) adota o termo “cognição social” para referenciar termos socialmente compartilhados e seus usos e processamento em contextos sociais. Porém, as noções de conhecimento podem ser relativas, de modo que alguns conhecimentos aceitos por um determinado grupo podem ser rejeitados por outros, sendo considerados como falsas crenças, superstições ou preconceitos.

Embora van Dijk (2012b) faça distinção entre vários tipos de conhecimentos, focalizaremos apenas aqueles que julgamos relevantes para as discussões aqui propostas: os conhecimentos *pessoal*, *grupai* e *cultural*. O primeiro é representado pelos saberes alocados em nossa memória de longo prazo, na qual guardamos experiências individuais, vividas, lidas ou ouvidas, acerca de eventos comunicativos. Basicamente é o que vimos no tópico anterior, acerca dos modelos mentais. O segundo tipo de conhecimento, grupai, diz respeito àquilo que é compartilhado por grupos sociais específicos, como partidos políticos, por exemplo. Novamente, trata-se do que já explanamos no tópico anterior, porém, desta vez, a respeito dos modelos de contexto. O outro tipo, conhecimento cultural, diz respeito a uma base comum de todas as práticas discursivas e sociais, compartilhada por todos os membros de uma sociedade ou cultura.

O conhecimento cultural, por ser comum a todos os grupos, é incontestável. O pessoal é reservado somente para cada indivíduo. O grupai pode ser visto, por outros grupos, como apenas uma crença ou uma mentira. A principal diferença entre crença e conhecimento é que a primeira é pautada como subjetiva, podendo ser errônea, infundada ou desviada; o segundo vem como uma categoria das crenças tomada como verdadeira a partir de alguns critérios de verdade pré-estabelecidos (VAN DIJK, 1999b).

Além das considerações feitas acima, sobre conhecimento, é importante estabelecer que este também é contextual, pois o critério de verdade adotado em uma situação comunicativa pode sofrer diversas alterações, ou pode ser rejeitado pelos membros dessa mesma comunidade posteriormente. No tópico seguinte, apresentaremos o conceito do termo *ideologia* adotado por van Dijk. Entender essa concepção é fundamental, visto que acreditamos, assim como o autor, que é por meio das ideologias que as manifestações discursivas podem ou não serem propagadas.

4.1.1 A IDEOLOGIA

Na concepção de van Dijk (1999a), o termo *ideologia* não carrega o sinônimo de “falsa ideologia”, advinda das reflexões marxistas. Na abordagem do teórico, o termo ideologia nem sempre apresenta conotações negativas e muito menos opressoras. O autor investigou tal fenômeno e, dentro da abordagem sócio, cognitiva e psicológica, adaptou o termo para a noção de um sistema de crenças compartilhadas por grupos, sendo elemento de coesão e coordenação de práticas sociais.

Essa nova perspectiva atribuída à noção de ideologia pode propiciar a mudança social, na medida em que: se por um lado algumas ideologias dominantes atuam como um instrumento de imposição, como o domínio discursivo, por exemplo, por outro, existem as ideologias revolucionárias e libertadoras (VAN DIJK, 2012b).

Assim, van Dijk (1999a) explica que as ideologias devem ser entendidas como “as bases das representações sociais compartilhadas por membros de um grupo” (VAN DIJK, 1999a, p.12), sendo organizadas conforme as crenças sociais específicas de cada grupo, permitindo-lhes agirem coordenadamente. Por esse motivo, van Dijk (1999a) afirma que as ideologias são compreendidas como elementos que operam na interface entre sociedade e cognição, por meio das quais os grupos sociais se articulam em torno de afinidades, compartilhando e reelaborando suas crenças.

Sendo assim, a ideologia atua como uma categoria irrefutável, uma vez que define outros elementos cognitivos e é socialmente construída e partilhada, pois não existem ideologias individuais (VAN DIJK, 1999a). Em outras palavras, podemos dizer que as ideologias se constituem com base nos aspectos pautados na tríade: discurso,

sociedade e cognição. É importante, porém, acrescentar que várias práticas se organizam em torno dessa concepção e é a partir do discurso que ela mais se propaga. Por outro lado, é através da análise discursiva que podemos averiguar suas manifestações e combatê-las, no caso de ideologias que compactuam com os abusos de poder e promovem as desigualdades sociais (VAN DIJK, 2012a).

De acordo com Van Dijk (2016), “a noção central no trabalho crítico sobre o discurso é o poder, mas especificamente o poder social dos grupos ou instituições”. Para o autor, a noção de poder se manifesta de formas diferenciadas, variando conforme os recursos utilizados para ser exercido. Nesse sentido, o poder coercitivo baseia-se no uso da força e da violência sobre o subordinado; os ricos possuem o poder por conta do acúmulo de dinheiro que possuem; o poder da “persuasão” é aquele atribuído a pessoas que possuem conhecimento, maiores informações ou autoridade, seriam os professores, juízes, pais e jornalistas, por exemplo. Esse tipo de poder persuasivo pode ser controlado não apenas por pessoas (líderes) ou grupos de pessoas, mas também por instituições (escola e igreja, por exemplo). Além disso, seus promotores de poder são, também, chamados de “elites simbólicas” (VAN DIJK, 2012b, p. 123) e, basicamente, possuem um capital simbólico dentro da esfera social, sendo assim, são aqueles que podem “simplesmente dizer-lhes o que (não) acreditar ou o que (não) fazer” (VAN DIJK, 2016, p. 24).

Porém, é importante situar que os grupos, líderes ou instituições dominantes podem mais ou menos controlar outros grupos dominados, ou então, podem, também, mais ou menos controlar apenas uma situação específica. Por exemplo, um professor controla os alunos dentro da sala de aula, mas não fora dela. Os grupos dominados, por sua vez, podem receber tal controle de diversas formas: resistir, tolerar, aceitar, ser conivente, legitimar tal poder e até achar que ele é “natural” (VAN DIJK, 2016). Tal poder, vindo dos grupos dominantes, pode, também, estar integrado a leis, regras, normas, hábitos ou a um consenso geral. Nesse caso, o poder de persuasão torna-se ainda mais poderoso.

É importante situarmos que, para van Dijk (2012a), as noções de poder não são ruins, sendo por muitas vezes necessárias para a manutenção social. O problema está centrado nos abusos de poder. Ou seja, quando um grupo muito restrito apropria-se de seu poder de persuasão para beneficiar-se em detrimento dos grupos dominados.

Nesse caso, os grupos dominantes gerenciam o acesso que os dominados terão a certas informações, levando-os a achar que tudo está em cooperação para um bem comum, quando, na verdade, o único interesse é o benefício de um grupo muito restrito. Assim, os abusos de poder acabam promovendo as desigualdades sociais, o sexismo, o racismo e outros problemas que assumem a forma do que Gramsci (1971) denominou por *hegemonia* (VAN DIJK, 2012a; 2016).

Como pode ser visto, na perspectiva de Van Dijk (2012a; 2016), as elites simbólicas, basicamente:

têm o acesso mais ou menos exclusivo para – e controle sobre – um ou mais tipo de discurso público. Assim, os professores controlam o discurso escolar, o discurso educacional, o jornalista o discurso da mídia, advogado o discurso legal, e os políticos os discursos políticos e outros discursos públicos. Aqueles que têm mais controle sobre – e mais influentes – gêneros do discurso (e mais propriedades discursivas) são por essa definição também mais poderosos (VAN DIJK, 2016, p. 24).

Pensando nas reflexões desses conceitos abordados acima, a ACD concentra-se nas noções de controle do discurso, justamente para averiguar e identificar tais formas de poder e, especialmente, seus abusos veiculados através do discurso. Assim, o discurso torna-se um evento complexo da comunicação, pois consiste em texto e contexto, acesso e controle, sendo estes relevantes para a definição de categorias envolvendo a *situação comunicativa*, entendida como contexto, bem como para noções referentes ao texto e à fala (VAN DIJK, 2016). No próximo tópico, trataremos mais detalhadamente as categorias de contexto. Elas irão nos ajudar a compreender como que os discursos são moldados, a partir da situação comunicativa nas quais eles são expostos.

4.1.2 AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS E AS CATEGORIAS DE CONTEXTO

Para compreender o discurso, é necessário ir além do que explanamos até então, pois, ao afirmarmos que os modelos de contexto são a interface cognitiva que relaciona a influência social sobre o discurso, devemos também dizer que é por meio dos modelos de contextos que as produções e compreensões do discurso são

controladas, de modo que o discurso delimita a adequação à situação (VAN DIJK, 2012b).

Compreendemos, até então, que é através do contexto que os discursos são moldados e, assim, relacionam-se de forma *online*, por meio de uma interpretação única e, portanto, subjetiva, a qual pode representar situações de nível macro, quando relacionada a situações mais gerais ou em relações menores, chamadas de nível micro. Por tais motivos, explanaremos a seguir as diferenças entre ambas as estruturas (macro e micro) acerca de suas relações com a ordem social. Sobre tais relações, van Dijk (2012b) afirma:

o uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao micronível, enquanto o poder, a dominação e a desigualdade entre grupos sociais pertencem ao macronível de uma análise (VAN DIJK, 2012b, p.116).

Van Dijk (2012b) afirma que “na interação e na experiência cotidianas, o macronível e o micronível formam um todo unificado” (VAN DIJK, 2012b, p. 116). Para unificar tais estruturas, apresentaremos o quadro 2, a seguir, construído a partir das leituras dos conceitos levantados por van Dijk (2012b). Buscaremos explicar como que tais níveis, macro e micro, relacionam-se acerca do gerenciamento de conhecimento na interação.

Quadro 1 – As relações macro e micro da ordem social.

(Continua)

Micronível	Macronível	Relação
Membros	Grupos	Os usuários de uma língua participam no discurso como membros de diversos grupos sociais, organizações e instituições; e, por outro lado, os grupos então podem agir “através” de seus membros.
Ações	Processos	Os atos sociais de atores individuais são, desse modo, parte constituinte das ações e dos processos sociais do grupo, tais como a legislação, a produção de notícias ou a reprodução de racismo.
Contexto	Estrutura social	De maneira semelhante, as situações de interação discursiva são parte constituinte da estrutura social. Isto é, os contextos ‘locais’ e os mais ‘globais’ estão intimamente relacionados e ambos impõem restrições ao discurso.

Fonte: adaptação da autora (VAN DIJK, 2012b, p.116-117).

Quadro 1 – As relações macro e micro da ordem social.

(Conclusão)

Micronível	Macronível	Relação
Cognição pessoal	Cognição social	Os usuários da língua, enquanto atores sociais, possuem cognição tanto pessoal quanto social: memórias, conhecimentos e opiniões pessoais, bem como aqueles compartilhados com os membros do grupo ou cultura como um todo. Ambos os tipos de cognição influenciam na interação e no discurso dos membros individuais, enquanto que as “representações sociais” compartilhadas governam as ações coletivas de um grupo.

Fonte: adaptação da autora (VAN DIJK, 2012b, p.116-117).

Entender o discurso da forma como foi apresentado no Quadro 2 é o fundamento para a compreensão das formas como os indivíduos (re)produzem representações sociais nos eventos comunicativos (VAN DIJK, 2012b). Além dessas relações macro e micro, o discurso apresenta, também, estruturas fundamentais para exercerem influências não apenas de fora para dentro do grupo, mas também apresenta grande força no intragrupo no seu contexto. Em outras palavras, apresentaremos aqui como que o discurso gerencia a interação entre participantes de um mesmo grupo social, a quais eventos o discurso se engaja e como o comportamento dos atores sociais é moldado a partir das ideologias dos grupos.

Para tanto, van Dijk (2012a) apresenta-nos a noção de *categorias do contexto* que, basicamente, se pauta em modelos de contextos com estruturas simples, para que os envolvidos na ação discursiva consigam manter ativado o que seja relevante para a situação e, rapidamente, gerenciem o conhecimento, a fim de adequar o seu discurso. Apresentaremos no Quadro 3, a seguir, as categorias de contexto mais importantes para o discurso, pois elas ajudam a posicionar os atores em situações sociais, históricas e políticas. Além disso, o esquema a seguir organiza não apenas as estruturas dos modelos mentais, mas também as representações semânticas que podem ser encontradas em discursos cotidianos.

Quadro 2 – Categorias de contexto.

Cenário	Tempo, lugar, circunstâncias e suporte (meio de comunicação).
Participante	Identidades entre membros de grupos; papéis comunicativos, sociais e institucionais; relações de poder.
Eu-mesmo	Identidade pessoal dos participantes
Ações e eventos comunicativos	Situações em que ocorre a produção discursiva, um comentário por exemplo.
Relações Sociais entre Participantes	Como os participantes se reconhecem e se representam socialmente.
Cognição pessoal e social	Intenção e objetivo Conhecimento comum entre os participantes da ação (base comum) Atitudes e ideologias

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir da leitura de van Dijk (2012a).

As categorias apresentadas no Quadro 3, acima, são de extrema relevância para a produção discursiva. Chamaremos atenção para a categoria do “eu-mesmo”. Segundo van Dijk (2012b), essa é a categoria central para a produção do discurso, pois a representação que o autor social faz de si é de grande importância. O indivíduo, enquanto ator social, desempenha certos papéis sociais, ou seja, possui várias autorrepresentações que são relevantes ou não para um contexto específico. Assim, por exemplo, o fato de ser um *contra o impeachment* apresenta-se mais significativamente em contextos cujo assunto se volta para a política, quando for decidir em quem votar em uma eleição, por exemplo. Mas, em contrapartida, esse mesmo papel social de *contra o impeachment* pode não ser tão relevante em um supermercado, quando estiver comprando itens pessoais para a sua casa. Além disso, essa mesma pessoa pode desempenhar outros papéis sociais, como ser pai, mãe e farmacêutico, por exemplo, e essas funções sociais também poderão ser mais ou menos relevantes dependendo da presença do filho ou quando estiver em um ambiente de trabalho.

Van Dijk (2012b) ainda situa o fato de que, embora haja vários papéis sociais, algumas autorrepresentações permanecem constantes e são elas que permitem a um indivíduo

reconhecer-se (ou ser reconhecido) como uma só identidade. A categoria do “eu-mesmo” formula papéis cruciais nas expressões discursivas e interacionais, principalmente pelo pronome dêitico “Eu”. Por esse motivo, ela “[...] deve ter um papel central na autorrepresentação das situações comunicativas pelos participantes, isto é, nos modelos de contexto [...]” (VAN DIJK, 2012a, p. 106), pois ela exerce um papel de orientação, organizando as relações existentes entre o “Eu” (seja no papel de falante, receptor ou outro papel de qualquer outra natureza) e os demais participantes do evento.

Para van Dijk (2001), entender as categorias do “eu-mesmo” e as outras categorias é de extrema importância, pois é a partir delas que conseguimos compreender a linguagem e situá-la dentro da compreensão do discurso. A título de exemplo e a fim de exemplificar tal importância: “precisamos das categorias Tempo e Lugar para descrever e explicar a estrutura de expressões dêiticas, e a categoria Relações Sociais entre Participantes para explicar o uso de pronomes e outras formas de Polidez” (VAN DIJK, 2001, p. 21). Pensando nessa afirmação do autor, traremos a seguir as categorias discursivas necessárias para o estudo dessa dissertação. É importante, porém, ressaltarmos que não colocaremos aqui a lista completa das categorias discursivas, tendo em vista a sua vasta extensão. Apresentaremos apenas as que julgamos mais relevantes para esse estudo. Assim, o Quadro 4, a seguir, apresenta-nos algumas *categorias discursivas* essenciais para a produção do discurso.

Quadro 3 – Categorias discursivas

(Continua)

CATEGORIA	
Nível Macro	Nível Micro
Estilo	Léxico (identidade social/ estereótipo)
Estruturas Globais	Marcadores discursivos: ordenadores de abertura e continuidade
Estrutura Funcional (Sintaxe)	Sujeitos genéricos

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir da leitura de van Dijk (2012c).

Quadro 3 – Categorias discursivas

(Conclusão)

CATEGORIA	
Nível Macro	Nível Micro
Semântica Local	Apreciação de atitudes
	Modalizadores apreciativos qualificadores
Expressões Multimodais	Ritmo: ponto continuativo
Semântica Sequencial	Conectivo “E”

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir da leitura de van Dijk (2012c).

Compreender as noções aqui apresentadas é importante, pois, ao falarmos sobre ideologia e poder, automaticamente, remetemos a certa separação de grupos. Assim, um grupo começa a se definir socialmente e discursivamente a partir de outro grupo, criando o que van Dijk (2012c) nomeia de “polarização”. Esta é reforçada quando participantes começam a comportar-se de forma similar, ou seja, quando um ator social convida outro a agir e pensar de uma determinada forma. O ator social que recebe tal convite analisa a situação, realiza comparações e se posiciona socialmente através de uma atitude individual, mobilizando seu conhecimento, adequando seu discurso e seu comportamento à situação conveniente e, assim, estabelece pertencimento a um ou outro grupo. Mais adiante, veremos como ocorre essa polarização e como as noções aqui descritas contribuem para a manifestação de discursos polarizados.

4.2 A Polarização Discursiva

De acordo com Goffman (1980), em uma interação social, cujo local é entendido como sendo de risco, os atores envolvidos adotam linhas de condutas, ou seja, atos verbais e não-verbais que expressam sua visão da situação e, por consequência, a sua avaliação acerca de si mesmos e dos participantes. Assim, o autor elabora o conceito de *face*, que pode ser entendido como:

O valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante

um contato específico. A *face* é, assim, uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados (GOFFMAN, 1980, p. 76-77).

A partir dessa afirmação, compreendemos que a definição da face é como uma imagem que um ator social constrói de si em uma situação comunicativa, nas palavras do autor, “a fachada [face] é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 2011, p. 14). Assim, a construção dessa imagem ocorre sempre que realizamos uma interação, pois seguimos uma linha de conduta, a qual já abordamos nas palavras de van Dijk (2012a, 2012b): é o que chamamos de Modelos Mentais e Modelos de Contextos. Desse modo, grande parte das ações que realizamos em uma interação tem como finalidade a preservação de nossa face.

Até agora, retratamos a construção de face como sendo algo pessoal, porém, Goffman (2011) nos chama a atenção para o fato de que uma interação possui uma natureza institucional e, portanto, ideológica. Desse modo, “não agimos de qualquer maneira, em qualquer situação, porque, dependendo do papel social que desempenhamos na interação (...), há expectativas tácitas e socialmente acordadas sobre como devemos agir” (CUNHA, 2014, p. 47). Assim, Goffman (2011) avalia que os atores sociais atuam como representantes de unidades sociais mais amplas e, portanto, o grau de perceptividade para as relações de face torna-se mais elevado.

O autor adota como exemplo de representatividade um jogador que busca marcar pontos através do desmerecimento do adversário. Em nossos estudos, porém, por a análise ser voltada a comentários publicados no *Facebook*, o ator social aqui trabalhado não é alguém que busca vencer um jogo, mas procura o tempo inteiro preservar certo protagonismo. Assim, para manter-se no foco da ação discursiva, ele, assim como um jogador, tenta “vencer” através do ato comunicativo. É o que Goffman (2011) denomina como *intercâmbio agressivo*.

O propósito do jogo é (...) marcar maior número de pontos sobre nossos adversários e ganhar o máximo possível para nós mesmos. Uma plateia para o embate é quase uma necessidade. O método geral consiste na pessoa apresentar fatos favoráveis sobre si mesma e fatos desfavoráveis sobre os outros (GOFFMAN, 2011, p. 31).

Goffman (2011) salienta que, em situações de intercâmbio agressivo, mostrar-se como um adversário que possui habilidades discursivas para preservar a própria face, mesmo sofrendo frequentes ataques do oponente, é mais importante que as próprias informações contidas no discurso.

Em intercâmbios agressivos, o vencedor demonstra que, enquanto participante da interação, ele cuida de si melhor do que seus adversários. Muitas vezes, provas dessa capacidade são mais importantes do que todas as outras informações que a pessoa comunica durante o intercâmbio (GOFFMAN, 2011, p. 31-32).

Como pôde ser visto, o ator social que relaciona-se em uma situação de intercâmbio agressivo leva muito a sério a questão da sua preservação de face. Afinal, um ataque à sua face não compromete apenas a sua imagem pessoal diante da sociedade, mas fere uma ideologia com a qual ele compactua. Em consequente, fere todos os membros do grupo de que ele participa. Goffman (2011) finaliza o exemplo do jogador afirmando que torna-se o ganhador aquele que faz mais pontos por (1) conseguir construir a sua melhor face para o espectador e (2) conseguir destruir/quebrar a face positiva do oponente o máximo possível. Isso se dá através de atos discursivos extremamente polarizados e, por isso, persuasivos.

Goffman (2011) também acrescenta que as faces, disponíveis para a construção dos atores envolvidos, são predispostas pela natureza conversacional do evento comunicativo. Sendo apenas um empréstimo da sociedade, as faces se regulam socialmente, através da construção pelo ator de si por meio da desconstrução/quebra da face do outro. Além disso, Goffman (2011) também adiciona a ideia de que a preservação de face, em muitos casos, pode ocorrer de maneira habitual e até padronizada ideologicamente. Na visão do autor:

Mesmo que a pessoa que empregue ações para salvar sua fachada não conheça todas as consequências delas, elas frequentemente se tornam práticas habituais e padronizadas. (...) Cada pessoa, subcultura e sociedade parecem ter seu próprio repertório característico para salvar a fachada [face] (GOFFMAN, 2011, p. 20).

Compreender os esforços que os atores sociais realizam, a fim de manter a boa apresentação do grupo, é de fundamental importância para a compreensão dos

conceitos sobre a imagem social de um grupo ideologicamente marcado. Assim, de acordo com os registros de van Dijk (1999), os atores sociais envolvidos em uma ação discursiva não compartilham exclusivamente suas experiências e estratégias individuais, eles partem principalmente da noção sobre “quadros coletivos de percepção”, conhecidos por *Representação Social*. Desse modo, o conjunto de crenças (conhecimentos, atitudes, discurso) é socialmente partilhado entre grupos sociais e localizado na memória social. No próximo tópico, veremos com um pouco mais de profundidade as relações estabelecidas entre a Representação Social e a Polarização discursiva.

Como visto na explanação sobre a teoria sociocognitiva de van Dijk (primeira parte deste capítulo), as ideologias promovem a manutenção das ideias e, conseqüentemente, das práticas de um grupo. Elas acontecem quando há uma certa identificação social por meio das representações, assim, no momento em que isso ocorre, essas representações de um grupo ideologicamente marcado estão centradas na representação do grupo oponente. Van Dijk (2001, p.14) ainda acrescenta que “cognitivamente, ideologias são uma forma de auto esquema de (membros) de grupos. Isto é, a representação de si como um grupo especialmente em relação a outros grupos”.

O ator social, ao se posicionar favorável ou contrário a uma ideologia, deve pautar-se em uma propriedade extremamente relevante: o conhecimento compartilhado. Isso implica que, primeiramente, o indivíduo deve adquirir o conhecimento, em seguida, deve realizar suas inferências, refletir sobre tais posicionamentos e, por último, agir por meio do discurso em uma interação quanto a esse posicionamento. Van Dijk (2001) destaca que não há, porém, uma ordem hierárquica para o processo cognitivo, de forma que tudo acontece de maneira contínua e dinâmica.

Compreendemos, desde o início da explanação teórica desta pesquisa, que as ideologias são crenças partilhadas por grupos socialmente instituídos e, assim, elas também exercem a função de traçar uma identidade, os interesses e as ações desses grupos, sendo elas as principais responsáveis pela distinção Nós x Eles. Tal distinção, conhecida como polarização discursiva, é fortemente marcada nos discursos ideológicos e, também, é de extrema relevância para o processo de compreensão de mundo e ação social dos membros dos grupos.

Pensando na discussão acima, Bolívar (2010) comenta que o discurso não é somente uma representação de mundo, tampouco as ideologias funcionam apenas como instrumento para “dar sentido” às ações sociais; pelo contrário, ambos funcionam como práticas sociais que, uma vez instituídas, lutam para legitimar suas crenças, através de uma disputa ideológica. Segundo van Dijk (2012c), as ideologias possuem uma estrutura essencialmente polarizada, que refletem a competição e o conflito entre membros de grupos distintos, categorizando-os em intragrupos e extragrupos.

O teórico explica que os discursos são polarizados porque, geralmente, apresentam um quadrante ideológico, conforme apresentado no Quadro 5, que se pauta nos estudos de van Dijk (2012c) para explicar, de uma forma geral, como a polarização acontece nas formas discursivas.

Quadro 4 – Quadrante ideológico da polarização discursiva

NÓS	ELES
Enfatizar nossas coisas boas	Não enfatizar as coisas boas Deles
Não enfatizar Nossas coisas ruins	Enfatizar as coisas ruins Deles

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir da leitura (VAN DIJK, 2012c, p. 32).

O objetivo é deslegitimar o discurso do outro na medida em que realiza, simultaneamente, uma auto apresentação positiva do grupo ao qual pertence. O mesmo mecanismo é usado, também, a fim de legitimar o próprio discurso e, concomitantemente, realizar uma outro-apresentação negativa do grupo ao qual se opõe. Além desse quadrante, o esquema seguinte (Figura 8) ilustra como funciona a atuação da polarização no discurso.

Figura 8 – Esquema de polarização discursiva



Fonte: esquema realizado pela autora a partir da leitura de Van Dijk (2012c, p. 136-137).

Conforme pode ser visto na Figura 8, a polarização só ocorre através de mecanismos do discurso localizados no âmbito das estruturas discursivas, bem como por meio das escolhas lexicais, dos dispositivos retóricos, da sintaxe, dos sons, dos atos de falas etc., ou seja, por meio de mecanismos que podem ser modificados durante a ação discursiva. Van Dijk (2012c) afirma que é por intermédio dessas estruturas que ocorre a manipulação discursiva, uma vez que os atores sociais selecionam seus argumentos, conforme os seus interesses, ao partilhar de determinado conhecimento com alguém.

Muitos autores refletiram sobre o conceito de Representação Social (doravante RS). Durkheim (2003), por exemplo, situava essa noção em uma ideia de representação coletiva, compreendendo que o meio social moldava o indivíduo através das diversas influências. Moscovici (2003), por sua vez, afirma que tanto o indivíduo como a sociedade se influenciam mutuamente, de forma que a construção e a interpretação da realidade estão pautadas em uma massa de conceitos, atitudes, avaliações, imagens e explicações. Assim, Durkheim apresenta-nos um conceito mais estático acerca das representação, enquanto Moscovici (2003) nos mostra uma ideia mais dinâmica, entendida, sobretudo, como um fenômeno que deve ser problematizado na mesma dimensão que a complexidade com a qual se apresenta. Por esse motivo,

Moscovici (2003) não utiliza o termo representação coletiva, oriundo de Durkheim, mas Representação Social.

Entender as noções de representação social, postuladas por Moscovici (2003) é de extrema relevância, uma vez que van Dijk (2012b) utiliza e inclusive cita o teórico em seus próprios estudos.

Na visão de Moscovici (2003), as representações sociais são meios de tornar determinado fato, objeto, pessoas e acontecimentos como algo familiar, próximo, ao ponto de serem encaixados em determinado modelo, o qual norteará a postura que se deve ter em face do outro.

Moscovici (2003), ainda, afirma que as Representações Sociais possuem natureza convencional e prescritiva. Convencional porque elas, literalmente, convenciam a realidade, uma vez que, por meio delas, os objetos, pessoas e coisas são nomeados e categorizados. Assim, se um ator social encontra-se frente a algo que não se encaixa no convencional de algum modelo conhecido e partilhado socialmente, todos os esforços se voltam para tentar encaixar o desconhecido em alguma categoria, para torná-lo familiar e, por conseguinte, contribuir para o melhor entendimento em uma ação discursiva. O teórico destaca que todas essas convenções surgem e se disseminam socialmente e, por esse motivo, uma pessoa, – por mais consciente que possa estar acerca dessas imposições sociais – pode até tentar burlar algumas dessas convenções, porém, é impossível se desvencilhar de todas (MOSCOVICI, 2003, p. 35).

Em concomitância ao convencional, o autor aborda a ideia das Representações Sociais serem, também, prescritiva e, assim, tudo o que fazemos em vida não será uma experiência única e pessoal, pois sofremos influências de determinada(s) representação(ões), haja vista que “[...] elas se impõem sobre nós com uma força irresistível” (MOSCOVICI, 2003, p. 36), sendo essa força fundamental para combinar uma estrutura e uma tradição, refletindo até mesmo na forma como os indivíduos pensam.

Moscovici (2003) defende a ideia de que não devemos rejeitar e nem negar o fato das RS serem uma força e uma forte influência postulada na sociedade. Para ele,

devemos problematizar essa questão e devemos buscar entendê-la a partir da imersão à complexidade de representação que é a realidade que nós conhecemos. Assim, segundo o autor:

[...] nós não podemos imaginar que podemos sempre libertar-nos de todas as convenções, ou que possamos eliminar todos os preconceitos. Melhor que tentar evitar todas as convenções, uma estratégia melhor seria descobrir e explicitar uma única representação. Então, em vez de negar as convenções e preconceitos, esta estratégia nos possibilitará reconhecer que as representações constituem, para nós, um tipo de realidade. Procuraremos isolar quais representações são inerentes nas pessoas e objetos que nós encontramos e descobrir o que representam exatamente (MOSCOVICI, 2003, p. 35-36).

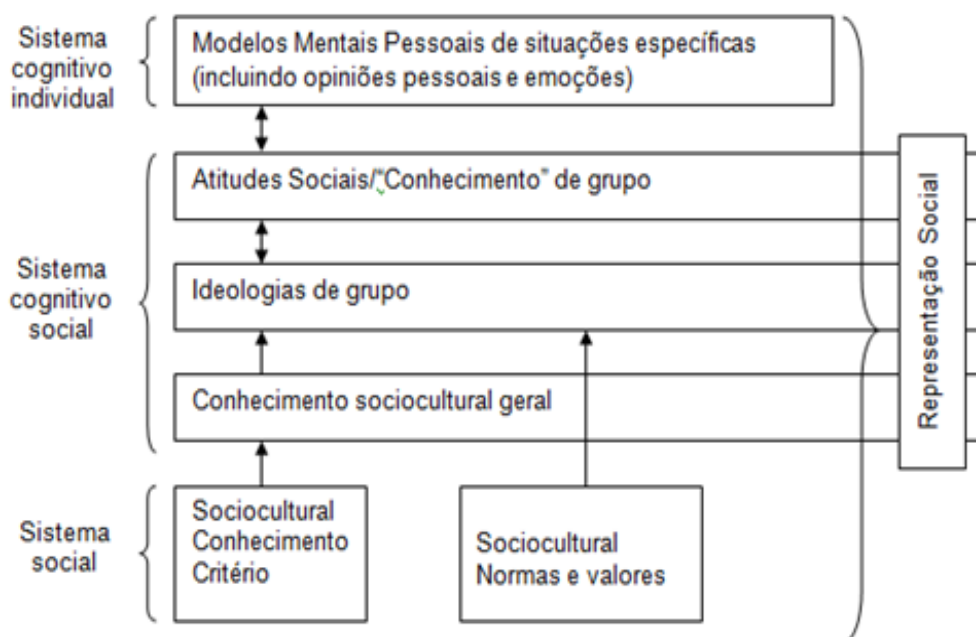
O autor ainda acrescenta que as RS são fundamentadas nos pontos principais das teorias e das ideologias, e que elas próprias acabam se transformando em realidades compartilhadas, por conta de sua natureza convencional e prescritiva (MOSCOVICI, 2003, p. 48). Desse modo, as RS estabelecem um diálogo com as relações interpessoais, que passam a constituir uma categoria de fenômeno. No campo da sociologia, porém, as RS assumem um papel diferente, pois elas acabam sendo entendidas como um conceito de representações coletivas e defendem que as representações sociais devem ser observadas em todas as suas particularidades. A partir da compreensão da importância e da dimensão das RS na forma como os sujeitos participantes interagem e produzem seus discursos, entendemos que é de extrema relevância problematizarmos, nesta pesquisa, a maneira como as categorias de contexto (participantes, ações etc.) foram representados em nosso *corpus* de estudo. Dessa forma, tentaremos averiguar, também, como que essas representações contribuem para a construção de discursos polarizados, o que acaba dividindo a sociedade em dois grupos, conforme já apresentado, sendo de um lado os *pro impeachment* s e, do outro, os *contra o impeachment* s.

Para van Dijk (2001), a RS compreende o conjunto de ideias socialmente partilhadas, que estabelecem um elo entre o sistema social e o sistema cognitivo individual. Dessa maneira, na medida em que o social constrói realidades, o individual realiza a interpretação seletiva daquilo que ele compreende como verdade e descarta o que não toma como relevante.

Para van Dijk (2014), fundamentar a ideia apresentada sobre RS, o conhecimento – definido pelo autor como sendo compartilhado, justificado e geralmente aceito como uma crença social – examina a natureza e o papel das RS e sua reprodução discursiva em comunidades acadêmicas e na sociedade como um todo. Desse modo, os atores sociais baseiam-se não somente em suas experiências e estratégias individuais, quando envolvidos no discurso, mas em “quadros coletivos de percepção”, denominados por Representações Sociais.

A fim de ilustrar melhor como as RS são definidas, van Dijk (2014) elaborou um esquema que ilustra o diálogo estabelecido entre as representações sociais e as representações mentais atuantes na produção do discurso:

Figura 9 – Posição integrada das Representações Sociais



Fonte: van Dijk (2014, p. 135).

Segundo o esquema proposto por van Dijk (2014), a Representação Social surge através da união entre o Sistema Social, o Sistema Cognitivo Social e o Sistema Cognitivo Individual. No primeiro, a relação do Sistema Social influencia diretamente o Sistema Cognitivo Social, pois ele é formado por conhecimentos que são construídos socialmente e que são incontestáveis, como normas, valores e cultura, por exemplo. Após a atuação do Sistema Social, vai se constituindo a representação

de um sistema Cognitivo Social, que se forma a partir de saberes socialmente partilhados. Assim, a partir dos preceitos estabelecidos socialmente, obtém-se uma noção sociocultural que é generalizada.

As ideologias regem as atitudes sociais e o conhecimento de grupo. No entanto, à medida que as ideologias são moldadas, as atitudes e os conhecimentos também o são, mutuamente. Consequentemente, uma vez que as ideologias moldam o comportamento social e o conhecimento de um grupo específico, elas também influenciam individualmente o cognitivo de cada membro desse grupo. Assim, o Sistema Cognitivo Individual atua de forma recíproca com o Sistema Cognitivo Social, pois são eles que orientam os atores não somente enquanto inseridos na sociedade, mas também como seres ímpares. No próximo tópico, veremos como as formações ideológicas promovem as distinções de grupos sociais.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS

Este capítulo será apresentado em três principais tópicos: o primeiro preocupa-se em descrever o *corpus*, bem como o percurso para realizar a coleta dos dados e o procedimento adotado para encobrir as informações pessoais dos usuários no *Facebook*; no segundo, apresentamos o método de trabalho por amostragem, além de abordarmos as categorias discursivas e de contexto, elencadas para o discorrer das análises; por fim, o terceiro tópico deste capítulo concentra-se em apresentar as reflexões analíticas encontradas em nossa pesquisa, a fim de identificar as estratégias de polarização discursiva, sob o aporte das sete micro categorias discursivas propostas na análise sociocognitiva de ACD.

5.1 METODOLOGIA DE APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

O nosso *corpus* de pesquisa é composto por 117 comentários³¹ feitos em um *post* de uma notícia veiculada pelo jornal O Globo, no dia 09 de abril de 2016, e publicada na página do *Facebook* do mesmo jornal, no mesmo dia. O tema do *post* e dos comentários analisados em nossa pesquisa concerne ao dia 17 de abril de 2016, dia da votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, na câmara dos deputados e, principalmente, ao polêmico muro de contenção, colocado em frente à Esplanada dos Ministérios, em Brasília, a fim de separar grupos de manifestantes contra e a favor do *impeachment*.

Optamos pelo *post* de uma notícia que fazia referência ao muro e, especialmente, ao dia da votação do *impeachment* devido ao clima extremamente polarizado que o Brasil vivenciava, pois acreditamos que a decisão de colocar o muro, dividindo os manifestantes, mostrou que realmente a população brasileira estava fragmentada naquele momento.

³¹ Todos os 117 comentários encontram-se nos anexos desta dissertação.

A escolha por um *post* de notícia feito pelo jornal O Globo se deu pelo fato de essa mídia ser alvo frequente de questionamentos quanto ao modo de transmitir as notícias ao público, sendo inclusive taxada, em muitas ocasiões, de manipuladora. Assim, julgamos pertinente analisar não a notícia, propriamente, mas os comentários que eram feitos no *post* publicados com a notícia, na página do *Facebook* do jornal O Globo³². O que foi constatado, por meio de observações feitas, é que muitos usuários apropriavam-se das reportagens para manifestarem suas opiniões a respeito do momento de votação para o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff³³. Assim, a página do jornal O Globo, no *Facebook*, acabou se tornando um dos pontos de encontro para discussões ideológicas, tanto daqueles que queriam o *impeachment* como daqueles que não queriam.

A coleta do corpus dessa pesquisa foi realizada por meio do registro de congelamento de imagem (*print*) dos comentários atribuídos ao *post* selecionado. Utilizamos a rede social desta pesquisadora para ter acesso à página no *Facebook* do jornal O Globo e, também, para coletar os discursos construídos por internautas, por meio de comentários no *post*. Esse procedimento da pesquisa teve que ser feito duas vezes, pois no primeiro momento da coleta, feito no dia 10 de abril de 2016, alguns comentários não foram registrados completamente, porque estes foram suprimidos, sendo necessário clicar na opção “continuar lendo” para ver o restante. Como se tratavam de *prints*, essa opção ficou inutilizada, sendo necessário, então, retornar à publicação e realizar novamente a coleta, desta vez, um ano após a primeira, exatamente no dia 26 de junho de 2017, no período compreendido entre as 15 horas e 30 minutos e as 16 horas. É importante, porém, informar que, devido ao tempo decorrido, 1 ano após a publicação, o *Facebook* acabou suprimindo automaticamente alguns comentários, por uma série de motivos, dentre eles, a decodificação de *spam* ou comentários ofensivos, que continham palavras de baixo calão.

³² Ressaltamos mais uma vez que nosso foco de análise não é estudar como a mídia promove ou não manipulações discursivas. Nossos esforços estão concentrados em apresentar os discursos de usuários do *Facebook* que defendem uma ideologia pró ou contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

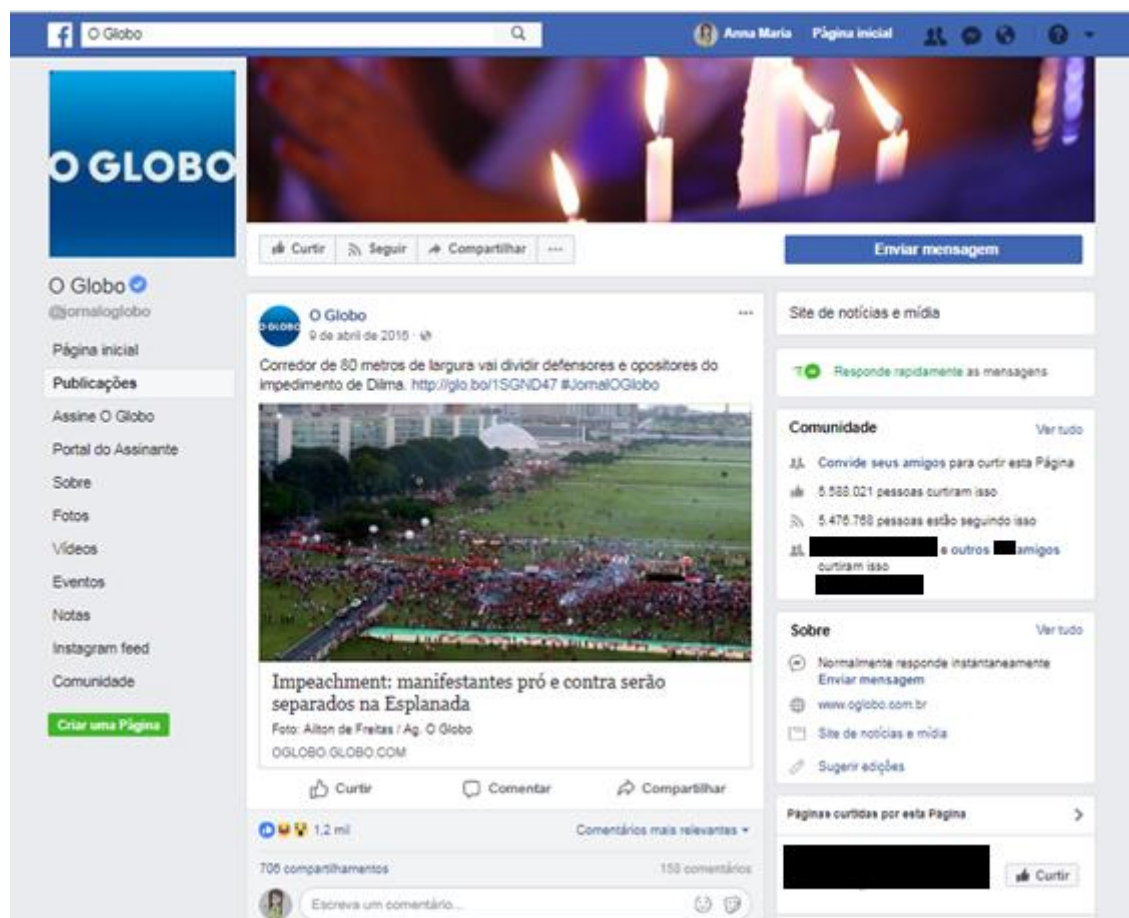
³³ Sugerimos a leitura do estudo feito por Malini (2016) sobre as manifestações nas redes sociais. Disponível em: <<http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/cartografias-2/maior-mas-com-a-base-rachada-no-facebook/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

É importante ressaltar que não centraremos nossos esforços na apresentação da notícia veiculada no *post* do nosso *corpus*, por dois motivos: primeiramente, porque, embora seja bastante instigante estudar a forma como a mídia construiu a informação para repassar aos seus leitores, isso não será possível em nosso estudo, pois acarretaria na mudança completa do enfoque dos modelos de contexto que nosso aporte teórico nos propõe, assim, mudaríamos o eu-mesmo, os participantes, o papel comunicativo etc., sendo, por isso, inviável para nós assumir tal procedimento, devido ao tempo de duração que nossa pesquisa tem. Segundo, porque acreditamos que muitos usuários que realizaram os comentários não leram a notícia e apenas utilizaram o assunto dela como pretexto para expor sua opinião e protesto³⁴.

Algumas notícias, ao serem postadas no *site* de um jornal de grande circulação como O Globo, acabam sendo veiculadas nas páginas das redes sociais dos próprios jornais, também. Foi o que aconteceu com a notícia do *post* que analisamos nesta pesquisa, ou seja, a publicação na página do *Facebook* foi realizada no mesmo dia da publicação no site, no dia 09 de abril de 2016, às 18 horas e 20 minutos.

³⁴ Para obter; uma leitura crítica sobre essa afirmação, sugerimos a leitura de Longhi & Winkes (2008).

Figura 7 – Print do post da publicação feita no Jornal O Globo








Fonte: Imagem coletada por esta pesquisadora, por meio de sua conta na rede social, no dia 16 de março de 2018, às 7 horas e 02 minutos.

O *post*, apresentado na Figura 10, teve 1,2 mil curtidas, 706 compartilhamentos e 158 comentários³⁵ e apresentou-se de forma pública para todos os usuários, ou seja, o *post* poderia ser visualizado por todos os usuários da rede social.

Para preservar a ética e a identidade dos usuários do *Facebook*, dos quais analisamos os comentários, adotamos a seguinte metodologia: encobrimos as fotos de perfil dos usuários com cores específicas, conforme apresenta o quadro 7 a seguir.

³⁵ Conforme já explicado nesta seção, embora o *corpus* tenha essa quantidade de comentários, só foi possível a visualização de 117, pois alguns comentários acabaram sendo suprimidos automaticamente pelo próprio *Facebook*, devido ao tempo de publicação entre o comentário realizado e o momento da coleta.

Quadro 5 – Legenda das cores utilizadas no encobrimento das fotos dos usuários

Cor	Representante
	Comentário de manifestantes pró <i>impeachment</i>
	Comentários de manifestantes contra o <i>impeachment</i>
	Comentário que não sabemos o posicionamento ideológico
	Comentário de insulto a mídia/Jornal O Globo
	Comentário de Resposta

Fonte: quadro produzido por esta pesquisadora.

Ressaltamos que a escolha pela cor vermelha para os manifestantes contra o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e verde e amarela para os representantes favoráveis ao processo de *impeachment* foi utilizada a fim de representar a forma como, majoritariamente, os integrantes de cada um dos dois grupos se vestiram para comparecer às manifestações, principalmente à que ocorreu no dia 17 de abril de 2016.

Os nomes dos usuários receberam uma nova nomenclatura, também. Optamos pelo código C, de comentário, seguido por uma ordem de números arábicos de 01 até 117, conforme a ordem em que iam surgindo os comentários. Para o encobrimento da identidade dos usuários, tanto com relação ao nome como à foto do perfil, utilizamos o programa de computador *Paint for Windows*, 2007. Com o intuito de demonstrar melhor como ocorreu esse esquema de códigos, veja a Figura 11, seguinte, que apresenta uma sequência de comentários:

Figura 8 – Exemplo da codificação utilizada



Fonte: própria pesquisadora [print tirado dia 16 março de 2018, às 15 horas e 53 minutos].

Feitas essas ressalvas é importante ressaltar que todos os *prints* dos comentários, juntamente com o do *post*, constam nos anexos desta dissertação. Na próxima seção, apresentaremos as categorias discursivas adotadas neste estudo para a análise linguístico-discursiva, com base na proposta sociocognitiva de ACD de van Dijk, bem como as questões que envolvem a polarização discursiva entre os grupos pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nesta pesquisa, realizamos um Estudo de Caso dos comentários publicados em um *post* específico, a partir do evento relativo ao muro que dividia os grupos pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff, no dia 17 de abril de 2016, no pátio da Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, porque traz contribuições teóricas e interpretativas de comentários, selecionados mediante um critério por amostragem. É importante frisar que nossa pesquisa não tem por intenção abordar uma generalização estatística sobre o evento, contudo, buscamos avaliar, descrever e explicar a relação existente entre linguagem e sociedade, a partir do nosso *corpus*, isto é, buscamos a descrição por meio de uma generalização teórica (BAUER & AARTS, 2002).

Segundo Barros (2015), o pesquisador pode se valer de diferentes formas analíticas para garantir sua credibilidade. Em nosso estudo, adotamos o método por amostragem, a qual tem como característica a seleção de evidências que melhor representam o contexto geral do *corpus*. Assim, adotamos esse método porque acreditamos que a análise detalhada de todos os 117 comentários presentes em nosso *corpus* seria inviável, devido à repetição de ideias que surgiriam no momento de tal exercício. Por isso, a seleção do referencial de amostragem se deu com base nas categorias sociocognitivas de ACD³⁶ que melhor responderam ao questionamento sobre *como ocorre a polarização discursiva* nos comentários postos em nosso *corpus*.

³⁶ As sete categorias elencadas por nós estão postas no quadro 8 desta seção.

Assim, buscamos analisar a utilização linguístico-discursiva que promove discursos polarizados entre ideologias pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

Antes, é importante salientar que, segundo van Dijk (2010), o analista crítico do discurso deve ter a consciência de que seu papel vai além do engajamento linguístico, sendo necessário estabelecer uma relação com o social, uma vez que as pesquisas nesse campo também envolvem práticas e estruturas sociais. Tendo em vista essa perspectiva, apresentaremos no quadro 6, a seguir, as categorias discursivas que adotamos como critério de análise a fim de explorar como estas contribuem para a polarização discursiva.

Quadro 6 – Categorias de análise.

(Continua)

CATEGORIA		DESCRIÇÃO DA CATEGORIA
Nível Macro	Nível Micro	
Estilo	Léxico (identidade social/ estereótipo)	Selecionar palavras (substantivos ou adjetivos) cuja carga semântica denota aspectos positivos para <i>Nós</i> e negativos para <i>Eles</i> (VAN DIJK 2012b).
Estruturas Globais	Marcadores discursivos: ordenadores de abertura e continuidade	Situam o eu-mesmo no lugar que ele ocupa e o que ele não deseja ocupar, por meio de marcadores (de um lado/ do outro lado, por exemplo) que iniciam ou dão continuidade a um argumento (PORTOLÉS, 2001).
Estrutura Funcional (Sintaxe)	Sujeitos genéricos	Utilizar agentes genéricos (este pessoal, por exemplo), não sendo possível esclarecer, de fato, quem está sendo referenciado. Esse agente está sempre em oposição a <i>Nós</i> . (GONÇALVES, 2002).

Fonte: própria pesquisadora.

Quadro 6– Categorias de análise.

(Conclusão)

CATEGORIA		DESCRIÇÃO DA CATEGORIA
Nível Macro	Nível Micro	
Semântica Local	Apreciação de atitudes	Realizar uma avaliação pessoal sobre atitudes (verbos de ações). negativas <i>Deles</i> e positivas <i>Nossas</i> (VAN DIJK, 2012a).
	Modalizadores apreciativos qualificadores	Apresenta um julgamento (por meio de adjetivos e substantivos) subjetivo aos participantes, podendo serem colocados como bons para <i>Nós</i> e ruins para <i>Eles</i> (BRONCKART, 1999).
Expressões Multimodais	Ritmo: ponto continuativo	Promover uma movimentação da leitura de modo a enfatizar a separação de <i>Nossas</i> coisas boas e as coisas ruins <i>Deles</i> (MUNIZ, 2016).
Semântica Sequencial	Conectivo “E”	Neste estudo, o conectivo “e” não assume o papel de trazer um argumento extra ou secundário sobre a primeira parte do comentário. Porém, sua função principal é reforçar a divisão entre <i>Nós</i> e <i>Eles</i> , demarcando, para isso, uma divisão entre os lados apresentados (PORTOLÉS, 2001).

Fonte: própria pesquisadora.

O quadro 8 acima apresenta sete das muitas micro categorias de análises que são possíveis de serem encontradas em um discurso. Adotamos estas sete por acreditarmos que sejam as mais próximas do que pretendemos propor em nossos objetivos, isto é, apresentar formas de polarização discursiva. Contudo, van Dijk (2016) salienta que há muitas outras possibilidades de análise, cabendo ao pesquisador selecionar a categoria conforme seu objeto e objetivo de análise.

É importante destacar que essas categorias são descritas em um nível micro de análise, porém, para uma explanação completa é necessário atestá-las dentro de um

conjunto, ou seja, em uma abordagem macro, que envolva o universo discursivo³⁷. Em outras palavras, podemos dizer que as categorias (no nível micro) expostas no quadro 8 apresentam-se no nível local (discurso) com funções pontuais dentro das estruturas do texto. Contudo, elas também se apresentam em um nível global, pois se encontram na instância enunciativa e marcam a polarização (cognitivo) evidente nos comentários. Essas duas construções atestam ideologias dos participantes de modo a revelar as ideologias dos grupos pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff (social).

Além dessas estruturas discursivas, as categorias de contextos, propostas por van Dijk (2012a), também são essenciais para a nossa metodologia de análise, uma vez que elas definem o evento comunicativo do *corpus* e esclarecem questões extratextuais que perpassam a análise sociocognitiva de ACD. Apresentaremos a seguir o quadro 9 com as categorias de contextos³⁸ empregadas acerca dos comentários que compõem nossa amostra de análise.

Quadro 7– Categorias de Contexto empregadas no corpus.

(Continua)

Cenário	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente físico: Brasília. • Ambiente virtual: comentários no <i>Facebook</i>. • Dia 17 de abril de 2016, dia da votação do <i>impeachment</i> da ex-presidente Dilma Rousseff.
Participantes	<ul style="list-style-type: none"> • Instituição: jornal O Globo. • Jornalista que fez o <i>post</i> no <i>Facebook</i>. • Seguidores da página no <i>Facebook</i> do jornal O Globo. • Visitantes da página no <i>Facebook</i> do jornal O globo.

Fonte: elaborado pela própria pesquisadora a partir da leitura de van Dijk (2012a, p. 113-114).

³⁷ As relações de macro e micro estruturas estão melhor explicadas no capítulo Princípios Básicos da Proposta Sociocognitiva de Van Dijk

³⁸ As categorias de contexto já foram apresentadas de forma explicativa no capítulo sobre a Princípios Básicos da Proposta Sociocognitiva de Van Dijk

Quadro 7– Categorias de Contexto empregadas no corpus.

(Conclusão)

Eu-mesmo	<ul style="list-style-type: none"> • Comentarista (ator social).
Ações e eventos comunicativos	<ul style="list-style-type: none"> • Ação: publicação de comentários sobre o evento. • Evento: implantação do muro no pátio da Esplanada dos Ministérios no dia da votação do <i>impeachment</i> da ex-presidente Dilma Rousseff.
Relação social entre os participantes	<ul style="list-style-type: none"> • Usuários de uma mesma rede social: <i>Facebook</i>
Cognição Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> • Social (base comum): processo de <i>impeachment</i> contra a ex-presidente Dilma Rousseff. • Pessoal: Posicionamentos contra ou a favor da ex-presidente Dilma Rousseff.

Fonte: elaborado pela própria pesquisadora a partir da leitura de van Dijk (2012a, p. 113-114).

Conforme pôde ser visto no quadro 9 e já apresentado no capítulo sobre a Teoria Sociocognitiva de ACD, o cenário diz respeito ao tempo e ao lugar em que ocorreu o evento comunicativo. Assim, em nossa amostra de análise, obtivemos como ambiente a rede social *Facebook* e, também, o muro de contenção, posto no pátio da Esplanada dos Ministérios, em Brasília; o tempo é marcado pelo dia 17 de abril de 2016, dia da votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Na categoria participantes, temos a presença de todos os envolvidos no comentário, então, levamos em consideração a instituição O Globo, que veiculou o *post* no *Facebook*; o jornalista que fez a publicação no *Facebook*; os seguidores da página e os visitantes, que, mesmo no caso de não seguirem a página do jornal O Globo, puderam ter acesso a ela, devido ao perfil público da página.

Em nossa amostra de análise, o comentarista³⁹ é o participante central na categoria de contexto proposta por van Dijk (2012a). Ele é denominado como uma categoria

³⁹ Durante as análises, utilizamos outros nomes como sinônimos, tais como: ator social, usuário do *Facebook*, internauta e eu-mesmo.

única, o eu-mesmo, e representa “o modo como Eu represento o que é meu entorno no momento, a situação em que Eu estou pensando, agindo, falando, escrevendo, ouvindo ou lendo neste momento” (VAN DIJK, 2012a, p. 114). Para o autor, o eu-mesmo é compreendido como um ator social que representa um grupo. No caso de nossa amostra de análise, o eu-mesmo é modificado toda vez que um novo comentário é analisado, assim a representação ideológica também pode sofrer alteração, podendo ser contrária ou favorável ao processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Salientamos, então, que, ao retomar o comentarista⁴⁰, não estamos nos referindo ao indivíduo isolado, mas ao representante de um grupo. Por esse motivo, podemos apreender que o eu-mesmo organiza as ações, bem como o modo como o comentário será publicado. Igualmente, a cognição social e pessoal⁴¹ se relaciona com a maneira como o ator social irá se posicionar sobre o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Considerando que o eu-mesmo é a categoria central dos modelos de contexto, podemos afirmar, então, que cada comentarista organiza entre si e os demais participantes a cognição pessoal e social – a partir de seus modelos mentais –, afetando os modelos de contexto da situação comunicativa, bem como os discursos as interpretações, as quais são controladas por esse modelo. Entender esse processo é de grande importância para as análises que irão ser apresentadas nesta dissertação, pois é a partir da percepção do Eu, no caso, o eu-mesmo variando entre um comentarista e outro, que somos capazes de identificar os modelos mentais e as ideologias que percorrem as sequências de comentários incutidos no *post* selecionado para amostra de análise.

Após a explanação das categorias discursivas e de contexto relevantes para a nossa proposta de análise, na próxima seção daremos início às análises. É importante

⁴⁰ E também aos outros nomes que utilizamos como sinônimos.

⁴¹ Os conceitos sobre Cognição Pessoal e Social foram explicados no capítulo “Teoria Sociocognitiva de ACD” desta dissertação. Porém, como se trata de um conceito importante, em resumo podemos afirmar que compreendemos por cognição pessoal a representação da memória episódica, ou seja, a seleção de modelos mentais que temos armazenados. Eles são pessoais e subjetivos. A cognição social, porém, relaciona-se às memórias de longo prazo e trata-se dos conhecimentos compartilhados socialmente, bem como dos conhecimentos de mundo e da base comum que pode ser ativada a fim de preencher lacunas, durante uma interação.

resgatar que utilizamos as categorias discursivas selecionadas nesta dissertação como critério de referencial por amostragem. Assim, as análises que serão apresentadas representam um tipo de comentário cujo uso de estratégia discursiva, para promover a polarização discursiva, é frequente em outros comentários, também.

5.3 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS POR CRITÉRIOS DE AMOSTRAGEM

Nesta seção, centraremos nossos esforços em analisar e explicar como os comentários de nosso *corpus* apresentam discursos polarizados, de modo a: enfatizar *Nossas* coisas boas e desenfatar as coisas boas *Deles*; enfatizar as coisas ruins *Deles* e desenfatar as coisas ruins *Nossas* (van Dijk, 2012c). A fim de dividir as categorias do discurso que vamos adotar, decidimos subdividir esta seção em sete tópicos, de modo a separar as análises conforme cada categoria em seu nível micro de análise, ou seja, no nível do discurso.

Ressaltamos que, embora essas categorias estejam sendo apresentadas de forma separada, sabemos que em alguns momentos em nossa amostra de análise elas aparecem juntas e, em alguns casos, até mesmo se complementam.

Conforme já dito na seção anterior desta dissertação, trabalharemos com a metodologia de amostragem, a partir da apresentação de exemplos de comentários marcados pelas características que buscamos descrever, porém, não excluiremos outros casos semelhantes incutidos em nossa amostra de análise. Assim, ao final dos apontamentos e reflexões de cada subtópico, citaremos outros exemplos que também se apropriam da mesma estratégia e categoria.

5.3.1 Escolha Lexical dos Itens “Coxinha” e “Mortadela”

Em nossa amostra de análise, uma das estruturas discursivas relevante para a construção do quadrado ideológico da polarização é a seleção lexical, particularmente, no que se refere aos itens lexicais “mortadela” e “coxinha”, os quais nomeiam os grupos estudados nesta pesquisa. Temos visto, ao longo desta

dissertação, que essas terminologias, na verdade, são marcas de polarização discursiva, pois representam a oposição entre dois grupos.

Os itens lexicais revelam os posicionamentos adotados pelo eu-mesmo, pois é por meio das palavras que o ator mostra suas identidades sociais. Desse modo, o léxico parte do princípio de uma escolha, feita pelo ator social, e esta possui sempre uma intenção (VAN DIJK, 2012b). No caso dos comentários que contêm os dois léxicos aqui trabalhados, percebe-se a intenção não apenas de demarcar a divisão dos manifestantes em dois lados – ou é “coxinha” ou é “mortadela” – como também de apresentar uma forma de insulto, utilizada por membros de um grupo contra o outro. Essa constatação pode ser verificada por meio do conhecimento compartilhado socialmente, acerca da utilização dos dois termos, cuja utilização atribui uma significação pejorativa.

No caso do léxico “coxinha”, a evidência pode ser constada por uma acepção do Dicionário de Língua Portuguesa (2018), a qual em uma de suas definições revela o seguinte significado ao léxico “coxinha”

[Brasil pejorativo popular]: pessoa que pertence a uma classe social privilegiada, defende políticas e valores conservadores, exibe algum tipo de afetação de linguagem e dedica muita atenção à sua aparência física (DÍCIO, 2018 [online])

Além da definição posta no dicionário, socialmente a utilização deste léxico baseia-se em uma construção de modelos de contexto sobre o léxico que se originou na cidade de São Paulo e tratava-se de uma gíria direcionada a um xingamento aos policiais que ao fazerem serviços de segurança em comércios de bairros mais populares, colocavam para fora dos estabelecimentos bêbados e apresentava a falsa noção de segurança aos donos dos estabelecimentos. Em troca, estes policiais recebiam uma xícara de café e uma coxinha como pagamento. Deste modo, os policiais acabam sendo apelidados de “coxinhas”, por aqueles que eram obrigados a se retirarem dos estabelecimentos comerciais.

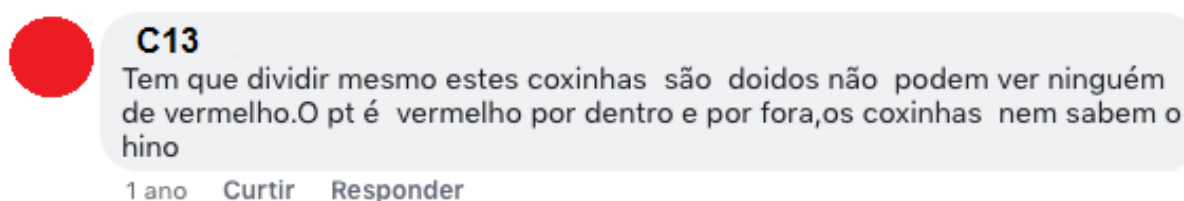
De forma semelhante, o léxico “mortadela” também conquistou uma carga pejorativa, vinda de uma manifestação popular. O léxico ainda não tem definições descritas em dicionário, mas sua construção de modelo de contexto já faz parte da interface dos brasileiros. Trata-se de um léxico que foi utilizado nas manifestações, como forma de

xingamento aos manifestantes pró-Dilma Rousseff. O nome se deu pelo fato de que membros do governo do PT foram acusados de entregarem um lanche de pão com mortadela aos manifestantes pró Dilma Rousseff, com o intuito de obter volume nas manifestações. Assim, a participação destes manifestantes era pautada apenas por uma troca de favor, isto é, eles permaneciam nas manifestações em troca do lanche. Além disso, o fato do lanche ser composto por mortadela atribui a ele um significado mais humilde, pois trata-se de um ingrediente mais barato que o presunto, por exemplo.

Feitas tais constatações sobre os modelos de contextos ativados para a elaboração do uso de tais léxicos no contexto das manifestações pró e contra o *impeachment*. Percebemos que os manifestantes, nos comentários analisados, apropriavam-se desses itens lexicais para realizar uma apresentação negativa do outro, tendo em vista que ambos os termos, “coxinha” e “mortadela”, apresentam, no contexto das manifestações, um histórico relativamente comprometedor, conforme já apresentamos nos capítulos anteriores⁴². Apresentaremos, a seguir, como esses léxicos foram construídos em alguns comentários extraídos de nosso *corpus*.

No que tange a escolha lexical do item “coxinha”, extraímos o comentário C13, a fim de fomentar nossa discussão:

Figura 9 – Comentário com o léxico “coxinha”



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2018, às 15 horas e 54 minutos].

Selecionamos o comentário C13 por ele conter duas ocorrências da utilização do item lexical “coxinha”. Observamos que nos dois casos o léxico é usado como sujeito e as atribuições feitas a ele são bastante negativas. No primeiro caso, chama-se os

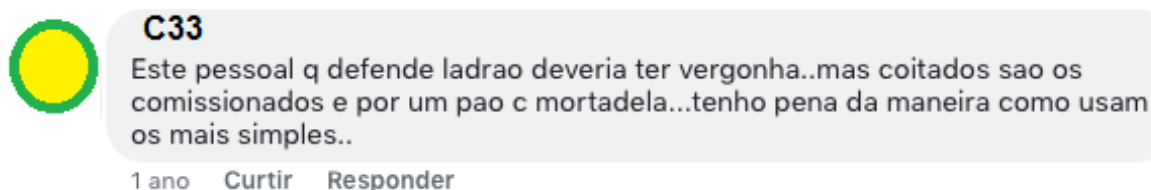
⁴² As discussões sociais e históricas que envolvem os itens lexicais “coxinha” e “mortadela” são apresentados no capítulo 03 desta dissertação.

“coxinhas” de doidos e no segundo acusa-os de não saberem o hino, logo, de saberem muito pouco sobre a pátria. Percebemos que os “coxinhas” são os representantes do grupo contra a ex-presidente Dilma Rousseff por meio da polarização discursiva realizada, marcada pela afirmação de que “o PT é vermelho por dentro e por fora”. Nesta sentença, observa-se a tentativa de apresentação positiva do *intragrupo* e, para isso, o ator social não faz uso do item lexical “mortadela”, como já esperado, uma vez que esse item retoma uma apresentação negativa para o grupo que defende o PT.

A mesma carga negativa atribuída ao item lexical “coxinha” ocorre na apresentação do item lexical “mortadela”, que, em todos os casos nos quais aparece em nossa amostra de análise, apresenta um teor bastante pejorativo. No caso do léxico “mortadela”, especificamente, ocorrem duas utilizações em campos semânticos diferentes: ora ele aparece com referência ao produto alimentício, ora aparece como forma de nomear representantes favoráveis ao governo do PT. Em todos os dois casos, porém, as utilizações são feitas na intenção de realizar uma apresentação negativa do *exogrupo*.

Podemos averiguar essas constatações a partir da amostra de análise do comentário C33, o qual faz referência ao léxico “mortadela” como alimento e, posteriormente, veremos o comentário C29, na Figura 13, que utiliza essa mesma palavra para nomear os manifestantes pró-Dilma Rousseff.

Figura 10 – Comentário do léxico “mortadela” com referência a alimento



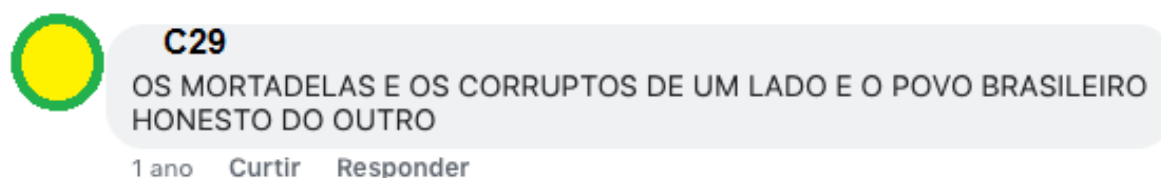
Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 54 minutos].

No comentário C33, posto na Figura 13, podemos verificar a utilização da palavra “mortadela” fazendo referência ao produto alimentício. Percebemos isso devido ao fato de “mortadela” compor o termo “pão com mortadela”, um sanduíche fácil de fazer e de baixo custo. A utilização negativa do léxico pode ser constatada pois o termo acaba remetendo às acusações de que o governo do PT estaria distribuindo pão com

mortadela aos manifestantes, a fim de conseguir pessoas para fazerem volume nas manifestações favoráveis ao governo Dilma Rousseff. Logo, quando o usuário do *Facebook* realiza um comentário afirmando que parte dos manifestantes está lá pelo lanche distribuído, ele reduz a participação de uma parcela dos manifestantes pró-Dilma Rousseff ao interesse por ganhar o sanduíche gratuitamente, e não por defender uma ideologia política. Assim, constrói-se uma autoapresentação positiva do *intragrupo*, de modo que a parcela dos manifestantes favoráveis ao *impeachment* da ex-presidente seria formada por pessoas esclarecidas, que vão às manifestações com o intuito de defender seus interesses políticos. Em contrapartida, há a intenção de ostentar uma outra-apresentação negativa do *exogrupo*, pois o ator social afirma que o grupo de manifestantes que são contra o *impeachment* da ex-presidente é formado por pessoas que estão defendendo interesses pessoais, sejam cargos “comissionados”, conforme dito no próprio comentário, ou por aqueles que vão apenas pelo pão com mortadela distribuído no momento das manifestações.

Em alguns casos, os atores sociais utilizam outra estratégia discursiva, a fim de promover a outra-apresentação negativa dos manifestantes favoráveis ao governo Dilma Rousseff. Nesse modo, o item lexical “mortadela” faz referência indireta ao produto alimentício, isso porque, antes de associar o léxico ao sanduíche de pão com mortadela, ele nomeia diretamente os manifestantes, atribuindo a essa palavra, “mortadela”, a função de epíteto, referente aos manifestantes que são favoráveis ao governo Dilma Rousseff. Essa constatação pode ser averiguada, por exemplo, no comentário C29, extraído de nosso *corpus*.

Figura 11 – Comentário do léxico “mortadela” com referência aos manifestantes pró-Dilma Rousseff



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 54 minutos].

Observa-se que o comentário C29 utiliza o item lexical “mortadela” como um agente que representaria um lado da manifestação. Podemos associar o cognome aos representantes favoráveis ao governo Dilma Rousseff pela aproximação realizada

entre “mortadelas” e “corruptos”. Nesse sentido, o conhecimento comum entre a sociedade perpassa o fato de que o processo de *impeachment* vem de denúncias de corrupção e pedaladas fiscais, logo, os corruptos podem ser associados aos representantes do PT, uma vez que a principal representante deste partido era alvo de tais acusações. Além disso, o termo “mortadela” não se desvincula totalmente do produto alimentício, quando usado como denominação atribuída aos manifestantes, uma vez que existe, no contexto das manifestações, a acusação de que líderes do governo distribuíam pão com mortadela, a fim de conseguirem volume, assim, os “mortadelas”, ditos no comentário estudado, podem ser identificados como aqueles que comem mortadela nas manifestações. Dessa forma, embora isto se dê de outra maneira, o item lexical “mortadela”, novamente, contribui para gerar uma outro-apresentação negativa do grupo opositor.

Ao analisar nossa amostra de análise, percebe-se que essa evidência, sobre o uso dos itens lexicais “coxinha” e “mortadela”, aparece em outros comentários, tais como: C02, C06; C07; C11; C13; C15; C18; C21; C29; C33; C36; C43; C45; C49; C54; C55; C56; C58; C72; C75; C96 e C103. Essa constatação nos revela que as escolhas lexicais relacionando os itens aqui estudados são frequentes em comentários de representantes dos grupos pró e contra Dilma Rousseff.

Vale ressaltar que os itens lexicais “coxinhas” e “mortadelas”, utilizados pelos usuários do *Facebook*, só podem ser consolidados nos discursos dos comentários porque são construídos a partir de uma base comum⁴³, relativa à significação de que esses léxicos trazem um histórico pejorativo a seu referente⁴⁴. Assim, o reconhecimento dos modelos de contexto permite ao eu-mesmo selecionar o item lexical que traz uma apresentação negativa do *exogrupo*.

Essa seleção lexical, então, parte de um princípio avaliativo e, por isso, cria um modelo de situação na qual o eu-mesmo descreve o evento sob uma interpretação pessoal e, a partir dela, apresenta seu opositor com o léxico pejorativo, logo, representando-o de

⁴³ Os conceitos sobre base comum foram desenvolvidos no capítulo sobre a teoria sociocognitiva de ACD de van Dijk desta dissertação.

⁴⁴ Os detalhes sobre a construção pejorativa dos itens lexicais “coxinha” e “mortadela” estão apresentados no capítulo 03 desta dissertação.

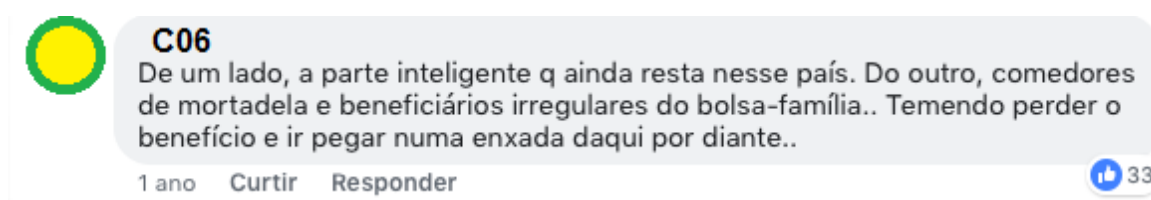
forma negativa com o intuito de repassar ao leitor uma tentativa de identidade social aos manifestantes que estão em oposição ao *intragrupo*.

5.3.2 Marcadores Discursivos: ordenadores de abertura e continuidade

Percebemos no decorrer das análises discursivas que alguns comentários apresentam a característica do marcador discursivo voltado para os ordenadores de abertura e continuidade. A utilização desses tipos de marcadores reforça ainda mais a polarização discursiva evidente em nossa amostra de análise, pois, ao optar por essa estratégia discursiva, o ator social atenua a divisão polarizada dos manifestantes.

Esses marcadores são utilizados nos comentários como ordenadores de abertura para marcar o início de um argumento e de continuidade, para marcar uma sequência continuativa e oposta à primeira ideia apresentada. Nesse sentido, esse recurso discursivo reforça a identificação do pertencimento a um grupo, conforme veremos no comentário C06 posto na Figura 15.

Figura 12 – Comentário com o marcador discursivo ordenador



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 53 minutos].

Os ordenadores de abertura e continuidade situam o eu-mesmo no lugar ocupado por ele na construção argumentativa de seu discurso no comentário e na sociedade. Esse duplo lugar do eu-mesmo é, na verdade, a posição-lugar que marca sua ideologia e, portanto, o grupo ao qual pertence. Essa leitura só é possível porque os marcadores de abertura “De um lado” e também o de continuidade “outro lado” permitem uma sequência argumentativa que se divide em duas partes, sendo apresentadas aqui de forma polarizada, assim enfatizando as *nossas* coisas boas de um lado (*intragrupo*) e desenfazando as coisas boas *do outro* (*exogrupo*).

Conforme pode ser verificado na Figura 15, o ator social inicia seu comentário utilizando o marcador discursivo “De um lado”. Nota-se que essa expressão apresenta-se com o intuito não apenas de promover uma discussão inicial acerca do tema, mas também de demarcar uma divisão entre o *intragrupo* e *exogrupo*. Para isso, na sequência do comentário, pode-se averiguar a estratégia de apresentação negativa do outro e positiva de si mesmo. Assim, o que vem depois do termo “De um lado” é uma sequência de adjetivação que caracteriza, na visão do ator social, o perfil dos manifestantes que são contra o governo Dilma Rousseff, trazendo-nos a ideia de apresentação positiva destes.

Mais adiante, o ator social utiliza a expressão “Do outro”, remetendo à outra parte do lado proposto inicialmente no comentário. Segundo Portolés (2011), essa expressão demonstra uma característica do marcador discursivo de continuidade, utilizado para dar sequência ao discurso. Nota-se, porém, que a função dessa expressão vai além de uma sequenciação, de forma que apresenta, novamente, a polarização feita pelo ator social. Dessa vez, entretanto, a caracterização é relacionada aos membros do grupo que são favoráveis à ex-presidente Dilma Rousseff. Constatamos que, por se relacionar a membros do *exogrupo*, a proposta de adjetivação é carregada de construções negativas, a fim de apresentar uma imagem ruim, uma outra-apresentação negativa do grupo opositor.

Desse modo, essa estratégia de polarização discursiva apresenta claramente uma divisão: a primeira parte do comentário, iniciada pelo marcador de abertura, traz uma apresentação positiva sobre o *intragrupo*; em contrapartida, a outra parte do comentário, iniciada por meio do marcador de continuidade, demarca uma série de construções negativas sobre o *exogrupo*.

Essa constatação pode ser verificada em outros exemplos, extraídos em nossa amostra de análise, sendo eles os comentários C02; C16; C24; C29; C45; C75. Em todos esses casos, a estratégia é a mesma descrita no exemplo C06, o qual acabamos de analisar.

Nessa perspectiva de análise, os modelos de contexto são fundamentais para entender essas apreciações construídas pelo eu-mesmo, pois o comentário é feito a partir de uma base comum entre os internautas, que se fundamentam na construção

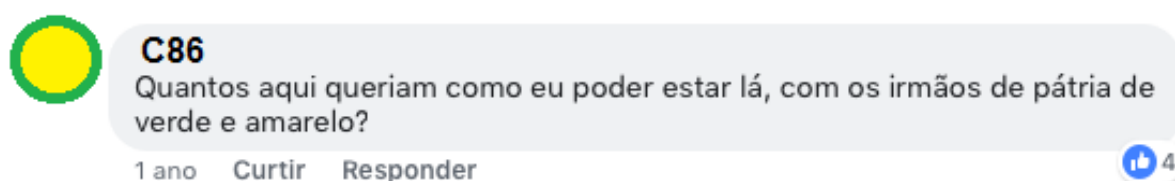
do muro da discórdia, além de em noções de manifestações voltadas para o interesse político do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, já construídas socialmente, por meio de canais de informações e das próprias vivências pessoais.

Portanto, é possível perceber que o ator social constrói seu discurso a partir de seus modelos de evento, uma vez que ele avalia a situação descrita sobre o fato da divisão social do muro colocado na Esplanada dos Ministérios em Brasília, como sua apreciação semântica, e por isso, particular, conforme as crenças e ideologias com as quais ele mais se identifica. Sendo assim, ao sinalizar a presença polarizada dos grupos, com o uso dos marcadores de abertura e continuidade, o eu-mesmo estabelece não apenas a divisão dos manifestantes, mas também a avaliação que ele mesmo faz, com suas apresentações positivas e negativas.

5.3.3 Modalizadores apreciativos

Os modalizadores apreciativos estão inseridos em meio à semântica global e podem levar ao quadrado ideológico da polarização, os quais traduzem um julgamento mais subjetivo, a partir de uma avaliação realizada pelo próprio ator social (BRONCKART, 1999). Identificamos em alguns casos dos comentários analisados que os modalizadores funcionam como uma apresentação negativa do *exogrupo* e positiva do *intragrupo*. Isso porque, com a inserção de adjetivos, pode-se, claramente, construir uma face positiva dos membros do *intragrupo* e, do mesmo modo, realizar apresentações negativas sobre o *exogrupo*. Assim, a fim de fomentar nossa discussão, trazemos o comentário C86 para explorarmos melhor como esses modalizadores apreciativos são utilizados.

Figura 13 – Comentário com modalizador apreciativo



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 57 minutos].

No comentário C86, constatamos o uso do modalizador apreciativo “irmãos de pátria”. A utilização desse termo apresenta uma certa intimidade com os outros representantes do *intragrupo*, pois, ao serem chamados de “irmãos”, evocam uma noção de intimidade, advinda da referência a uma ligação de laço muito forte, quase que inquebrável e inabalável. Esse julgamento positivo, feito pelo usuário do *Facebook*, é acrescido pelo termo “de pátria”, o que caracteriza o amor desse grupo por uma nação, trazendo um reforço ao sentimento patriota.

O uso desse modalizador, porém, restringe-se apenas aos manifestantes que estavam contra o governo Dilma Rousseff. Isso pode ser constatado na sentença em que o ator social caracteriza que os “irmãos de pátria” estariam de “verde e amarelo”. Assim sendo, a partir do contexto das manifestações, descrito no decorrer desta dissertação, constatamos que os manifestantes pró-Dilma Rousseff usavam a cor vermelha para irem às manifestações, e, em contrapartida, os representantes contra a ex-presidente portavam as cores da bandeira brasileira, logo, subteme-se que apenas os manifestantes favoráveis ao *impeachment* que são “irmãos da pátria”, e quem não estiver portando as cores citadas pelo usuário do *Facebook* não é considerado de igual maneira. Esse tipo de construção discursiva propõe uma autoapresentação positiva do *intragrupo*, uma vez que revela sentimentos e impressões positivas sobre os representantes deste.

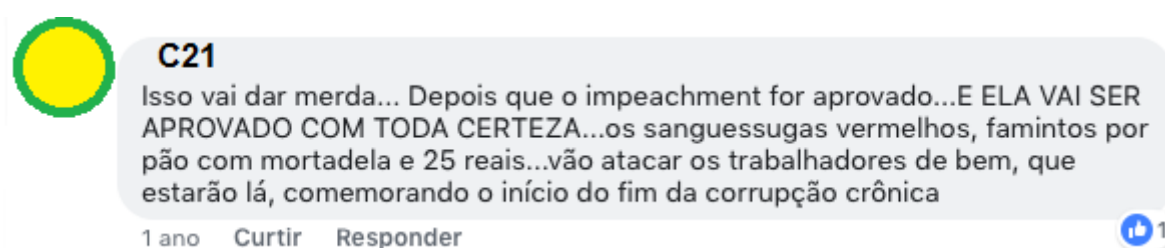
Essa construção, feita por meio dos modalizadores apreciativos, só é possível de ser concebida porque o modelo de contexto, atribuído no comentário, parte de noções socialmente construídas, devido ao fato de que as cores verde e amarela estão relacionadas aos manifestantes contra a ex-presidente Dilma Rousseff. Esse conhecimento é prévio, pois, dado o contexto de manifestações pró e contra o *impeachment*, obtivemos uma noção geral e, por isso, uma base comum acerca das cores utilizadas pelos manifestantes. Assim, quem usava as cores da bandeira do Brasil eram manifestantes contra a ex-presidente Dilma Rousseff e aqueles que usam a cor do PT, ou seja vermelho, eram aqueles que apoiavam o partido da ex-presidente Dilma Rousseff.

Partindo, então, desse conhecimento em comum, o eu-mesmo cria um modelo sobre o perfil dos manifestantes a partir de um julgamento particular que ele constrói. Desse modo, ele apresenta um julgamento positivo para os membros do *intragrupo*,

relacionando-os com o modalizador apreciativo “irmãos de pátria” e, ao mesmo tempo, exclui os representantes do *exogrupo*, pois ele restringe essa característica apenas àqueles que estiverem de verde e amarelo.

Em outros comentários, os modalizadores apreciativos apresentam características do *intragrupo* e do *exogrupo* de forma simultânea, provocando, assim, uma comparação entre os dois grupos, o que evidencia o quadrado ideológico da polarização. Esse tipo de construção pode ser verificado, por exemplo, no comentário C21, apresentado na Figura 17.

Figura 14 – Comentário com modalizador apreciativo e depreciativo



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 54 minutos].

O comentário C21 traz o exemplo de duas construções feitas por meio do uso dos modalizadores, porém, eles estão relacionado a um caráter apreciativo de forma negativa e depois positiva. Nesse exemplo, o usuário do *Facebook* julga um grupo de manifestantes como “sanguessugas vermelhos” e o outro grupo de manifestantes como “trabalhadores de bem”. O primeiro caso pode se relacionar aos manifestantes pró-Dilma Rousseff, devido ao fato de estarem associados à cor vermelha do PT e, também, ao fato de estarem “famintos por pão com mortadela”, remetendo à distribuição de lanches. Constatamos que o usuário julga-os como “sanguessugas”, o que traz à tona uma apresentação negativa desse grupo, uma vez que essa escolha remete-nos à ideia ligada ao sentido de “proveitadores” ou de “parasitas”. Assim, o ator constrói uma outro-apresentação negativa do *exogrupo*.

Por outro lado, no mesmo comentário, o usuário do *Facebook* se refere aos membros do *intragrupo* com o modalizador apreciativo “trabalhadores de bem”. Esse último julgamento traz uma ideia oposta à que foi relacionada ao *exogrupo*, pois, nesse caso, a noção de “trabalhador” retoma uma imagem de alguém comprometido e

responsável, ou seja, ele traz uma face positiva para os manifestantes que irão protestar contra a ex-presidente Dilma Rousseff, promovendo, então, uma autoapresentação positiva do *intragrupo*.

Nessas avaliações realizadas pelo eu-mesmo acerca dos grupos pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff, é usado um tipo de estratégia que promove a dicotomia *nós* e *eles*, reforçando a polarização discursiva entre os manifestantes. Essa estratégia é identificada em outros comentários de nosso *corpus*, acontecendo, assim, de forma semelhante nos comentários: C03, C05, C12, C13, C45, C64, C94, C115 etc.

Esse julgamento do eu-mesmo parte do princípio do modelo de contexto sobre a noção de que o *impeachment* da ex-presidente estava para ser julgado e, também, pelo fato de que, após o resultado, um grupo ficaria satisfeito com o resultado, e o outro não. Esse conhecimento é prévio, logo, uma base comum entre os internautas. Assim, o eu-mesmo expõe a sua expectativa para esse resultado e, ainda, atribui um modelo de situação para o perfil dos dois manifestantes que estarão nos dois lados do muro, na manifestação. Desse modo, o eu-mesmo apresenta um julgamento pessoal e, portanto, único, sobre as características negativas dos representantes do *exogrupo* e positivas daqueles que fazem parte do *intragrupo*.

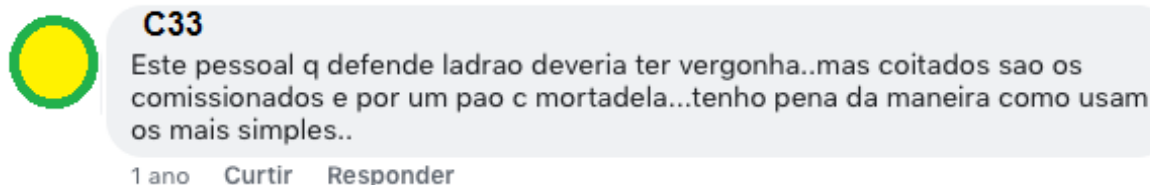
5.3.4 Sujeitos genéricos

Os sujeitos genéricos se enquadram dentro das Estruturas Funcionais, realizados por meio da Sintaxe Oracional. Nessas construções discursivas, deparamo-nos com sujeitos não especificados. Estes, por conseguinte, enquadram-se em um sujeito genérico *eles*, que, em geral, está em oposição a um genérico *nós*, levando-nos a interpretar o sujeito genérico como membro do *exogrupo*, apresentado de forma negativa, reforçando a polarização.

Dessa forma, essas construções puderam ser percebidas como parte das estratégias de polarização incutidas nos comentários estudados. Isso porque é por meio do uso de sujeitos menos específicos que os atores puderam realizar comentários que preservavam a autoapresentação positiva do *intragrupo*, em oposição a uma outro-

apresentação negativa do *exogrupo*. A fim de apresentarmos melhor como essas construções são realizadas, analisaremos o comentário C42 na Figura 18.

Figura 15 – Comentário com sujeito genérico “este pessoal”



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 54 minutos].

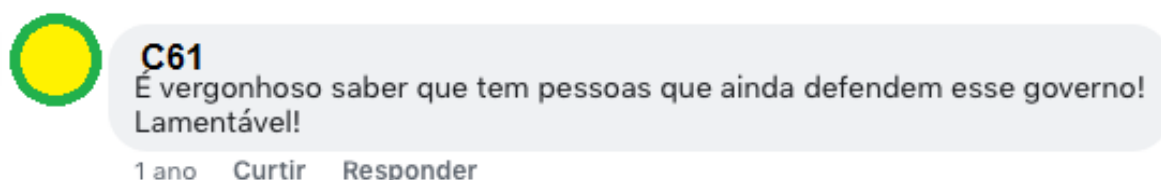
O comentário C33, da Figura 18, revela um exemplo de sujeito genérico, “Este pessoal”, cujas ações descritas estão ligadas a um grupo de pessoas que, no caso, não está sendo especificado. Além disso, a utilização do sujeito genérico se coloca em oposição ao grupo com o qual o usuário C33 se identifica, promovendo a interpretação de que “este pessoal” são *eles*, e não *eu* ou *nós*. Essa polarização é reforçada quando ele instiga não apenas a divisão dos dois lados, como também uma autoapresentação positiva, afirmando sentir pena dos membros que estão em oposição. Além disso, ele também revela uma outro-apresentação negativa do *eles*, pois C33 os acusa de várias coisas, dentre elas, de “defender[em] ladrão” e serem “comissionados por pão com mortadela”. Nesta última acusação, o usuário revela o seu posicionamento diante da divisão das manifestações, pois, conforme já vimos, os manifestantes favoráveis ao governo Dilma Rousseff por diversas vezes foram associados à distribuição de lanches de pão com mortadela. Logo, *eles* que comem mortadela, *eles* que defendem o PT e seus representantes e, portanto, *eles* como “este pessoal”.

Conforme visto neste exemplo, os sujeitos genéricos atribuem noções discursivas sobre o fato de não especificarem quem são os sujeitos das ações, porém, a polarização é tão fortemente marcada que fica impossível não interpretar as intenções por trás do jogo entre apresentações positivas e negativas. Esse tipo de construção discursiva pode ser verificado em outros comentários, com a utilização de outros sujeitos genéricos, como “essa gente” ou “as pessoas”, por exemplo. Essas constatações podem ser verificadas nos comentários C01, C20, C42, C61, C82, dentre outros incutidos em nossa amostra de análise.

A utilização dos sujeitos genéricos só é possível de ser identificada tendo em vista a construção de modelos contextuais acerca da existência de dois grupos, sendo um formado por atores sociais que defendiam o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e outro constituído por aqueles que recriminam o *impeachment*. Logo, identificar a quem está direcionado o sujeito “este pessoal” tem por requisito saber que são manifestante pró-Dilma Rousseff, que agem em defesa de um político. Outrossim, são eles quem são acusados de receberem pão com mortadela para irem às manifestações. Desse modo, ao partir de uma base comum de formação de dois grupos, que por sua vez sempre ficarão em oposição, o eu-mesmo realiza uma avaliação sobre o grupo formado pelo sujeito genérico, a qual faz oposição às ideias partilhadas pelo *intragrupo*. Isto posto, ele atribui apreciações negativas voltadas para esse grupo genérico.

De modo semelhante, ocorrem outros comentários, cuja função também é a construção de sujeitos genéricos, conforme veremos no comentário posto na Figura 19 a seguir:

Figura 16 – Comentário com sujeito genérico “pessoas”



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 55 minutos].

O comentário C61 adota também a estratégia de uso de sujeito genérico. Podemos atestar isso devido ao fato de que o agente da ação é “pessoas”, porém, somente com essa informação é difícil saber a quem se refere o autor. Analisando o comentário como um todo, é possível perceber que esse sujeito se opõe ideologicamente ao eu-mesmo, pois ele constrói o discurso de forma a enfatizar aspectos negativos relacionados a esse grupo genérico.

Com base no conhecimento comum de modelos de contexto, é possível obter a informação de que se trata do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff devido ao fato de o eu-mesmo abordar questões sobre “defesa” e “governo”.

Assim, conforme os conhecimentos estabelecidos socialmente, podemos averiguar que o grupo ao qual se opõe o comentarista é formado por aqueles que defendem a ex-presidente Dilma Rousseff, pois é de conhecimento geral que é esse grupo de pessoas que se manifesta em defesa de um representante do governo.

A partir dos conhecimentos de contexto, o eu-mesmo avalia o *exogrupo* de forma negativa, isto é, ele realiza uma apresentação negativa sobre os manifestantes favoráveis à ex-presidente Dilma Rousseff e, para isso, ele se valida do uso de um sujeito genérico para construir um *Eles* que se opõe às ideologias com as quais ele se identifica.

5.3.5. Conectivo “e” com valor de separação

Alguns itens no discurso exercem uma função que vai além do uso postulado nas gramáticas normativas. Esse é o caso, por exemplo, do conector “e”, cuja função na sintaxe oracional se baseia no uso deste como aditivo. Porém, em nossa amostra de análise, percebemos que esse recurso pode gerar uma polarização, uma vez que exerce outra função, como separador de sentenças, conforme podemos identificar no comentário C54, posto na Figura 20.

Figura 17 – Comentário com o conectivo “e” com valor de separação



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 55 minutos].

Ao analisar o uso do conector “e”, exposto na Figura 09 acima, observamos que este não atribui ao discurso um valor aditivo, visto que não introduz um argumento extra ou secundário sobre a primeira parte do comentário. No lugar disso, o valor semântico deste ao discurso revela separação, acerca das apreciações do eu-mesmo sobre dois tipos de manifestantes, que ficarão em lados opostos do muro colocado para dividi-los no dia da votação do *impeachment*.

Sendo assim, a polarização discursiva é marcada neste comentário com o uso deste conector, pois ele não traz apenas uma ideia de sequencialização para o discurso, mas revela a intenção de demarcar uma divisão entre um grupo e outro. Dessa forma, o eu-mesmo apropria-se do uso do “e” para dividir os comentário em duas partes, a primeira revelando uma apresentação positiva para o *intragrupo* e a segunda parte uma apresentação negativa do *exogrupo*.

Para realizar essa estratégia polarizada, notamos que o eu-mesmo busca referências nos modelos de contexto sobre uma base comum, compartilhada socialmente, de divisão entre os manifestantes que possuem posicionamentos distintos sobre o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Sendo assim, o comentário faz referência à montagem do muro no pátio da Esplanada dos Ministérios como um divisor de tipos sociais. Desse modo, o eu-mesmo apropria-se dessa informação para criar avaliações pessoais e, portanto, um modelo de situação sobre os manifestantes que são favoráveis ao processo de *impeachment* e os que não o aprovam. Essa distinção é realizada com o auxílio do conectivo “e”, que demarca o início e o fim de uma apreciação do eu-mesmo, estabelecido a partir das ideologias em que ele acredita.

De modo semelhante, outros comentários apresentam discursos em que o conector “e” revela um posição de mediador entre as *nossas* (intragrupo) coisas positivas e as coisas negativas do *outro* (exogrupo). São exemplos de outros casos semelhantes os comentários C29; C38; C43; C49; C75 e C115.

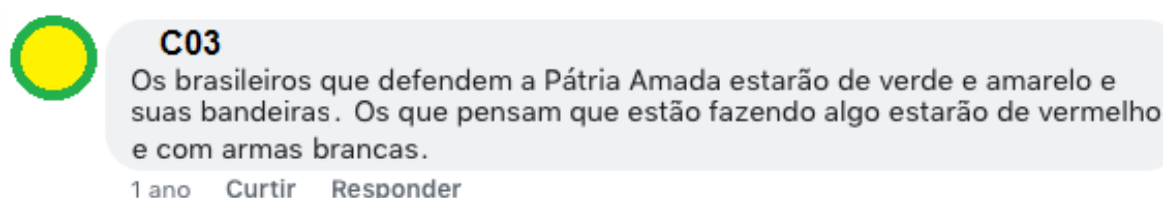
Antes de encerrarmos este tópico, gostaríamos de ressaltar que não propomos, aqui, invalidar a ocorrência do uso do conector “e” com a intenção de adição, como é o caso do comentário C108. Porém, centramos nossas análises para o uso deste conector quando ele revela uma separação entre sentenças positivas e negativas, o que não exclui a presença de outras possibilidades semânticas contidas no uso desse conector.

5.3.6 Indicador do ritmo de leitura: ponto continuativo

O uso de pontuações em textos promove uma movimentação discursiva, de modo a favorecer o ritmo da leitura. Observamos que, em nossa amostra de análise, a utilização do ponto continuativo não apresenta apenas o caráter normativo, visto que há uma interpretação semântica por meio do uso deste. Assim sendo, esse recurso seleciona, também, os momentos de enfoque, ou seja, onde deve haver uma pausa de modo mais estratégico possível.

Por conseguinte, o ponto continuativo torna-se outro exemplo de polarização discursiva, posto que realiza uma separação entre apreciações positivas do *intragrupo* e negativas do *exogrupo*. Vejamos, na Figura 21, a seguir, o comentário C03, o qual apresenta um exemplo desse tipo de uso.

Figura 18– Comentário com Ponto continuativo



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 53 minutos].

O comentário C03 expõe uma forma de utilização do ponto continuativo que não exerce apenas a função de continuidade. Neste caso, identificamos que o recurso se encontra entre duas sentenças independentes, demarcando uma pausa entre estas. Todavia, não exerce somente este papel normativo, posto que demarca a diferenciação/ polarização discursiva entre manifestantes do *intragrupo* e do *exogrupo*. Assim, a primeira sentença apresenta características positivas sobre representantes *pró-impeachment*, sendo que para isso o usuário do *Facebook* faz avaliações positivas sobre este grupo, ao passo que atribui à segunda sentença aspectos negativos, que, por sua vez, se relacionam aos manifestantes favoráveis à ex-presidente Dilma Rousseff.

A construção desse tipo de polarização discursiva é realizada através da criação de um comentário pelo eu-mesmo, que se dá a partir dos modelos de contexto dos internautas, revelando uma base comum acerca da existência de grupos que se opõem. Assim, ele cria um modelo de situação com apreciações positivas sobre o *intragrupo* e negativas sobre o *exogrupo*. O uso do ponto continuativo atenua essa

separação, apresentando-se dentro do discurso como um componente fundamental para o desencadeamento do ritmo da leitura, de forma a reforçar a separação existente entre os dois grupos.

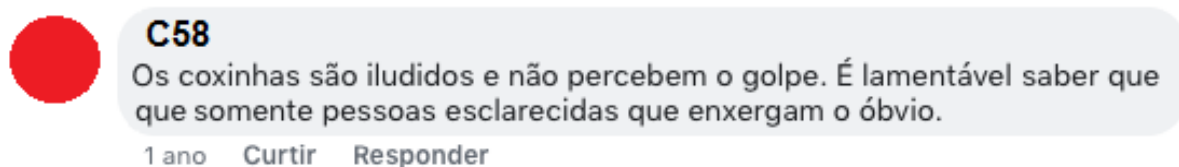
De modo semelhante, em nossa amostra de análise, também apresentamos outros comentários, como C06; C24; C45; C58. Nestes exemplos, constata-se a mesma estratégia de apresentação positiva e negativa, sendo a separação marcada por um ponto continuativo, conferindo um ritmo ao discurso, de modo a diferenciar um grupo e outro.

5.3.7 Apreciações das atitudes

Outra forma de avaliação de membros do *intragrupo* e do *exogrupo*, identificada em nossa amostra de análise, se dá a partir de suas atitudes, ou seja, através das ações que estes desempenham ou que se espera que desempenhem.

A apreciação das atitudes está voltada para um julgamento pessoal do eu-mesmo sobre ações do *intragrupo* e do *exogrupo*. Dessa forma, a polarização discursiva se dá por meio da atribuição de ações e atitudes específicas para cada grupo, sendo as socialmente convenientes relacionadas ao *intragrupo* e as desprezíveis ao *exogrupo*, a exemplo o comentário C58, a seguir.

Figura 19 – Comentário com apreciações de atitudes do *intragrupo* e *exogrupo*



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 55 minutos].

O comentário C58, posto na Figura 22, acima, apresenta um exemplo de apreciação a respeito das atitudes de dois grupos. No primeiro momento, o usuário utiliza o verbo “iludidos” associado ao grupo ao qual ele se opõe, sendo que no segundo momento ele apresenta o verbo “enxergam”, relacionando-o aos membros do *intragrupo*.

Observamos que o uso desses dois verbos é marcado por uma oposição, segundo a qual um é iludido e, por conseguinte, o outro é esclarecido.

No primeiro uso, com o verbo “iludidos”, destaca-se a apreciação do eu-mesmo sobre a atitude do grupo ao qual o usuário do *Facebook* se opõe, o *exogrupo*. Notamos que a intenção é apresentar um conjunto enganado pelo posicionamento ideológico este adotado, sendo isso reforçado com o uso de uma negação seguida por outra atitude associada ao mesmo grupo, “não percebem”. Essa apreciação revela uma apresentação negativa sobre os manifestantes contra a ex-presidente, pois busca invalidar o posicionamento ideológico desse grupo.

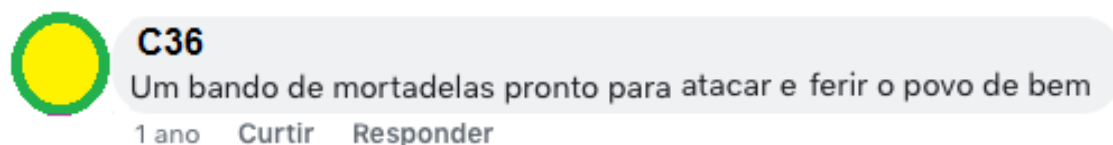
No mesmo comentário, o usuário do *Facebook* realiza uma nova apreciação, dessa vez voltada para os membros do *intragrupo*. Para isso, o eu-mesmo avalia os membros como pessoas que “enxergam” algo não percebido pelos opositores. Desse modo, ele realiza uma apreciação positiva sobre o grupo de que faz parte, apresentando-o como composto por pessoas capazes de observar o que outros não veem.

Para realizar esse comentário e assim construir apreciações de atitudes que colocam em oposição dois grupos, o usuário do *Facebook* faz uso de um modelo de contexto em que há existência de dois tipos de manifestantes, um que se mostra favorável ao *impeachment* e outro que a ele se opõe.

A partir desse conhecimento comum, o eu-mesmo realiza uma avaliação com o seu modelo de situação e, assim, revela um julgamento de atitudes atestadas por ele. Nesse tocante, o *intragrupo* é avaliado com ações que denotam um perfil de manifestante informado e crítico, ao passo que o *exogrupo* é caracterizado por atitudes que revelam um perfil de manifestante passivo e equivocado.

Em outros exemplos de nossa amostra de análise, a polarização voltada para as ações dos dois grupos é marcada pela exposição de apenas um grupo, deixando o outro como coadjuvante das ações, conforme podemos atestar no comentário C36, posto na Figura 23.

Figura 20 – Comentário com apreciações de atitudes do *exogrupo*



Fonte: própria pesquisadora [*print* coletado no dia 17 de janeiro de 2017, às 15 horas e 54 minutos].

Ao analisar o comentário colocado na Figura 23, observamos o uso dos verbos “atacar” e “ferir”. Ambos os verbos apresentam uma carga negativa acerca das atitudes esperadas por membros do *exogrupo*. Nota-se, porém, que essas atitudes partem do princípio avaliativo do usuário do *Facebook*. Além disso, ele atribui esse comportamento como sendo exclusivo do grupo ao qual ele se opõe. Isto posto, ele identifica dois grupos, sendo o primeiro nomeado como “mortadelas”, sujeitos das ações descritas, e o outro denominado “povo de bem”, que sofrerá com as atitudes.

A polarização discursiva pode ser percebida no comentário com a consideração dos membros do *exogrupo* como perigosos e, por isso, sugerindo uma apresentação negativa. Essa construção é realizada por meio da escolha de verbos de ações, ou seja, atitudes esperadas e até mesmo atestadas pelo eu-mesmo como sendo próprias de tal grupo. Em contrapartida, o *intragrupo* é descrito como vítima de tais atitudes e, por isso, apresentado de forma positiva.

Essas atitudes avaliativas só são possíveis de serem identificadas entre os grupos porque o usuário do *Facebook* apropria-se dos modelos de contexto, os quais estabelecem um conhecimento compartilhado de que manifestantes contra o *impeachment* recebiam um sanduíche de mortadela, logo, como já explicitado nos capítulos anteriores desta dissertação, estes receberam o apelido de “mortadelas”.

Sendo assim, o eu-mesmo constrói o seu comentário associando os verbos “atacar” e “ferir” como próprios do agente “mortadela”. Essa construção, voltada às atitudes desse grupo, porém, parte da ideia de modelo de situação criada pelo eu-mesmo, uma vez que ele realiza uma avaliação pessoal sobre as atitudes que julga serem próprias do *exogrupo*, colocando os membros do *intragrupo* como vítimas das ações, uma vez que os dois grupos se opõem.

Outros exemplos que compõem a estratégia de polarização discursiva são encontrados em comentários como C01; C03; C05; C12; C49; C60; C82 etc. Tais comentários também apresentam a estratégia de relacionar ações positivas para *Nós* (intragrupo) e negativas para *Eles* (exogrupo).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento de análises dos comentários relativos ao *post* de *Facebook* selecionado, foi possível identificar marcas linguístico-discursivas. Estas explicitam a maneira pela qual os discursos dos usuários se consolidaram e demarcaram uma polarização discursiva entre os grupos pró e contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

Retomando o nosso problema de pesquisa, foi possível evidenciar que o povo brasileiro encontrava-se dividido para além dos limites que o Muro do *Impeachment* estabeleceu entre os manifestantes. A divisão apresentou-se de forma tão concreta que as categorias discursivas, elencadas em nossos objetivos de pesquisas, apontam para essa divisão de lados por meio da polarização discursiva nos comentários.

Assim, ao nomear os membros do grupo opositor com as escolhas lexicais “coxinha” ou “mortadela”, o eu-mesmo retoma modelos de contextos com cargas semânticas pejorativas ao outro e cria modelos de situações em que se evidenciam apresentações positivas do *intragrupo* e negativas do *exogrupo*.

O mesmo ocorre com a utilização de modalizadores apreciativos e apreciações das atitudes, em que o eu-mesmo avalia ações e qualidades do outro de forma polarizada. Como exemplo, destacamos quando o comentarista atribui termos ao grupo opositor, como “sanguessugas vermelhos”, ou quando escreve que o *exogrupo* irá “atacar” cidadãos de bem. Nos dois casos, há uma forte evidência de julgamentos feitos pelo eu-mesmo, sustentados por crenças do *intragrupo* e propagados a um universo discursivo com a intenção de enfatizar coisas ruins do outro.

Em outras situações, podemos perceber a polarização discursiva no *corpus*, sendo evidenciada por meio dos marcadores discursivos de ordenadores de abertura e continuidade. O eu-mesmo situa o lugar ocupado por ele no comentário e na sociedade por meio da construção argumentativa de seu discurso. Esse duplo lugar do eu-mesmo é, na verdade, a posição-lugar que marca sua ideologia e, portanto, o grupo ao qual pertence. Desse modo, o quadrado ideológico da polarização é apresentado com a utilização dos ordenadores “de um lado” e “do outro lado”, por

exemplo. Assim, o discurso apresenta aspectos positivos para o lado do *intragrupo* e aspectos negativos para o lado do *exogrupo*.

Outro modo de polarização discursiva entre os grupos pró e contra o *impeachment*, encontrado na amostra de análise, se dá por meio da utilização dos sujeitos genéricos. Nestes, o eu-mesmo não deixa a qual grupo social ele está se referindo, porém, posiciona-se sempre em oposição ao *intragrupo*. Por essa razão, o *exogrupo* sempre vem acompanhado de apreciações negativas, feitas por meio da construção argumentativa, realizando uma estratégia de auto apresentação positiva e outro-apresentação negativa sobre o opositor.

Por conseguinte, outras categorias observadas nas análises foram os usos do conectivo “e” e do ponto continuativo. Em ambos, a utilização destes foi identificada com diferentes finalidades das atribuídas nas gramáticas normativas de Língua Portuguesa. Isso porque o conectivo “e” apresenta a função de introduzir um argumento extra ou secundário sobre a primeira parte do comentário, enquanto o ponto continuativo atribui ao texto a característica de ritmar a leitura, garantindo a progressão textual de uma mesma ideia. Porém, em nossa amostra de análise, constatamos alguns casos de uso dessas categorias com valores semânticos que reforçam a separação entre sentenças voltadas para o *intragrupo* e *exogrupo*. Desse modo, os discursos cunhados com essas características apresentam uma divisão, em que uma das partes contém aspectos positivos sobre *nós* e a outra, aspectos negativos sobre *eles*.

As análises das sete categorias linguísticas supracitadas só foram possíveis devido a um campo mais amplo, apresentado no capítulo quatro desta dissertação. Neste, evidenciamos a existência de uma base comum de informações socialmente construída e compartilhada entre os membros dos dois grupos. Dessa forma, as ideologias partilhadas pelos grupos pró e contra o *impeachment* revelam marcas sociais de pertencimento ou rejeição. Ressaltamos, como exemplo, o apoio ou a rejeição ao processo de *impeachment* da ex-presidente; as cores utilizadas pelos manifestantes durante seus protestos; os cognomes criados em meio ao universo das manifestações; o apoio ou a condenação de membros do PT; a identificação à militância de direita ou de esquerda. Os manifestantes apropriam-se dessas informações para fazerem pressuposições e avaliações sobre o *intragrupo* e

exogrupo, conforme os modelos de situações criados por cada comentarista em seu discurso.

Isso posto, destacamos que as escolhas linguísticas realizadas pelo eu-mesmo constroem a polarização discursiva, evidenciada por meio do ato discursivo, revelando o posicionamento de cada comentarista em relação ao evento: a criação do muro para dividir os manifestantes pró e contra o *impeachment*, no dia 17 de abril de 2016, dia da votação na câmara dos deputados. Vimos ainda no capítulo dois desta dissertação as significações que um muro traz para a sociedade e, a partir dessas reflexões, podemos dizer que, em nossa amostra de análise, essa divisão da sociedade não se restringiu ao local em que o muro foi erguido, expandindo-se, muito antes da sua elevação, em esferas virtuais, conforme visto na rede social *Facebook*, que nos serviu de suporte para a coleta dos dados apresentados em nossa análise.

Percebemos que, devido ao fato de a rede social *Facebook*, sobretudo o *post* publicado na página do jornal O Globo, ser de alcance público, não houve pudor na criação de apresentações negativas sobre os manifestantes do *exogrupo*. Além disso, devido ao *Facebook* se configurar como um ambiente em que não há o controle de postagens, os atores sociais sentiam-se mais livres para divulgarem comentários com apreciações e crenças próprias do *intragrupo* e sobre o *exogrupo*, não apresentando para isso nenhum discurso de autoridade ou suporte de referência, os quais poderiam assegurar a veracidade das informações, podendo os comentaristas, em vez disso, estarem ou não propagando informações caluniosas sobre ambos os lados. O objetivo dessas atitudes era apontar aspectos negativos do outro a fim de difamá-lo publicamente.

Resta-nos refletir de maneira crítica sobre as formas de discurso adotadas nos 117 comentários colhidos e analisados em nosso *corpus*. Não obstante, foi possível identificar que a utilização das categorias discursivas, apresentadas anteriormente neste capítulo e nos demais desta dissertação, correspondem a um comportamento característico de um *fandom*, conforme problematizado no capítulo dois deste estudo. Esse tipo de conduta preocupa-se principalmente com a colocação positiva do *intragrupo*, ao passo que busca desqualificar o *exogrupo*. Dessa forma, as construções argumentativas reforçam a polarização, impedindo a promoção do debate construtivo sobre os motivos que levaram tais grupos a se oporem.

Por fim, destacamos que esta pesquisa se limita ao objetivo e ao objeto que elencamos em nossa metodologia. Porém, ressaltamos que, em nosso estudo, não pretendemos de forma alguma esgotar ou estigmatizar as demais possibilidades de pesquisas. Além disso, ressaltamos que nossa pesquisa parte de um modelo de análise por amostragem, seguindo a observação de 117 comentários. Apesar disso, não intentamos fazer generalizações, visto que nosso *corpus* é apenas um recorte dentro de um campo de estudos amplo. Destacamos que há, ainda, outras questões a serem analisadas, tanto com relação às categorias discursivas, cunhadas pela proposta sociocognitiva de ACD de van Dijk, quanto no universo discursivo da rede social *Facebook* e sobre a temática acerca do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, bem como outros assuntos envolvendo questões de cunho sociopolítico.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, S; Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação e informação**, Londrina, v. 12. N. esp., p. 84 – 96, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTON, D; LEE, C. **Linguagem online**. Trad. Mota, M. C. 1ª ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2015.

BARROS, T.H.B. Por uma metodologia do discurso: noções e métodos para uma análise discursiva. In: **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso**: inflexões histórico-conceituais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 73-95

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. (pp.39-63). (Pedrinho A. Guareschi, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERNARDO, J. C. O.; **Hipertexto, diversidade e gênero textual no facebook**. In: IV SIELP - Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2014, Uberlândia MG. IV SIELP - Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa. Uberlândia: EDUFU, 2014. v. 3.

BRAGA, Carlos Primo. **Economia mundial pode ter entrado em uma fase de estagnação secular**. Fundação Dom Cabral. Texto disponibilizado em: 08 de maio 2016. Disponível em:
<<http://www.fdc.org.br/blogespacodialogo/Lists/Postagens/Post.aspx?ID=492>>
Acesso em 06 out. 2016.

BRASIL. Economia e emprego. Salário mínimo teve ganho real de 72,3% em dez anos e ajudou a reduzir pobreza no país. Portal Brasil, 05 ago. 2014. Disponível em:
< www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/08/salario-minimo-teve-ganho-real-de-72-3-em-dez-anos-e-ajudou-a-reduzir-pobreza-no-pais>. Acesso em 31 ago. 2017.

_____. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Secom. Brasília, 2017

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha, São Paulo, Educ, 1999. p. 123 – 132.

BOLÍVAR. A. Las estrategias lingüísticas del discurso ideológico. Hablar para dividir. **Revista SIC**. Ed.728. Setembro-Outubro, 2010. p.348-351. Disponível em:
<<http://saber.ucv.ve/jspui/handle/123456789/3655>>. Acesso em: 27 jun. 2015, p. 348-351.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do Português no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BORGES, G. S.; **Pró ou contra impeachment**: análise de conteúdo sobre as manifestações nas capas do jornal O Globo. 2016. 99f f. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CARDOSO, E. V. M.; **Arquitetura de separação**: uma análise sobre as motivações e consequências dos muros do México e Israel. 2017. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CARVALO, N; KRAMER, R. A linguagem no Facebook. In: SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tânia G (Org). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTELLS, M. **A galáxia internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: PO Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **O poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1ª Ed. São Paulo/Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. **TIC domicílios 2016**. ICT households 2016 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [editor]. – São Paulo, 2017

COSCARELLI, C. V. Texto versus hipertexto: na teoria e na prática. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 147-174.

COXINHAS. In: **Dicio**. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/coxinha/>> Acesso em: 28 jun. 2018.

CUNHA, G. X.; **Para entender o funcionamento do discurso**: uma abordagem modular da complexidade discursiva. Curitiba: Appris, 2014

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EMEDIATO, W.; Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook. In: **Revista da ABRALIN**. V. 14. n.02 p. 171 – 192, jul./dez/. 2015

ENGELS, F.; **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª. Centauro Editora, São Paulo, 2006.

FACEBOOK. O GLOBO, 12 abr. 2016. Disponível em:< <https://www.facebook.com/search/top/?q=segundo%20o%20levantamento%20do%20O%20Globo%20o%20numero%20de%20votos%20a%20favor%20do%20impeachment>>. Acesso em 19 de abril 2018.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Impeachment e as Redes Sociais. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/wp-content/uploads/2016/04/impeachment-redessociais4.jpg>> Acesso em 07 out. 2016.

GARCIA, G. Entenda a crise econômica. **Agência Brasil.** Publicado em 15 mai 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-05/entenda-crise-economica>>. Acesso em 09 out 2016.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia dos Santos Raposo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **Ritual de interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011

GONÇALVES, A. Uma análise de sujeitos genéricos nulos de terceira pessoa do singular em sentenças finitas raízes no português brasileiro. In: **Working papers em Linguística**, Universidade Federal de São Carlos, nº6, p. 30 – 52, 2002.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GUIMARÃES, C. P. **Análise Crítica do Discurso:** Reflexões sobre Contexto em van Dijk e Fairclough. In: Eutomia Revista de Literatura e Linguística. v 1. nº 09. 2012. p. 438 – 457

INSTITUTO DE PESQUISAS DATAFOLHA. Aprovação a governo Dilma Rousseff cai, e reprovação a petista dispara. Publicado em 09 fev 2016. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/02/1587329-aprovacao-a-governo-dilma-rousseff-cai-e-reprovacao-a-petista-dispara.shtml>>. Acesso em 07 out 2016.

JOHNSON-LAIRD, P. N. **Mental Models.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse:** The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

_____. **Reading images: the grammar of visual design.** London; New York: Routledge, 2006 [1996].

LE MOS, A. **O futuro da Internet:** em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÈVY, P. **As tecnologias da Inteligência:** o futuro da inteligência coletiva na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, R. F.; **O par post/comentário em rede social**: um estudo a partir da noção de gêneros textuais. 2015. 183 f. Tese (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

MALINI, F. **17 de abril: quando a Câmara dos Deputados virou alvo do #impeachmentday**. Publicado em 22 abr. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@fabiomalini/17-de-abril-quando-a-c%C3%A2mara-dos-deputados-virou-alvo-a2a6f0e2f48b#.ratxob91o>>. Acesso em 7 out. 2016.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013, 278p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36

MARCUSE, Peter. **No caos, sino muros**: el postmodernismo y la ciudad compartimentada. In: MARTÍN RAMOS, Ángel. (Org.). Lo urbano en 20 autores contemporáneos. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2004, p. 83-90.

MARTELETO, R. M.; **Análise de redes sociais**: aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da informação, Brasília, v.30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2001.

_____. **Redes sociais, mediação e apropriação de informações**: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação. Pesquisa brasileira de ciência informática, Brasília, v. 3, n.1, p. 27-40, jan./dez. 2010.

MEYER, M. **Entre la teoria, método y la política**: la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. In: WODAK, R.; MEYER, M. Métodos de análisis crítico del discurso. Barcelona: Gedisa, 2001.

Moscovici, S.; **Representações Sociais Investigações em Psicologia Social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

MUNIZ, V. C.; **Pontuação**: uma questão prosódica, sintática, discursiva e semântica. Pensares em Revistas, São Gonçalo – RJ, n 8, p. 108 – 129, 2016.

NOBRE, M. **O contexto político atual**. Brasília, 2016. Disponível em:<<https://textosmarcosnobre.wordpress.com/2016/07/07/marcos-nobre-interpreta-o-contexto-politico-atual/>> Acesso em 23 maio 2017.

NOVA, C.; ALVES, L.; **A comunicação digital e as novas perspectivas para a Educação**. Disponível em:<http://lynn.pro.br/pdf/art_redecom.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2013.

PORTAL BRASIL. Salário mínimo teve ganho real de 72,3% em dez anos e ajudou a reduzir pobreza no País. Publicado em 05 set 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/08/salario-minimo-teve-ganho-real-de-72-3-em-dez-anos-e-ajudou-a-reduzir-pobreza-no-pais>>. Acesso em 07 out 2016.

PORTOLÉS, J. **Marcadores del discurso**. 2ª ed. rev. Editora Ariel. Barcelona, 2011

RECUERO, R. **Comunidades virtuais em redes sociais na internet**: proposta de tipologia baseada no fotolog.com. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 334 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, RS, 2006.

_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, N.; MALINI, F. **A hashtag #NãoVaiTerGolpe à luz do método perspectivista de ARS**. In: XXXIX Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016, São Paulo, Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2016.

SANTOS JUNIOR, M. A. **Coxinhas e Petralhas**: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais. Revista Geminis. 2016. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/255/226>>. Acesso em 07 out 2016.

SUA PESQUISA.COM. Commodities. Disponível em:<https://www.suapesquisa.com/o_que_e/commodities.htm>. Acesso em 15 jul. 2016.

TAIT, T. F.C.; TRINDADE, J.T. **Aspectos sociais da informática**. Maringá. EDUEM, 2003.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Repositório de dados eleitorais. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais>>. Acesso em 10 mai 2016.

_____. Resultados das eleições de 2014. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Outubro/presidente-do-tse-proclama-resultado-provisorio-das-eleicoes-para-presidente-da-republica-no-2o-turno>>. Acesso em 10 mai 2016.

TOMAZI, M. M.; NATALE, R. (Des)caminhos da violência de gênero no Brasil: discurso, mídia e representação social. In:_____. SILVA, D. E. G.; PARDO, M. L. **Passado, presente e futuro dos estudos dos discurso na América Latina**. Brasília, 2015.

VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. Nueva York: Academic Press, 1983.

_____. **Ideología**: una aproximación multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 1999a.

_____. **El análisis crítico del discurso**. In: Anthropos. Barcelona. 1999b, p. 23-36.

_____. El Discurso como Interacción en la Sociedad. In: VAN DIJK, T. A. (Org.). **El discurso como interacción social**: estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2000, p. 19-66.

_____. **La multidisciplinariedad de la análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad.** In: WODAK, R.; MEYER, M. Métodos de análisis crítico del discurso. Barcelona: Gedisa, 2001.

_____. **Discourse, Context and Cognition.** In: Discourse Studies. Vol 8, p. 159-177. London, Sage, 2006.

_____. **Sociedad y discurso: cómo influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación.** Barcelona: Gedisa, 2011.

_____. **Discurso e Poder.** Tradução e organização: Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2012a.

_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012b.

_____. Política, Ideologia e discurso. In: MELO, I. F. (Org.) **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática.** Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012c, p. 15-49.

_____. Análise Crítica do Discurso. In: TOMAZI, Mattedi Tomazi. et al. **Estudos discursivos em diferentes perspectivas: mídia, sociedade e direito.** São Paulo: Terracota Editora, 2016, p. 19 - 35.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: _____. **Linguagem em (Dis)curso. LemD, Tubarão,** v. 4, 2004. p. 223 - 243

ANEXOS



Pesquisar Facebook



Anna Maria



C01

uma vergonha saber que pessoas ainda defendem o atual governo e depois de todas as notícias de corrupção.

1 ano Curtir Responder

97



respondeu · 37 respostas



C02

A diferença. .que o lado pro impeachment vão de graça a favor da limpa no país e o lado mortadela serão financiados pelos "coxinhas" Que trabalham e sustentam o país. Fora PETRALHADA

1 ano Curtir Responder

75



respondeu · 17 respostas



C03

Os brasileiros que defendem a Pátria Amada estarão de verde e amarelo e suas bandeiras. Os que pensam que estão fazendo algo estarão de vermelho e com armas brancas.

1 ano Curtir Responder



respondeu · 3 respostas



C04

Que pobreza de espetacolo!Imaginem como vao rir no mundo do Brasil.Um Parlamento cheio de corruptos e indagados festejando o impeachment da Presidente...

1 ano Curtir Responder

6



respondeu · 2 respostas



C05

Os defensores devem ter se acostumado a receber ajuda social na miséria. Se acostumaram com a miséria e métodos de sobrevive-la, carente por um um governo de criminosos

1 ano Curtir Responder



C06

De um lado, a parte inteligente q ainda resta nesse país. Do outro, comedores de mortadela e beneficiários irregulares do bolsa-família.. Temendo perder o benefício e ir pegar numa enxada daqui por diante..

1 ano Curtir Responder

33



respondeu · 14 respostas



C07

Os coxinhas se fosse de bem mesmo estariam lutando contra o golpe!Fato!!

1 ano Curtir Responder

6

Escreva um comentário...





Pesquisar Facebook



Anna Maria



C08

Política não é partida de time de se está acostumado a apoiar um partido cegamente, isto é de uma ignorância sem tamanho

1 ano Curtir Responder



C09

Dizer o que de tamanha imbecilidade

1 ano Curtir Responder



C10

Como pró? TODO MUNDO sabe que é transporte, R\$ 30,00 e um sanduiche de mortadela. Assim, podem achar 60 milhões ou mais a favor deLLa, pois, miséria, fome, ignorância, alienação, burrice, idiotice é o que não falta na republiqueta do cocô.

1 ano Curtir Responder



C11

Chega de mortadela.

1 ano Curtir Responder



C12

Do jeito que essa gente tá descontrolada, acho mais seguro mesmo.

1 ano Curtir Responder



C13

Tem que dividir mesmo estes coxinhas são doidos não podem ver ninguém de vermelho.O pt é vermelho por dentro e por fora,os coxinhas nem sabem o hino

1 ano Curtir Responder



C14

NÃO VAI TER GOLPE!

1 ano Curtir Responder



C15

Separando aqui um pouquinho do meu bolsa familia para poder comprar meus pães e uns duzentos gramas de mortadela, bora acampar na Esplanada!

1 ano Curtir Responder



C16

A diferença ; de um lado os trabalhadores honestos do Brasil que pagam seus impostos para financiarem este governo de merda e do outro , os comprados pelo dito governo.

1 ano Curtir Responder



C17

Não vai ter golpe

Escreva um comentário...



Feed de Notícias



Solicitações



Notificações



Mais



Pesquisar Facebook



Anna Maria



C17

Não vai ter golpe

1 ano Curtir Responder



C18

CHORA COXINHAS A HORA DA VERDADE ESTA CHEGANDO O MAL NUNCA VENCERA O BEM A VERDADE SEMPRE PREVALECE

1 ano Curtir Responder



C19

E realmente querem jogar gasolina nesse povo. Só fico na plateia so olhando.

1 ano Curtir Responder



C20

E lá vem mais farra do dinheiro fácil de gente sendo comprada pelo PT pra fazer algazarra. Oh senhor.

1 ano Curtir Responder



C21

Isso vai dar merda... Depois que o impeachment for aprovado...E ELA VAI SER APROVADO COM TODA CERTEZA...os sanguessugas vermelhos, famintos por pão com mortadela e 25 reais...vão atacar os trabalhadores de bem, que estarão lá, comemorando o início do fim da corrupção crônica

1 ano Curtir Responder



C22

Não vai ter golpe

1 ano Curtir Responder



C23

O Brasil está falido, moralmente destruído e nós precisamos recuperar o amor à nossa bandeira. A bandeira do Brasil jamais será vermelha.

1 ano Curtir Responder



C24

De um lado Defensores do golpe, Do outro lado defensores do Eduardo Cunha

1 ano Curtir Responder



C25

Os "manifestantes" dos pixulequeiros só vão se receberem o kit acarajé: transporte, camisa, lanche e uma grana!!!

1 ano Curtir Responder



C26

Não vai ter golpe

Escreva um comentário...





Pesquisar Facebook



Anna Maria



C27

Ainda bem! Pois como dizia D. Florinda: "Não se misture com gentilhas" FORA PT!

1 ano Curtir Responder



C28

Abaixo o Golpe! FICA DILMA

1 ano Curtir Responder



C29

OS MORTADELAS E OS CORRUPOTOS DE UM LADO E O POVO BRASILEIRO HONESTO DO OUTRO

1 ano Curtir Responder



C30

É.... Porque estes petistas são todos bichos amestrados....porque se o chefe mandar comer merda eles vão sem discutir.....

1 ano Curtir Responder



C31

FICA DILMA

1 ano Curtir Responder



C32

Cuidado para não passar mal!! Mortadela com esse calor estraga muito rápido

1 ano Curtir Responder



C33

Este pessoal q defende ladrao deveria ter vergonha..mas coitados sao os comissionados e por um pao c mortadela...tenho pena da maneira como usam os mais simples..

1 ano Curtir Responder



C34

Vamos galera, vamos juntar bastante brasileiros e ir à luta por um país melhor e tirar essa jumenta... Ops! PresidentA kkkkkkkkkkkkkkkkk

1 ano Curtir Responder



C35

FIESP, CNI E GLOBO, TERAQ QUE CONTRATAR MUITOS FIGURANTES.

1 ano Curtir Responder



C36

Um bando de mortadelas pronto para atacar e ferir o povo de bem

1 ano Curtir Responder



C37

Escreva um comentário...



Feed de Notícias



Solicitações



Notificações



Mais



Pesquisar Facebook



Anna Maria



C37

Sem querer desanimar os defensores do Golpe ,esse impitma já caiu,até porque qual a moral daquele Cunha para derrubar presidente.

1 ano Curtir Responder



C38

QUER DIZER QUE TEREMOS UM DUELO DE BRASILEIROS E JUMENTOS? Hahahahahah que hilárioJá estou até vendo...

1 ano Curtir Responder



C39

O muro da ignorância política brasileira!!!! isso é golpe!!!

1 ano Curtir Responder



C40

Isso aí vai ser uma treta muito maligna, tipo batalha de warcraft mesmo.

1 ano Curtir Responder



C41

agora que voces estao vendo, sempre foi dividido os burgos contra a plebe.

1 ano Curtir Responder



C42

Bem feito,,,,, pra este idiotas que votaram nesta encantadora de jumento, estao se ferrando.

1 ano Curtir Responder



C43

muro de democracia de trabalhadores e mortadelas!! falo nada....

1 ano Curtir Responder



C44

Esse aí é o " MORO " da vergonha...pessoas que reproduzem o fascismo..e nem se dão conta , me dá vergonha !!!

1 ano Curtir Responder



C45

DE UM LADO, OS BRASILEIROS, DE OUTRO LADO OS ANALFABETOS, QUE VIVE DE MORTADELA E ALGUMA BOLSA AUXILIO.

1 ano Curtir Responder



C46

,,,o muro da vergonha....

1 ano Curtir Responder



C47

NÃO VAI TER GOLPE!

Escreva um comentário...



Feed de Notícias



Solicitações



Notificações



Mais



Pesquisar Facebook



Anna Maria



C47

NÃO VAI TER GOLPE!

1 ano Curtir Responder



C48

Muro da vergonha!

1 ano Curtir Responder



C49

brasileiros clamando pelo impeachment e mortadelas esperando o bolsa esmola

1 ano Curtir Responder



C50

O horror! É assim que os golpistas querem, um país dividido! Por isso não vai ter golpe! O Brasil é do povo! Chega de donatários! Chega de usurpadores!

1 ano Curtir Responder



C51

lado A e lado B ? isso vai dar certo?

1 ano Curtir Responder



C52

Fora PT

1 ano Curtir Responder



C53

NÃO VAI TER GOLPE!

1 ano Curtir Responder



C54

Muro de brasileiros e mortadelas

1 ano Curtir Responder



C55

Os mortadelas estarão prontos para atacar aqueles que irão protestar por um país melhor!! Cuidado amigos!!!

1 ano Curtir Responder



C56

isto é golpe liderado por globo, burguesia, coxinhas e cia, so q o poder d manipulação deles ã é mais o msm por isso #NãoVaiTerGolpe!!!

1 ano Curtir Responder



C57

É melhor ir enfrentar com garra e colocar essa DILMERDA para fora do que ficar a vida toda em casa esperando o bolsa esmola de cada mês!

1 ano Curtir Responder

Escreva um comentário...



Feed de Notícias



Solicitações



Notificações



Mais



Pesquisar Facebook



Anna Maria



C58

Os coxinhas são iludidos e não percebem o golpe. É lamentável saber que que somente pessoas esclarecidas que enxergam o óbvio.

1 ano Curtir Responder



C59

elite golpista

1 ano Curtir Responder



C60

Precisa de segurança afinal tem muito bandido vermelho.... roubam tudo

1 ano Curtir Responder



1



C61

É vergonhoso saber que tem pessoas que ainda defendem esse governo! Lamentável!

1 ano Curtir Responder



C62

Pode contar vai dar merda

1 ano Curtir Responder



C63

Tenho uma leve impressão que vai da Merda!

1 ano Curtir Responder



C64

claro que são distintas quem defende os golpistas são a elite e não os movimentos sociais.

1 ano Curtir Responder



7



C65

O POVO DE BEM ESTA CADA VEZ MAIS PRÓXIMO DE EXPULSAR ESSE CÂNCER CHAMADO PT

1 ano Curtir Responder



C66

Vai ter muita mortadela nesta bagaça.

1 ano Curtir Responder



1



C67

Igual clássico no futebol com torcida separada. Kkk

1 ano Curtir Responder



C68

O Brasileiro honesto será milhões. Fora PT

1 ano Curtir Responder



C69

Escreva um comentário...



Feed de Notícias



Solicitações



Notificações



Mais



Pesquisar Facebook



Anna Maria



C69

Não vai dar certo ! Mortes vão acontecer

1 ano

Curtir

Responder



C70

Prepare para Civil War

1 ano

Curtir

Responder



C71

Não vai ter golpe

1 ano

Curtir

Responder



C72

De um lado defensores do crescimento de um país c menos corrupção, do outro lado defensores da mortadela.

1 ano

Curtir

Responder



respondeu · 1 resposta



C73

O bicho vai pegar.



1 ano

Curtir

Responder



C74

Não vai ter golpe

1 ano

Curtir

Responder



C75

O muro vai dividir defensores do golpe e defensores do Brasil

1 ano

Curtir

Responder



C76

VAI. DAR. MERDA.

1 ano

Curtir

Responder



C77

Fora Dilma!

1 ano

Curtir

Responder



C78

Vai dar merda capitão!



1 ano

Curtir

Responder



C79

Vai dar merda

1 ano

Curtir

Responder

Escreva um comentário...



- **C80**
Legal. Assim ficará evidente a diferença. Haha
1 ano Curtir Responder 1
- **C81**
vai ter guerra Civil?
1 ano Curtir Responder
- **C82**
Não entendo esta gente que defende estes canalhas .
1 ano Curtir Responder
- **C83**
FICA DILMA
1 ano Curtir Responder
- **C84**
A mão de obra do serviço do muro da vergonha é realizada por presidiários????
1 ano Curtir Responder 1
- **C85**
Que haja bom senso!
1 ano Curtir Responder
- **C86**
Quanto aqui queriam como eu poder estar lá, com os irmãos de pátria de verde e amarelo?
1 ano Curtir Responder 4
- **C87**
Fora Dilma!
1 ano Curtir Responder
- **C88**
Vergonha !
1 ano Curtir Responder
- **C89**
FICA DILMA
1 ano Curtir Responder
- **C90**
FICA DILMA
1 ano Curtir Responder
- **C91**
Não vai ter golpe
1 ano Curtir Responder

Escreva um comentário...



1 ano Curtir Responder

1 ano Curtir Responder

1

1 ano	Curtir	Responder
-------	--------	-----------

1

 respondeu · 3 respostas

 2

1

1 ano Curtir Responder

1 ano Curtir Responder

1 ano Curtir Responder



C102

Jornaleco partidário.

1 ano Curtir Responder



C103

Resumindo: quem vive de mortadela, morre na miséria! :)

1 ano Curtir Responder



C104

Tipo estão separando ricos (o q pensa ser rico) e pobres é isso?

1 ano Curtir Responder



C105

Fora Dilma e seu bando!!

1 ano Curtir Responder



C106

Maconheiros,gays,vagabundos,membros de facção,feministas etc...esses sao os que se dizem a favor da democracia. Fora PETRALHADA!

1 ano Curtir Responder



C53

NÃO VAI TER GOLPE!

1 ano Curtir Responder



C108

Fora Dilma e seu bando

1 ano Curtir Responder



C109

elite golpista transforma manifestação em camarote vip.

1 ano Curtir Responder



C110

A única forma do PT permanecer no poder é dando "Bolsa Esmola" para um monte de vagabundos

1 ano Curtir Responder



C111

O EXERCITO BRASILEIRO ESTA COM OS BRASILEIROS DO BEM-----

1 ano Curtir Responder



C112

NÃO VAI TER GOLPE!

Escreva um comentário...





Pesquisar Facebook



Anna Maria



C112

NÃO VAI TER GOLPE!

1 ano Curtir Responder



C113

É ou não é luta de classes ?

1 ano Curtir Responder



C114

Vai dar merda

1 ano Curtir Responder



C115

Casa grande e senzala, e o muro dividindo.

1 ano Curtir Responder



C116

CRIME sem IMPEACHMENT é GOLPE!

1 ano Curtir Responder



C117

Fora Dilma

1 ano Curtir Responder

Escreva um comentário...



Feed de Notícias



Solicitações



Notificações



Mais